

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GRASIELA MARTINS LOPES POLEZE

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO:
ATORES, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES (1943-1957)**

**VITÓRIA
2014**

GRASIELA MARTINS LOPES POLEZE

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO:
ATORES, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES (1943-1957).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na linha de História da Educação, da Educação Física e do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Omar Schneider

**VITÓRIA
2014**

GRASIELA MARTINS LOPES POLEZE

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO:
ATORES, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES (1943-1957)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na linha de História da Educação, da Educação Física e do Esporte.

Aprovada em ____ de _____ de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Omar Schneider
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Regina Helena Simões
Universidade Federal do Espírito Santo

A adversidade desperta em nós capacidades que,
em circunstâncias favoráveis, teriam ficado
adormecidas.

(Horácio)

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo o que tenho e tudo o que sou, mas principalmente pela fé que forja em mim a coragem para as conquistas.

À minha mãe, Lourdes Lopes de Oliveira, por seu imenso amor, pelos valores e pela presença e dedicação perante todas as lutas.

Aos meus companheiros de Proteroria que me ensinaram os caminhos menos tortuosos rumo ao crescimento acadêmico.

Aos participantes da pesquisa, os ex-alunos do colégio que me doaram um pouco de seu tempo e privacidade para narrar a história da Educação Física da qual fizeram parte.

A meu orientador, Prof. Dr. Omar Schneider, pela dedicação ao meu crescimento profissional e pessoal, porque com ele recebi muito mais do que instrução, recebi, amizade e companheirismo. Com ele conheci uma forma mais ampla de enxergar o mundo, que servirá de referência para toda a minha trajetória pessoal e profissional.

À Universidade Federal do Espírito Santo, que disponibilizou, para além de sua estrutura, condições financeiras para que eu pudesse chegar ao fim.

Ao CNPQ e à Fapes pela ajuda financeira para o desenvolvimento da pesquisa.

À banca, Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto e Prof^a Dr^a Regina Helena Simões, pela disponibilidade em participar deste momento tão importante para minha formação e pelos preciosos apontamentos que enriqueceram este trabalho.

Ao meu marido, Sergio Grippa Poleze, pelo seu amor, dedicação, paciência e abnegação nesta luta, pela qual tivemos adiar alguns planos devido à busca pelo meu crescimento profissional.

Muito obrigada!

RESUMO

O estudo faz parte da pesquisa “História e memória da Educação Física e do esporte no Espírito Santo: autores, atores e instituições (1931-1961)”. Busca compreender o processo de institucionalização da Educação Física como disciplina escolar na região do Espírito Santo, entre as décadas de 1940 e 1950. Tem como objeto de investigação a Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo, objetivando perceber um pouco de suas práticas, dos seus atores e de suas representações na sociedade capixaba. Como referencial teórico-metodológico, utiliza os conceitos de estratégias e táticas, lutas de representações e do paradigma indiciário. As fontes para o estudo são o arquivo do Colégio Estadual do Espírito Santo, o arquivo permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, os artigos da revista Vida Capixaba e dos jornais A Gazeta e A Tribuna nas seções esportivas, o arquivo Aloyr Queiroz de Araújo (ex-professor do colégio), bem como entrevistas realizadas com os atores que fizeram parte da história da instituição investigada. As produções acadêmicas revelam uma história do Colégio Estadual contada com base em documentos oficiais e narrada a partir dos antagonismos relacionados entre o desejo da sociedade capixaba em se modernizar perante o Brasil e as verdadeiras condições estruturais dessa instituição em tornar esse sonho possível. No período focalizado, a Educação Física escolar passa a se tornar progressivamente mais esportivizada e menos relacionada com o ensino da ginástica, em função da valorização do movimento olímpico no início do século XX, dos esportes após a Segunda Guerra Mundial e também das mudanças econômicas ocorridas no Brasil e no Espírito Santo. Muda-se o foco de atuação da Educação Física da busca pela ortopedia para a busca pela eficácia. Matérias localizadas nos impressos indicam a importância que a instituição assume para a formação da elite capixaba, o que acontece também com referência ao esporte, uma vez que as conquistas do colégio, no campo esportivo, aparecem constantemente nos periódicos analisados. A presença do colégio, nos momentos cívicos representados nos documentos, realça o sentimento patriótico da juventude, mesmo pelo incentivo de políticas estatais. O esporte, no contexto estudado, indica o esforço dessa sociedade em evidenciar os avanços obtidos na busca pela superação de sua condição político-econômica e como parte do seu projeto para o engajamento na modernização do País. As entrevistas demonstraram alguns contrapontos entre o que se pretendia com os ideais projetados para a escola e para a Educação Física e as posturas reais de alguns de seus atores. O esporte é apontado como uma prática presente e valorizada nas atividades escolares, confundindo-se com as práticas realizadas nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física. Colégio Estadual do Espírito Santo. Esporte.

ABSTRACT

The study is part of the research "History and Memory of Physical Education and sport in Espírito Santo: authors, actors and institutions (1931-1961)". It seeks to understand the process of institutionalization of Physical Education as a school discipline in the Espírito Santo region between the 1940s and 1950s. It has the Physical Education as object of investigation in the Colégio Estadual do Espírito Santo, in order to realize some of their practices, their actors and their representations in capixaba society. As a theoretical and methodological framework, uses the concepts of strategy and tactics, representation struggles and evidentiary paradigm. The sources for the study are the files of the Colégio Estadual do Espírito Santo, the permanent archive of the Centro de Educação Física e Desportos from Universidade Federal do Espírito Santo, articles from Vida Capixaba magazine and newspapers A Gazeta and A Tribuna in sports sections, the Aloyr Queiroz Araújo archive (former teacher from the Colégio Estadual), as well as interviews with the actors who were part of the history of the institution investigated. The academic productions reveal a told history of the Colégio Estadual based on official documents and narrated from the antagonism between related desire of the capixaba society to modernize before the Brazil and the true structural conditions that institution in making this dream possible. On the focused period, the Physical Education shall become progressively more sportive and less related to the teaching of gymnastics, due to the appreciation of the Olympic movement in the early twentieth century, sports after World War II and also the economic changes in Brazil and in the State of Espírito Santo. Moves the focus of the Physical Education from orthopedics objectives to the search for effectiveness. Located on printed materials indicate the importance that the institution takes to the formation of capixaba elite, which also happens with reference to sports, since the achievements of the school, in sports field constantly appear in the journals analyzed. The presence of the college in the civic moments represented in the documents, highlights the patriotic feeling of youth, even with the incentive of state policy. The sport, in the studied context, indicates the effort of this society to highlight the progress made in the quest to overcome its political and economic conditions and as part of its project to engage in modernization of the country. Interviews showed some counterpoints between what is intended with the ideal designed for school and Physical Education and the real attitudes of some of his actors. The sport is named as a present and valued practice in school activities, mingling with practices held in the Physical Education classes.

Keywords: Physical Education. Colégio Estadual do Espírito Santo. Sports.

LISTA DE SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
ACM	Associação Cristã de Moços
Anped	Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Educação
Capex	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
Cees	Colégio Estadual do Espírito Santo
Cefd	Centro de Educação Física e Desporto
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Conbrace	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
Escelsa	Espírito Santo Centrais Elétricas S. A.
Fafi	Faculdade de Filosofia
Seph	Seção de Educação Física e Higiene
Pibicjr	Projeto de Iniciação Científica Júnior
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo
Uages	União Atlética do Ginásio Espírito-Santense

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – GABINETE DE ANTROPOMETRIA.....	29
FIGURA 2 – ESTÁDIO GOVERNADOR BLEY.....	35
FIGURA 3 – OLIMPÍADAS ESCOLARES DE 1946.....	38
FIGURA 4 – ARQUIVO DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO.....	49
FIGURA 5 – ARQUIVO DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO.....	49
FIGURA 6 – TRABALHO NO ARQUIVO DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO.....	50
FIGURA 7 – EXAME BIOMÉTRICO.....	57
FIGURA 8 – A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESPÍRITO SANTO.....	59
FIGURA 9 – PALESTRA SOBRE A PÁTRIA.....	61
FIGURA 10 – OLIMPÍADAS ESCOLARES.....	62
FIGURA 11 – AS FESTIVIDADES.....	75
FIGURA 12 – O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	78
FIGURA 13 – OLIMPÍADAS ESCOLARES DE 1946.....	81
FIGURA 14 – AS CONQUISTAS ESPORTIVAS.....	82
FIGURA 15 – ABERTURA DO PERÍODO LETIVO.....	82
FIGURA 16 – DESFILES CÍVICOS.....	90
FIGURA 17 – PARADA ESCOLAR.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
OBJETIVOS	16
PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	16
CAPÍTULO I.....	23
1 DEBATE ACADÊMICO SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E NO ESPÍRITO SANTO	23
1.1 INTRODUÇÃO	23
1.2 INDICATIVOS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL	28
1.3 CONSIDERAÇÕES.....	37
CAPÍTULO II.....	41
2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO: INDÍCIOS DA ESCOLARIZAÇÃO DE UMA DISCIPLINA ENTRE OS ANOS DE 1943 e 1957.....	41
2.1 INTRODUÇÃO	41
2.2 INVESTIGANDO OS DOCUMENTOS DO COLÉGIO.....	51
2.3 CONSIDERAÇÕES.....	64
CAPÍTULO III.....	68
3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO: AS PRÁTICAS DE REPRESENTAÇÃO NA IMPRENSA CAPIXABA (1943-1957)	68
3.1 INTRODUÇÃO	68
3.2 OS DISCURSOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA IMPRENSA CAPIXABA.....	72
3.3 CONSIDERAÇÕES.....	83
CAPÍTULO IV	85
4 COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO IDEAL PARA AS PRÁTICAS FÍSICAS ESCOLARES (1943-1957)	85
4.1 INTRODUÇÃO	85
4.2 AS OLIMPÍADAS ESCOLARES COMO VITRINE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES.....	89
4.3 CONSIDERAÇÕES.....	95

CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	100
FONTES.....	105
ENTREVISTADOS.....	107
APÊNDICES.....	108
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM EX-ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950.....	109
APÊNDICE B - MAPEAMENTO SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA REFERENTE AO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO.....	110
ANEXO	112
ANEXO – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	113

INTRODUÇÃO¹

Este estudo representa o produto do processo formativo desta pesquisadora que se iniciou com a entrada, em 2007, para o curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. O ano de 2008 foi outra data marcante nessa trajetória, pois caracteriza o momento dos primeiros passos no “mundo” das pesquisas acadêmicas e nos projetos de iniciação científica no Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria). Isso oportunizou o acesso a um aprendizado significativo apoiado nas orientações recebidas pelos professores e colegas mais experientes desse espaço, produzindo pesquisas que possibilitassem a compreensão e a difusão dos conhecimentos relacionados com a área da Educação Física. O exercício dessa práxis educacional despertou o interesse pela ampliação e qualificação dos conhecimentos e da formação, tendo no mestrado a possibilidade do desenvolvimento almejado.

A temática deste estudo surgiu de um projeto maior que pesquisa a “História e memória da Educação Física e do esporte no Espírito Santo: autores, atores e instituições (1931-1961)” e procura dar continuidade à pesquisa “Higiene, ginástica, Educação e Educação Física: circulação e apropriação de modelos pedagógicos no Estado do Espírito Santo”, desenvolvida entre os anos de 2009 e 2011, focalizando as práticas, as representações e os autores que, nas três primeiras décadas do século XX, sintetizaram e buscaram sistematizar um programa para a implantação da ginástica e da Educação Física nos currículos escolares do Espírito Santo. Nesta nova fase, buscamos compreender o processo de institucionalização da Educação Física como disciplina escolar na região do Espírito Santo, entre os anos de 1943 e 1957, ambientada no Colégio Estadual do Espírito Santo, e identificar seus atores, suas práticas e suas representações no cenário capixaba.

No estudo realizado entre 2009 e 2011, percebemos que, da Região Sudeste, o Espírito Santo é o Estado que possui o menor desenvolvimento em relação às pesquisas sobre a sua história da Educação Física e do esporte, apontando que estudos produzidos em regiões vizinhas, com grupos mais consolidados nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, se tornaram referências para se compreender o desenvolvimento dos temas

¹ Estudo financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital CNPq/Fapes 02/2011, Programa Primeiros Projetos, Processo n.º 53.661.524; Edital Apoio a Projetos de Pesquisa CNPq e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) 07/2011, Processo n.º 401.329/2011-9; como também com a bolsa de mestrado oferecida pelo CNPq.

relacionados com história da Educação Física e do esporte. As experiências educacionais e esportivas que ocorreram em outras regiões, apesar de interessantes, não são explicativas para o vasto território nacional, pois as culturas locais, as condições econômicas, políticas e educacionais permitem ou interditam práticas que consideramos viáveis, aceitáveis e mesmo generalizáveis.

No presente estudo, utilizamos os conceitos de estratégias e táticas, de lutas de representações e do paradigma indiciário distribuídos entre diferenciados instrumentos, como a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e as entrevistas, que visam a compreender e aprofundar alguns elementos da investigação, tomando como referência o alargamento temático proposto por Nunes (1992). Devemos realçar a materialidade dos dispositivos, o que permite aos pesquisadores/leitores a identificação quanto aos limites de tais fontes e, dessa maneira, demonstrar as marcas de suas produções e de seus usos, pois, de acordo com Le Goff (2003), cada documento se configura num monumento construtor de memória e da sua impossibilidade de se constituir como um elemento neutro.

A primeira data para iniciar a periodização do estudo se justifica por ser nesse ano que a instituição deixou a categoria de ginásio e elevou-se à categoria de colégio equiparado ao Pedro II,² instituição que funcionava na cidade do Rio de Janeiro, considerada modelar para as outras escolas que pretendiam oferecer o exame preparatório para o acesso direto ao ensino superior. A segunda data justifica o encerramento da periodização por ser nesse ano que o Colégio Estadual do Espírito Santo passou a contar com uma arquitetura própria e, portanto, até esse momento, não tinha espaços adequados para a prática da Educação Física e dos esportes.

Além disso, a opção pelo período de 14 anos, selecionado para o estudo, permite-nos analisar o processo de sistematização da Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo em um momento em que ele não possuía as condições otimizadas para oferecer essa prática dentro da própria instituição, tendo de utilizar outros espaços sociais para ministrar as aulas de Educação Física e as práticas esportivas. Esse é um momento em que se torna

² Tradicional instituição de ensino público federal, localizada na Capital do Rio de Janeiro. É o segundo mais antigo dentre os colégios em atividade no País. Fundado na época do período regencial brasileiro, integrava um projeto civilizatório mais amplo do Império do Brasil, propondo-se formar os quadros políticos e intelectuais para os postos da alta administração.

possível investigar as estratégias e táticas políticas e econômicas que envolvem a manutenção do *status* de colégio por diversos âmbitos da sociedade capixaba, como forma de engajar-se ao otimismo vivenciado pelo processo de modernização brasileiro. Desse modo, buscamos analisar as formas utilizadas para fazer a Educação Física tornar-se uma realidade no cotidiano do Colégio Estadual do Espírito Santo por meio das representações dos seus atores, que podem ser percebidas nos relatos dos ex-alunos do colégio e também pela análise de um conjunto de fontes distribuídas em diferentes acervos.

Para compreendermos a História da Educação Física e do esporte no Espírito Santo, não é possível deixar de levar em consideração as instituições que foram responsáveis por introduzir essas práticas na sociedade capixaba. Como observa Norbert Elias (1994), o papel do esporte deve ser levado em consideração ao se estudar a organização da sociedade, pois ele possui uma função civilizadora do ambiente urbano que foi naturalizado e que precisa ser revelado por pesquisas que busquem analisar o impacto dessas práticas na configuração da modernidade.

Como alguns estudos vêm demonstrando, principalmente Simões, Salim e Tavares (2006) e Salim (2009), o Colégio Estadual do Espírito Santo foi e é uma importante instituição educacional para se compreender a história da Educação no Espírito Santo, pois foi a primeira instituição de ensino secundário público do Estado. Da mesma forma, esse colégio é importante para entendermos a história da Educação Física capixaba, uma vez que, como instituição equiparada ao Pedro II, ele deveria oferecer todas as disciplinas que naquela escola faziam parte do currículo de formação do aluno. Entre as disciplinas ofertadas no Pedro II, contava-se com a ginástica, também chamada de Educação Física.

Buscamos compreender como essa disciplina foi materializada no Colégio Estadual do Espírito Santo, tentando perceber: quem eram os professores de Educação Física e suas formações no período focalizado? Quais práticas foram instituídas para possibilitar que Educação Física se tornasse uma matéria do currículo da instituição? Quais os destaques relacionados com a Educação Física e o esporte que a instituição teve na imprensa periódica capixaba? De que forma a Educação Física e o esporte foram representados nas matérias veiculadas nos impressos?

Como instituição centenária, o Colégio Estadual do Espírito Santo preserva boa parte da história da Educação Física e do esporte no Espírito Santo, o que permite compreender o

desenvolvimento de diversas disciplinas, entre elas o itinerário de institucionalização da Educação Física e dos saberes pedagógicos que lhe davam suporte na escola, assim como as práticas de ensino realizadas.

Nesse contexto, o esporte e a ginástica possuem uma relação entre si na constituição das práticas responsáveis pela escolarização da Educação Física como disciplina. Provavelmente a escola é o lugar em que muitos alunos têm o primeiro contato de forma mais sistematizada com a Educação Física e com o esporte. Desse modo, é possível analisar a disseminação da Educação Física e do esporte em outros ambientes sociais, tendo como foco a difusão dessas práticas no ambiente escolar ao mesmo tempo em que se analisa a sua contribuição em meados do século XX, para que a sociedade brasileira pudesse ser elevada ao patamar das nações tidas como na vanguarda da modernidade,³ o que também sinaliza a busca pela modernidade educacional no Espírito Santo.

Apesar de outros estudos, como apresentamos adiante na revisão, já terem se debruçado sobre essa temática, entendemos que ainda podemos oferecer uma análise sobre outro ponto de vista, para além dos questionamentos sobre a aquilo que se apresentava como discurso de valorização das aulas de Educação Física, dos elementos que a significariam como disciplina escolar, dos aspectos formativos de seus lentes,⁴ ou ainda do contexto de manutenção do título de colégio para a instituição. Temos procurado reconhecer os significados da Educação Física no período estudado para compreender os elementos que a transformaram em um componente pedagógico da escola, sendo necessária a retomada do seu processo de escolarização para tentar perceber quais outros elementos, para além dos discursos sobre os ganhos biológicos pelos alunos, participam na construção dessa história.

Buscamos desenvolver uma investigação para compreender como foi o processo de escolarização da Educação Física, os discursos a seu respeito, a sua relação com as práticas esportivas e os significados a ela atribuídos pelos escolares.

³ Em vários momentos na dissertação, utilizamos os termos *moderno*, *modernidade* e *modernização* de uma forma desvinculada do seu contexto gerador, de suas temporalidades. Os usos dessas palavras são uma forma de sinalizar o processo de transformação vivenciado pelo Brasil e pelo Espírito Santo nas primeiras décadas do século XXI, significando, nesse contexto, a busca pelo novo e pelo desenvolvimento.

⁴ Assim eram chamados naquele período os professores concursados.

OBJETIVOS

Estabelecemos, para o desenvolvimento de nossa pesquisa, os seguintes objetivos:

- a) compreender o itinerário de constituição da Educação Física como disciplina escolar no Colégio Estadual do Espírito Santo, entre os anos de 1943 e 1957;
- b) analisar os meios empregados para tornar a Educação Física uma disciplina regular no currículo de formação dos alunos do Colégio Estadual do Espírito Santo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com o alargamento temático proporcionado pela História Cultural, outras reflexões se fazem necessárias. Exemplos são apresentados por Nunes e Carvalho (1993, p. 29) no estudo que disserta sobre Historiografia e fontes. Perguntam as autoras:

[...] quantas são as histórias embutidas num levantamento de história da educação? É possível entrever algumas: a história administrativa, a história política, a história biográfica, a história intelectual, a história religiosa, a história econômica. Entranhadas nos fragmentos arquivísticos e bibliográficos, estas histórias tecem pelo avesso as histórias da educação e nos ajudam a destacar a especificidade do objeto pedagógico que reside no seu caráter multifacetado [...] [que exige] o concurso de vários domínios do saber para ser aprendido na sua inteireza (sempre fugidia) e na sua complexidade (sempre em aberto).

De acordo com Nunes (1992, p. 152), essa nova investida que prioriza o exame dos objetos investigados, utilizando como referência a cultura, faz com que se rompa a “[...] cristalização das matrizes interpretativas”, o que, segundo a autora, permite que se produzam novas abordagens de velhos objetos. Nunes e Carvalho (1993, p. 44), discutindo essa proposição, esclarecem: “[...] esses ‘velhos’ objetos, tornam-se [...] ‘novos’, porque são apanhados numa perspectiva que realça sua materialidade de dispositivos, através dos quais bens culturais são produzidos, postos a circular e apropriados”.

Desse modo, a metodologia projeta os objetos em termos de uma *arqueologia* que, de acordo com Carvalho (1998), implica tratar os documentos analisados como objetos culturais que, constitutivamente, guardam as marcas de sua produção e de seus usos. Nesse sentido, apesar de a documentação Arquivo institucional do Centro de Educação Física e Desporto

(Cefd), Arquivo Aloyr Queiroz de Araújo, os impressos que circularam no período (Vida Capichaba, A Gazeta e A Tribuna) e o Arquivo institucional do Colégio Estadual do Espírito Santo (Ceas) se apresentarem como fontes privilegiadas para compreendermos os debates sobre a instrução pública, no período focalizado, é necessário entender que tais arquivos não nascem apenas como um exercício técnico ou de diletantismo. É preciso reconhecer que essas fontes não são neutras; são documentos que, segundo Le Goff (2003), constituem-se em monumentos construtores de memória.

Para Bloch (2001, p. 83),

[...] a despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de serem apenas o alcance de exercícios técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações.

Assim, documento é monumento “[...] resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 2003, p. 538). Cabe ao historiador, por intermédio da crítica documental, compreender as condições de produção dos documentos/monumentos, seus usos e sua relação com os outros documentos/monumentos que são produzidos no mesmo período ou anteriormente a eles.

Para isso, a esfera da cultura é indicada como um *locus* privilegiado, pois nela podemos ter contato com mundos que ainda necessitam ser compreendidos. Nesse sentido, a dimensão cultural torna-se ambiente profícuo para se analisar o campo educacional e a história da Educação Física e do esporte, uma vez que não existe “[...] uma dimensão extracultural da experiência” (HUNT, 1992, p. 9).

Além do trabalho com os documentos, utilizaremos a história oral como forma de vislumbrar as práticas realizadas nesse período e também complementar as fontes documentais, para ampliar o nosso entendimento sobre a história do Ceas. Tivemos acesso a cinco testemunhos de ex-alunos, identificados nos documentos do arquivo do Ceas, como

forma de vislumbrar as práticas desenvolvidas nesse período, relacionando as lembranças, experiências significativas, sentimentos e valores atribuídos às aulas de Educação Física, a fim de compará-los com os discursos e com as fontes documentais, de forma a ampliar o nosso entendimento sobre a história dessa escola, pois

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (ATLAN, 1972, p. 461, apud LE GOFF, p. 2003, p. 425).

A memória se insere em uma nova forma de conceber a História, partindo de uma não linearidade por meio da qual várias histórias estão entrelaçadas. Então as continuidades e descontinuidades estão presentes neste contexto como se fossem tramas, nas quais é revelado o início de cada linha, mas cada uma faz diferentes e complexas conexões pelo seu trançado. Assim,

A história dita ‘nova’, que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como ‘uma revolução da memória’ fazendo a cumprir uma ‘rotação’ em torno de alguns eixos fundamentais: ‘Uma problemática abertamente contemporânea... e uma iniciativa decididamente retrospectiva’, ‘a renúncia a uma temporalidade linear’ em proveito dos tempos vividos múltiplos ‘nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo’ (linguística, demografia, economia, biologia, cultura) (LE GOFF, p. 2003, p. 473).

Elas por si sós podem ser um instrumento de engano, já que são seletivas e não dão conta de uma rememoração completa. Também os documentos escritos sofrem desse mal, pois foram submetidos a uma seleção. Dessa forma, tanto um quanto outro, estando isolados, não são capazes de nos orientar rumo ao entendimento de um determinado contexto, mas é com base na associação entre essas partes que podemos constituir aproximações com as realidades.

Desse modo, é necessária a realização de uma crítica não somente nas fontes, mas também em nossa própria forma de investigação, ou seja, na metodologia e nos instrumentos

utilizados para produzir os dados. O estudo em si já pressupõe uma prática de seleção, o que quer dizer que não há uma objetividade pura, há sim trajetos percorridos como forma de responder a questões fundamentadas em perspectivas subjetivas e isso deverá ser colocado em análise no momento da avaliação dos resultados.

Traçaremos esse itinerário consciente de que

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, p. 2003, p. 426).

Trabalhar com a história oral nos conduz a uma nova forma de pesquisar as questões históricas. Ela nos aproxima do contexto que queremos conhecer por meio de um relacionamento de forma direta e original com os seus atores. Essa relação,

[...] diferente daquela que o historiador mantém com uma documentação inanimada, é de certa forma mais perigosa e temível, nem é preciso lembrar: uma testemunha não se deixa manipular tão facilmente quanto uma série estatística, e o encontro propiciado pela entrevista gera interações sobre as quais o historiador tem somente um domínio parcial (FRANÇOIS, 2002, p. 9).

Porém, é necessário que não nos esqueçamos de que estamos nos apropriando de representações sobre o passado. A entrevista recupera apenas aquilo que foi mais significativo para o entrevistado. Além disso, a rememoração do passado traz à tona memórias amadurecidas e, portanto, nos é dada a conhecer somente a tradução do que foram as vivências passadas. Por isso, estamos tratando com uma história do presente, por meio da qual acessamos não as práticas em si, mas indagamos também qual o significado delas para uma determinada geração.

Os depoimentos são uma forma de estender as pesquisas históricas às críticas, visto que deles surgem novas questões e novas compreensões. “A esse respeito, frequentar a história do tempo presente talvez seja uma boa precaução, o meio mais seguro de nos

resguardarmos da tentação que sempre nos espreita de introduzir no relato do passado uma racionalidade que não podia estar lá” (REMOND, 2002, p. 209). Isso porque não se trata apenas de dar voz aos indivíduos, mas de inspecionar ao máximo os rastros deixados por aqueles que fizeram parte da história da Educação Física no Colégio Estadual, na medida em que os documentos em grande parte falam de uma história construída pela visão de quem a escreveu que não deve ser desconsiderada e sim cruzada com outras fontes.

A atenção às formas de produção desse tipo de fonte é condição primordial para a compreensão dos elementos discursivos, pois devemos lembrar que além dos nossos interesses, também está em jogo a própria intenção do entrevistado em responder positivamente aos objetivos propostos, o que pode levá-lo a rememorar apenas o que considerar aprazível e coeso ao pesquisador.

As descobertas se configuram não como uma verdade em si, mas como uma aproximação, uma representação, uma reconstrução das memórias. A oralidade apresenta muito da opinião do entrevistado sobre suas experiências, e o seu amadurecimento modifica as suas perspectivas sobre determinada prática.

Além disso, as questões realizadas nas análises dos depoimentos devem apresentar respostas que tentem esclarecer o seu contexto gerador, pois, apesar de os objetivos projetados por este estudo tenderem a responder sobre uma questão mais ampla, torna-se necessário conhecer as memórias individuais, para que as memórias coletivas digam não somente de uma perspectiva, mas também enfoques, tanto das estratégias, quanto das táticas.

Portanto, a história oral nos capacita a enxergar as práticas realizadas, que também podem ser vistas pela ótica dos documentos, porém ela nos sensibiliza a percepção das crenças, os valores e a própria concepção dos seus atores sobre as práticas realizadas, que são evidenciadas pela forma como os depoentes expressam suas narrativas, pela emoção e pela relação de pertencimento àquele momento.

Esse instrumento poderá oferecer pistas que completem as lacunas encontradas no estudo e, por meio da dedução, poderá nos guiar por perguntas relacionadas com os indícios e criar representações que nos auxiliem a completar algumas ausências, caminho pelo qual “[...] ‘verdadeiro’ e ‘verossímil’, ‘provas’ e ‘possibilidades’ entrelaçam-se, continuando embora rigorosamente distintas” (GINZBURG, 1989, p.183).

Assim, partiremos em busca das verossimilhanças existentes no processo de constituição da Educação Física como disciplina, de sua regularidade no currículo e da constituição do esporte como conteúdo, porque entendemos que a verdade é consensual e é constituída de relações de força, que podem estar presentes na produção das fontes (GINZBURG, 2002).

No estudo utilizaremos como fontes o arquivo Cees e o Arquivo Permanente do Cefd, que guarda parte da memória da instituição, uma vez que as práticas da Educação Física e dos esportes eram realizadas nas dependências do estádio Governador Bley, mesmo espaço ocupado pela Escola de Educação Física do Espírito Santo. Utilizaremos os artigos da revista *Vida Capixaba*, impresso que circulou no Espírito Santo entre os anos de 1923 a 1959, e dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Compreendemos que os discursos presentes tanto nos arquivos institucionais, quanto na imprensa capixaba, veiculam elementos que dizem respeito a uma visão muito seletiva daquilo que iria se constituir em documentos, que possivelmente se alinhavam com os ideais de uma elite política e econômica, principalmente se considerarmos o período estudado, constituído em grande parte por momentos ditatoriais. Por isso, nossas análises procuraram não se limitar aos elementos produzidos por essas fontes, mas buscar meios para a montagem da trama, que se torna visível por meio dos indícios encontrados em outros lugares.

Além das fontes documentais, utilizamos os testemunhos como forma de produzir a triangulação⁵ das informações e assim ligarmos os indícios de forma a reescrevermos um relato que se aproxime da história da Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo. No contato com as fontes, buscamos digitalizar aquelas que atendessem aos interesses da pesquisa, para posterior leitura e percepção dos vestígios. Os testemunhos foram transcritos, lidos e caracterizados.

Na organização do estudo, os capítulos foram sistematizados de forma que pudessem contemplar a possibilidade de aprofundamento das temáticas que compõem o objeto. O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos que foram elaborados de forma pudessem

⁵ A triangulação consiste na possibilidade de uso de diferentes métodos, teorias e fontes em um mesmo estudo. Reconhece-se que “[...] as hipóteses não podem ser testadas em completo isolamento porque sempre estão envolvidas num conjunto de crenças [...]” (JOHNSON; ONWUEBUZIE, 2004, *apud* DUARTE, 2009, p. 8). Dessa maneira, o produto da união de diferentes matrizes de dados pode oferecer não uma verdade em si, mas aproximações, ao considerarmos que a realidade é multifacetada (ALMEIDA PINTO, 1986, *apud* DUARTE, 2009).

ter autonomia, mas ao mesmo tempo fossem orgânicos ao revelar em diferentes momentos o objeto investigado em seu conjunto. Dessa forma, os capítulos possuem resumo, palavras-chave, introdução, análise dos dados e considerações, os elementos necessários para dar a ver ao leitor o objeto em vários ângulos de observação.

No primeiro capítulo busca-se por uma possibilidade de compreensão da escolarização da Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo por meio da análise da produção acadêmica expressa em livros, periódicos, teses, dissertações e em congressos, observando o modo como essas pesquisas trataram esse tema. Com discursos de diferentes temporalidades e objetivos, os textos apresentaram a instituição como um monumento que trazia em si a oportunidade da disseminação de práticas⁶ que poderiam favorecer as estratégias de modernização da sociedade capixaba por meio da educação.

O segundo capítulo apresenta alguns indícios encontrados nos documentos do arquivo escolar que caracterizam um pouco do que foram as aulas de Educação Física e revelam algumas das relações estabelecidas entre a escola e diferentes setores da sociedade. Nesse âmbito, a cientificação das práticas, aliada a uma crescente valorização dos grandes jogos inspirados na organização das modalidades esportivas, passa a se constituir como a principal demanda para essa disciplina.

O terceiro capítulo projeta as representações sobre a Educação Física no Colégio Estadual, identificadas em jornais e revistas que circularam no período estudado. Orientada pelos intentos de transformações no Espírito Santo, buscamos localizar nesses dispositivos os sentidos atribuídos às práticas educativas do colégio, reconhecendo que essas fontes têm como função a divulgação de informações, a formação de opinião e a transmissão de valores.

No quarto capítulo, a produção de fontes orais se apresentou como uma nova alternativa, em que, pela rememoração dos ex-alunos do Colégio Estadual, poderíamos ter acesso a uma maior aproximação do contexto de escolarização da Educação Física, já que, em meio às ausências dos documentos institucionais e à constituição dos discursos pela imprensa, pudemos acessar somente as representações que contornam os seus significados. Nesse momento, buscamos identificar qual a relação dos esportes com as prescrições existentes para as aulas de Educação Física na instituição focalizada.

⁶ As civilidades, a valorização da ciência e a industrialização.

CAPÍTULO I

1 DEBATE ACADÊMICO SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E NO ESPÍRITO SANTO

Resumo: Busca compreender os discursos sobre a produção acadêmica referente à Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo nas décadas de 1940 e 1950. Opera com os conceitos das estratégias e táticas, lutas de representações e do paradigma indiciário. Utiliza como fontes artigos localizados em periódicos e congressos da Educação e da Educação Física, bem como teses e dissertações dessas áreas, encontradas no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e livros produzidos sobre a temática. A produção acadêmica investigada apresenta o colégio como uma estratégia de modernização do Estado, e as práticas lá estabelecidas como mecanismos de convencimento e de transformação.

Palavras-chave: Educação Física. Colégio Estadual do Espírito Santo. Espírito Santo.

1.1 INTRODUÇÃO

A fim de compreendermos o que já havia produzido sobre o Colégio Estadual do Espírito Santo, procedemos a uma investigação direcionada a diferentes tipos de publicações, como forma de ampliarmos o quantitativo textual sobre essa temática, tendo em vista a sua especificidade.

A investigação utilizou-se de uma revisão de literatura apoiada em artigos localizados nos periódicos e congressos da área da Educação e da Educação Física, bem como em teses e dissertações encontradas no Banco de teses da Capes. Utilizando de palavras-chave como Ginásio do Espírito Santo, Colégio Estadual do Espírito Santo e Educação Física Escolar, encontramos: um artigo na revista Movimento, uma dissertação de mestrado do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), uma tese de doutorado produzida nesse mesmo programa, um livro publicado pelo governo do Estado em comemoração aos 90 anos da instituição, um capítulo de livro, um artigo no congresso Brasileiro de História da Educação e um artigo na revista de Educação.

Utilizando os termos caracterizadores da temática efetuamos a busca tanto no banco da Capes, quanto nos bancos dos periódicos *on-line*, nos anais *on-line* dos eventos da Educação e Educação Física e nos *sites* de busca *on-line*. Nesses repositórios digitais, localizamos a tese

de Maria Alayde Alcântara Salim, defendida em maio de 2009, e a dissertação de Tatiana Borel, apresentada em maio de 2012. Encontramos também um artigo no VI Congresso de História da Educação, de Regina Helena Silva Simões, Maria Alayde Alcântara Salim e Jobelder Xavier Tavares; um capítulo de livro publicado na obra “História da educação no Espírito Santo: vestígios de uma construção”, produzido por Regina Helena Silva Simões; Maria Alayde Alcântara Salim e Jobelder Xavier Tavares; um artigo na revista Movimento, de autoria de Valter Bracht et al.; um artigo na revista de Educação, assinado por Aloyr Queiroz de Araújo; e um livro intitulado “Colégio Estadual: 90 anos educando”, organizado por Jair de Britto, da Superintendência Estadual de Comunicação Social do Governo do Estado do Espírito Santo, composto por narrativas de ex-alunos e ex-professores da instituição.

Avaliamos que os estudos de Simões, Salim e Tavares (2006, 2009), Salim (2009) e Britto (1996) deram ênfase a aspectos voltados para práticas de leitura no Espírito Santo, para as políticas públicas relacionadas com o Ginásio do Espírito Santo e para a tradição de um ensino rígido e disciplinador preparatório para carreiras científicas. Os demais textos, como Borel (2012), Bracht *et al.* (2005) e Araújo (1935), tratam dos processos formativos e práticas de ensino na área da Educação Física escolar, da caracterização da Educação Física como disciplina constituinte do currículo da instituição e das estratégias de condução para a valorização do ensino da Educação Física no Ginásio do Espírito Santo.

Consideramos tanto a importância dos eventos localizados na área da Educação Física devido à especificidade do nosso interesse, como também dos eventos localizados na área da Educação devido ao quantitativo de produções encontrado em seus programas de pós-graduação. Além disso, essas diferentes áreas de atuação nos estimulam a reflexões que transitam do específico para o geral, e do geral para o específico, capacitando-nos para compreendermos alguns dos trajetos desenvolvidos pela atuação de diferentes pessoas nas relações estabelecidas no Colégio Estadual do Espírito Santo.

Ao nos inteirarmos de alguns elementos desse contexto, identificamos que, no governo do interventor João Punaro Bley, na década de 1930, havia sido realizada uma campanha de nacionalização do ensino idealizada pelo então secretário de Educação e Saúde, Fernando Duarte Rabelo, que, desde a década de 1920, quando ainda era inspetor escolar, ressaltava a necessidade de tal iniciativa. Essa mudança foi materializada pelo Decreto-lei n.º 9.225, de 4 de abril de 1938, caracterizado pela prescrição de um ensino ministrado necessariamente por

“[...] brasileiros natos ou naturalizados com idoneidade moral, intelectual, profissional ou técnica”, como também o ensino da língua e a realização de sessões cívicas (HESS; FRANCO, 2012). Esse movimento ganha ainda mais força em função da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra a Itália e a Alemanha, considerando que grande parte de sua população rural era de imigrantes dessas nacionalidades. Acrescentamos a análise desses autores que, para além das relações com os imigrantes e da posição do Brasil na guerra, estavam os interesses de formação da nacionalidade brasileira, de transformar a identidade do povo que aqui vivia em um sentimento de pertencimento a uma nova nação.⁷

Ao analisarmos as relações sociais no Espírito Santo, no período da Segunda Guerra Mundial, identificamos ocorrência de alguns conflitos, incluindo agressões físicas e ataque aos empreendimentos dos imigrantes italianos e alemães em função do “[...] preconceito contra esses imigrantes, causado em parte porque alguns deles viviam quase isolados em comunidades que preservavam a língua, religião e costumes” (HESS; FRANCO, 2012, p. 101).

Um outro ponto que marca a valorização da Educação e da Educação Física como instrumento de transformação da sociedade capixaba foi a criação da Escola de Educação Física do Espírito Santo, no ano de 1931, durante o governo de Punaro Bley, considerada uma das pioneiras na formação de professores civis (SILVA D., 1996).⁸

A partir de 1945, o País passou por um período de redemocratização, em que foram retomadas as eleições para governadores e presidentes. Carlos Lindenberg, que governou o Estado entre 1947-1951, assumiu uma política voltada para a continuidade da expansão agrícola promovida por Punaro Bley, fomentando a produção do café e da construção de estradas para o interior. Jones Santos Neves (1951-1954) optou pela reorganização do porto de Vitória, com a drenagem do canal da baía, a construção de um sistema de geração de energia denominado Espírito Santo Centrais Elétricas S. A. (Escelsa) e também a criação da Universidade do Espírito Santo, com o intuito de inserir o Estado no crescente processo de industrialização brasileiro. Os governantes buscaram alinhar o Estado à rota de transformação

⁷ Discussão realizada por Carvalho (1998), que analisa como a Associação Brasileira de Educação (ABE), ao tentar representar os interesses da educação nacional, passou a disseminar a necessidade de “civilizar” o povo brasileiro por meio de um modelo de educação que visava a incentivar o amor à pátria, a ordem social e o progresso industrial.

⁸ Criada primeiramente como curso de emergência, transformou-se em curso especial para a formação de normalistas e monitores de Educação Física. Só em 1934, passou a ser chamada de Escola de Educação Física (SILVA, D., 1996).

vivenciada pelas principais capitais do País. A educação se constituiu como elemento estratégico, colaborando para os ideais de formação dos preceitos de nação. A Educação Física e o esporte⁹ também foram utilizados como elementos que possuíam em sua didática mecanismos necessários à transformação dos gestos e comportamentos, a fim de garantir uma postura estética, disciplinar e competitiva para a formação do novo homem brasileiro.

O esporte foi representado como parte de um projeto cultural que delegava à escola a organização e disciplinarização da vida social, tendo na “energização do caráter” o sentido atribuído a seu desenvolvimento. A escolarização dos jogos trazia embutida em suas práticas a satisfação de seus participantes e também o ensino das regras. Esses pressupostos foram identificados por Linhales (2009) ao analisar os “Anais do VII Congresso Nacional de Educação”.

A psicanálise e outras teorias psicológicas foram apropriadas como maneiras de pensar a infância e a educação, colaborando na desconstrução das concepções inatistas e reforçando a necessidade de reorganização planejada e eficiente da vida social e familiar (LINHALES, 2009, p. 122).

O clima cultural da década de 1920 foi alimentado pelos debates realizados por importantes figuras do cenário nacional que se colocavam em prol ou contrários à utilização das práticas esportivas como elemento educacional formador das gerações futuras. Dentre eles, estavam o professor Fernando de Azevedo, o escritor Graciliano Ramos, o jornalista Carlos Sussekind de Mendonça, o deputado e médico Jorge de Moraes e o escritor Mário de Andrade que, durante a década de 1920, faziam circular suas opiniões, muito vinculadas a um idealismo próprio, que ora enalteciam o esporte descrevendo sobre as suas possibilidades, ora opinavam contra sua utilização como elemento agregador das potencialidades educacionais (LINHALES, 2009).

Para Linhales (2009), diferentes elites participaram no desenvolvimento da educação no País. Na tese de Ferreira Neto (1999), analisada pela autora, o militar é evidenciado como responsável pelo desenvolvimento dos preceitos almejados na organização da indústria e do trabalho fabril, no entanto setores com menos visibilidade são colocados por ela como

⁹ A Educação Física como disciplina curricular e o esporte como prática paralela dos grêmios estudantis proveniente da cultura social.

possibilidade de intercâmbio nessa relação, como a Associação Cristã de Moços (ACM) e a ABE, por meio da participação de representantes da ACM em curso ministrado na Seção de Educação Física e Higiene (SEPH),¹⁰ além das trocas realizadas entre essa associação com outras entidades educacionais norte-americanas. Essas relações

[...] produziram balizas pedagógicas e culturais para a escolarização do esporte, tendo em vista que este assunto aparecia agregado a tantos outros, mais ou menos urgentes ou relevantes: a modernidade, a técnica, a disciplina corporal e social, o reordenamento urbano, a infância, os tempos e espaços escolares (LINHALES, 2009, p. 116).

Entre as décadas de 1920 e 1930, as discussões relativas à Educação Física se faziam tensionadas em diferentes setores da sociedade brasileira, entre eles, a ABE, mais especificamente o SEPH e o Ministério de Guerra. Essas diferentes instâncias defendiam para a Educação Física brasileira diferentes projetos. Alguns dos representantes da ABE acreditavam em uma educação que partilhasse do “[...] *self government*, da educação centrada na autonomia do aluno, na livre iniciativa e na responsabilidade individual [...]” (LINHALES, 2009, p. 177).

Porém o anteprojeto para a Educação Física proposto pelo Ministério de Guerra conflitava com a filosofia educativa empregada pela ABE, no que tange ao enrijecimento da educação para a autonomia, ao eleger o modelo de ginástica militar para o seu ensino no País.

A ABE considerava que o Brasil não possuía um método nacional para as práticas da Educação Física. Com isso a utilização de diferentes propostas que visassem à formação das individualidades em meio à complexidade da cultura brasileira¹¹ apontava a valorização do esporte. Nesse contexto, o esporte é apresentado como uma experiência que, mediante as resistências e rendições, é reinventado como um espaço de disciplina e também de subversão. E, como uma prática disseminada, adentra a escola num formato pedagogizado, que visa tanto às possibilidades educativas, quanto à reificação dos valores individuais em valores nacionais.

Linhares (2009, p. 30) afirma também que, para além dos modelos de comportamento tecidos nas afirmações de Carvalho, o esporte produziu “lugares e condutas sociais”.

¹⁰ Departamento constituinte da ABE.

¹¹ Segundo os ideais propostos pela Escola Nova, em que se orientavam alguns de seus representantes.

Essa educação esportiva dos gestos e dos sentidos era ainda facilitada pela pronta adesão de jovens e de suas famílias a essas atividades festivas, adotadas como opção de divertimento, de disciplina corporal (em sua trama física e moral), de ocupação do tempo ocioso e de preparação para o mundo do trabalho.

No entanto, não era o modelo do esporte aristocrata popularizado no Brasil entre as décadas de 1910 e 1920 que circularia pelas instituições de ensino, mas o esporte remodelado e repensado pelos interesses das lideranças políticas e educacionais. Por isso foram criados cursos para formar os professores que atuariam nessas instâncias. O esporte com novas normatizações para a escola seria também o esporte das praças, parques e estádios (LINHALES, 2009).

Apesar das diferenças entre os projetos apresentados para a Educação Física no País, possivelmente o que acabou vigorando foram as cisões entre o ideário de nacionalização e de conformação da saúde, formação moral e patriótica provenientes dos anseios militares; e o ideário de autonomia e eficiência dos gestos originários na ABE.

1.2 INDICATIVOS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL

Os estudos produzidos sobre a instituição investigada indicam as representações das práticas escolares, dos movimentos que deram visibilidade a essas práticas na sociedade, das possibilidades estruturais e pedagógicas para a manutenção de um ensino modelar e da transformação das perspectivas profissionais e identitárias da população, mesmo perante as contradições existentes entre o desejo de modernização pela educação e o poder exercido pela elite local.

Araújo (1935), como professor de “Educação Physica” do “Gymnásio do Espírito Santo”, procurou validar o espaço da Educação Física escolar com ações acordadas com a Inspeção de Educação que visavam à obrigatoriedade da frequência dos alunos nas instruções de ensino, caracterizando-se como exigência para préstimo dos exames nos finais de ano a presença em pelo menos 3/4 da totalidade das aulas.

A fim de motivar a participação dos alunos em tais práticas, a partir de 1º de setembro de 1934, foram inauguradas as atividades de uma agremiação esportiva denominada União Atlética do Ginásio Espírito-Santense (Uages). Passou-se a realizar um exame antropométrico que, segundo o autor, era aplicado primeiramente aos alunos passíveis de maiores cuidados e,

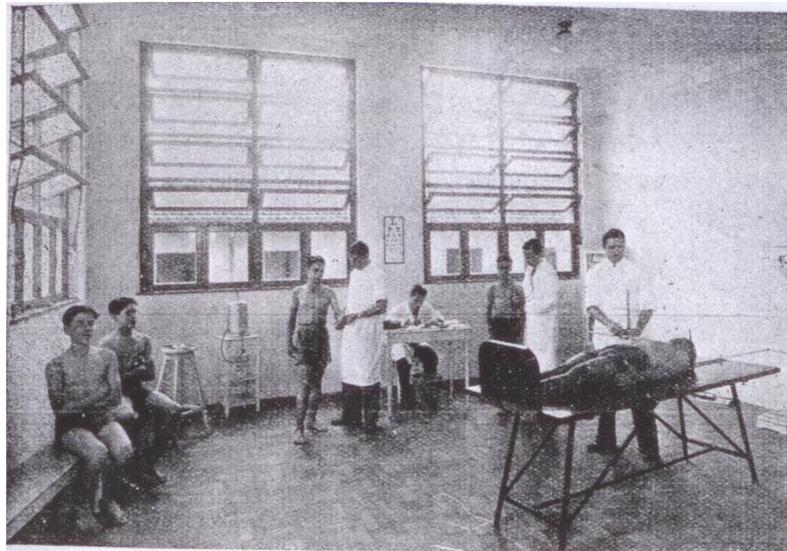
em seguida, a todos os demais. Identificado algum problema referente à saúde – defeito físico como relata Araújo – o aluno era afastado dos exercícios. Esses exames eram renovados no decorrer do ano letivo, como forma de avaliar os resultados obtidos nas instruções de Educação Física. O autor afirma que, “[...] apesar dos inúmeros contratemplos surgidos no correr do anno, não deixam entretanto, de serem apreciáveis os resultados provindos dessa renovação, que revelam os grandes benefícios colhidos pelos alumnos durante as instruções” (ARAÚJO, 1935, p.35).¹²

Os testes corporais realizados nas primeiras décadas do século XX estão relacionados com uma busca pela análise do “homem médio brasileiro” iniciada na década de 1930, por alguns estudos, como o de Isaac Brown, que se tornou um emblema da emergência em classificar a constituição morfológica, fisiológica e temperamental da população brasileira. “[...] Este campo biomédico foi praticado tendo em vista a produção de conhecimentos científicos (que partiam não só da medicina) que atestassem certa ‘normalidade’ para os corpos dos brasileiros e, como consequência, definissem um tipo físico ou biotipo nacional” (GOMES, 2012, p. 707). A busca pelos resultados que apontassem a formação do “homem médio” brasileiro levou à criação de laboratórios em diferentes locais, como na escola, por exemplo, onde o gabinete de antropometria, como mostra a Figura 1, participava da elaboração desses dados.

Esses testes significaram uma forma

de elevar a Educação Física aos moldes científicos valorizados como prática educativa, impondo-lhe uma prática racional e metódica que poderia garantir o controle fisiológico sobre os efeitos produzidos pelos exercícios. No Espírito Santo, identificamos, na década de 1930, um trabalho produzido por Heitor Rossi Belaché, que buscou demonstrar a estatística das

FIGURA 1 – GABINETE DE ANTROPOMETRIA



Fonte: Revista de Educação Physica, n. 27, 1939.

¹² Todos os documentos utilizados neste capítulo trazem a escrita no seu formato original e por isso a língua portuguesa contemporânea.

medidas antropométricas realizadas nos alunos do ensino primário e secundário do Estado no ano de 1935.

Segundo Medeiros e Ribeiro (1938, p. 6), o trabalho produzido por Bélache (1938) oferece “[...] ensinamentos úteis aos professores especializados, pondo ao alcance dos mesmos uma serie de conhecimentos gerais e práticos, e vem a preencher uma lacuna na bibliografia das escolas de educação física”. Esse estudo indica a necessidade de uma análise das medidas de diferentes naturezas fisiológicas, como peso, altura, força, pulsação e pressão arterial. Nesse contexto, o autor buscou eleger um padrão para o desenvolvimento dos indivíduos em cada idade. A criação de uma ficha “Morfo-fisiologica” para as diferentes faixas etárias escolares do Espírito Santo teve o intuito de colaborar para a seleção de um “[...] grupamento homogêneo e a verificação do aproveitamento dos indivíduos submetidos ao exercício”; e “[...] que a técnica de cada uma dessas medidas fosse simples e rápida, no intuito de ser possível fichar todos os alunos em poucos dias” (BELACHÉ, 1938, p. 162).¹³ Esses dados buscavam demonstrar a preocupação com os índices científicos em relação ao conhecimento sobre o corpo, como expressão do aperfeiçoamento das qualidades desejáveis.

Para Gomes (2012), a discussão sobre as características morfológicas do brasileiro iria ao encontro das teorias dos testes antropométricos realizados no País desde a década de 1910. Essa proposta emergiu num contexto de formulação da identidade nacional. As tentativas de descrever um biótipo brasileiro, por exemplo, no estudo de Brown, não revelaram a sua normalidade biológica, em função da complexidade territorial e racial desse povo; descreveu-se assim uma variação biológica.

Nesse sentido os testes realizados dentro do ambiente escolar serviam tanto para acompanhar a lógica de constituição da identidade nacional, como para introduzir aspectos científicos às práticas físicas, possivelmente como forma de demonstração da evolução fenotípica ocorrida por meio delas. Por isso, as agremiações colegiais foram espaços criados para incutir nos jovens a preferência pelas atividades lá realizadas como forma de controle, visto que os “sports athleticos” dentro do ambiente escolar eram indicados apenas aos alunos com idade a partir de 16 anos, com bom condicionamento físico, e o que ultrapassasse disso era considerado degenerescente à mocidade.

¹³ O trabalho publicado por Heitor Rossi Belaché em 1938, referente ao “Primeiro Concurso Científico e Literário de Autores Espiritosantenses”, conforme Lei n.º 114, de outubro de 1936, caracteriza a sua própria experiência como professor da disciplina de Antropometria para a formação de professores do curso de Educação Física da Escola de Educação Física do Espírito Santo.

A admissão desses ‘sports, teve a sua razão de ser, pois além de ser somente permitida a sua prática aos maiores que apresentassem bom desenvolvimento físico, trouxe o grande benefício de afastar diversos alunos dos clubs sportivos, onde devido á sua pratica empirica, acarretam graves prejuizos á mocidade (ARAÚJO, 1935, p. 39).

O estudo de Borel (2012) identifica que, nos anos em que o Colégio Estadual do Espírito Santo funcionou no prédio da Escola Normal Pedro II,¹⁴ os exames antropométricos eram realizados no gabinete dessa escola. Porém, quando o Colégio se mudou para o prédio da Av. Capixaba, onde, no futuro se localizaria a Faculdade de Filosofia (Fafi), foi necessário o deslocamento desses testes para o Estádio Governador Bley, em função da falta de uma estrutura compatível com as suas necessidades de aplicação.

A antropometria que inicialmente indicava as características a serem constituintes do corpo do novo homem brasileiro na primeira metade do século XIX passa a ser referência da busca pela eficácia proposta pela lógica da industrialização e da cientificação das práticas. O capitalismo industrial crescente no País, a partir da Revolução de 1930, configurou novas exigências para o campo educacional (SCHNEIDER, 2004), dentre elas, a necessidade da economia dos esforços por meio de gestos eficientes e do desenvolvimento racional em torno das lógicas produtivas, perante as quais os indivíduos eram responsáveis pelo seu desenvolvimento.

Segundo Simões, Salim e Tavares (2006), as década de 1930 e 1940 foram marcadas por uma organização sistemática do governo que visava a controlar as práticas desenvolvidas na área da educação por meio do Ministério da Educação e Saúde Pública, implementadas pelas reformas educacionais. Ao analisarem em quais bases se fundamentou a titulação de “Colégio” para o Colégio Estadual do Espírito Santo, apontam o Colégio Pedro II como um projeto imperial para a unificação e consolidação da nação brasileira e, portanto, serviu de modelo ao ensino secundário no País. Os autores apresentam o contraste existente entre o prestígio do Colégio perante a sociedade local, como o único estabelecimento de ensino público secundário da região, e os relatos realizados pelo seu diretor em 1919, assinalando a falta de uma infraestrutura básica, como lâmpadas, condições sanitárias, biblioteca escolar e suspensão das publicações dos trabalhos dos discentes/docentes por falta de verba. Na

¹⁴ Entre 1939 e 1947, período indicado pela análise das entrevistas, e os documentos do Colégio no Estudo de Borel (2012).

inspeção realizada em 1933, ratificavam-se as condições mencionadas e ainda mais a presença de um depósito de galinhas junto ao almoxarifado e também a identificação de rachaduras nas paredes causadas pelo desmoronamento do solo e de ruídos gerados pelos navios que saíam do porto.

O processo de engajamento do Espírito Santo na modernização nacional esbarrava na contradição existente entre a formação de sua sociedade, composta por uma elite¹⁵ de origem coronelista e latifundiária (SILVA M., 1995; VILASCHI; FELIPE, OLIVEIRA, 2011), e a necessidade de criação e desenvolvimento das instituições responsáveis pela reordenação da sociedade, como escolas, comércios, hospitais e órgãos administrativos, o que poderia ir de encontro aos interesses dessas oligarquias. Por isso, o desenvolvimento capixaba ficou em parte no plano das ideias, pois suas estratégias não possibilitavam as realizações de seus projetos, em função da sua estrutura política e perante as crises resultantes do café, já que sua economia era basicamente agrária, obrigando seus gestores à “[...] paralisação de obras de grande porte, demissão de funcionários, fechamento de escolas, enfim, desenhavam um cenário de grande instabilidade e oscilação entre as promessas de progresso futuro e as dificuldades econômicas e sociais do Estado” (SIMÕES; SALIM; TAVARES, 2006, p. 5573).

Apesar de os enfrentamentos vivenciados pela instituição, Salim (2009) demonstra que esse espaço se configurava como uma importante referência de formação da sociedade capixaba, visto que,

O ginásio era uma instituição completamente entrelaçada à vida cultural, política e econômica do Estado que, naquele momento, passava por profundas transformações. Foi responsável pela formação de toda uma geração de profissionais ligados à área educacional e às atividades culturais,

¹⁵ Chamamos de elite os indivíduos pertencentes a grupos em evidência no cenário social. Segundo Sirinelli (1998, p. 262), as elites “[...] se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínseca, como também pela própria imagem, que o espelho social reflecte”. A partir do século XIX, as elites passam por uma transformação cultural com a ascensão das estruturas escolares, com a ampliação do território e a consequente circulação de pessoas, com o crescimento da imprensa e com a gradual atuação dos intelectuais no cenário político (SIRINELLI, 1998). No período imperial, as elites eram representadas pelos administradores indicados pelo rei circulavam por diferentes postos e regiões do País, como forma de evitar o seu envolvimento com os problemas locais. Com a ascensão da República, vários movimentos coletivos, como empresários, fazendeiros, militares, médicos e advogados, dedicaram-se à conquista de uma posição privilegiada na hierarquia política. Esses grupos muitas vezes não comungavam dos mesmos preceitos, mas, como forma de se fortalecerem, uniam-se em busca de um lugar de destaque. Ver Monteiro (2009). No Espírito Santo, no período estudado, a elite era composta em grande parte por fazendeiros, em função de sua economia ser fundamentada em culturas agrárias, principalmente a do café. Ver Silva, M. (1995).

como a imprensa e a literatura, a administração pública e a atividade política. Havia uma intensa relação entre essas diversas áreas e as pessoas envolvidas em cada uma delas tinham em comum o propósito de construir uma nova imagem, tanto para o Estado quanto para si próprias. Nesse contexto, a existência de uma instituição como o ginásio tornava-se imprescindível ao movimento de afirmação local em relação aos Estados vizinhos (SALIM, 2009, p. 204).

O ginásio tinha como missão oferecer ensino secundário como forma de promover a constituição do cidadão e como meio de acesso à formação acadêmica, já que, ao término do curso, o aluno obtinha o grau de “Bacharel em Ciências e Letras”. O pré-requisito era aprovação em curso primário ou atestado fornecido por professor particular, seguido de pagamento de taxa de matrícula, que era dispensada para os casos de declaração de pobreza, além da aprovação em um exame de admissão.

Para obter o diploma de *Bacharel em Ciências e Letras*, o aluno deveria, além de cumprir todas as disciplinas do programa e ser aprovado nos exames parciais e finais, prestar, ao final do curso, o chamado *exame madureza*, que tinha por objetivo verificar se o aluno havia assimilado a soma da *cultura intelectual necessária* (Decreto n.º 117, setembro 1908, cap. V, art.47, p. 16). Para o aluno que não quisesse o grau de bacharel, tornava-se facultativa a realização das disciplinas Literatura, Latim, Alemão, Grego, Mecânica e Astronomia. Nesse caso receberia apenas o certificado de conclusão do ensino secundário, que não o habilitava para o ingresso em cursos superiores (SALIM, 2009, p. 197).

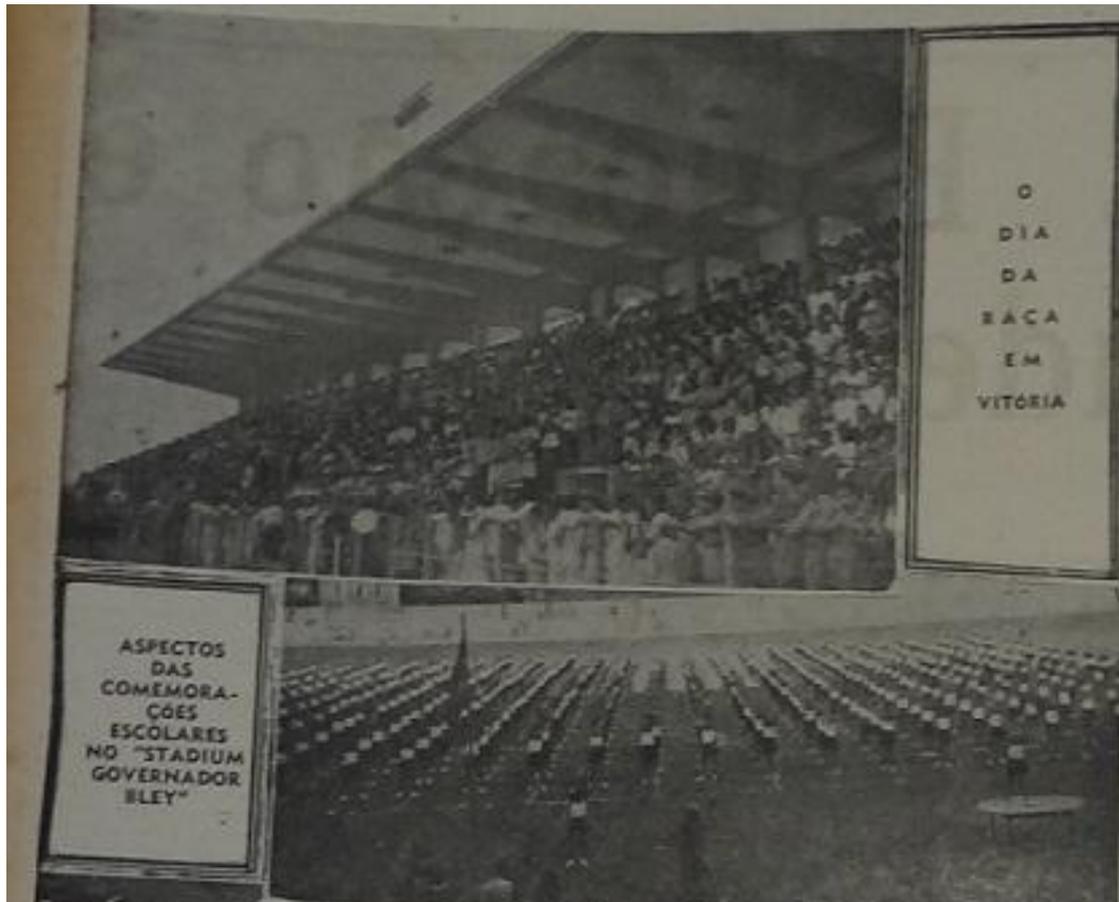
Os concursos para o magistério eram muito concorridos em função do prestígio da instituição. Os nomeados eram chamados de professores, enquanto os concursados eram denominados lentes, no entanto o magistério representava uma atividade secundária para os docentes.

Borel (2012) evidencia as características estruturais da instituição, apresentando a instabilidade vivenciada por ela, mas declarando-as como possibilidades em meio às suas carências. Naquele momento, em função da falta de um espaço apropriado, constantemente mudava de endereço e de administração, passando do público ao privado, conforme as verbas dos cofres públicos, além de não possuir um espaço interno para as práticas da Educação Física, criando a necessidade do deslocamento dos alunos para o Estádio Governador Bley, no bairro Jucutuquara.

Na década de 1930, o espaço para as aulas de Educação Física era o pátio da Escola Normal Pedro II, mas, em alguns momentos, parte das aulas eram realizadas no Estádio Governador Bley em função da falta de tempo e espaço para a execução de aulas para quatro turmas, o que levou o professor Aloyr Queiroz a desenvolver as aulas para as turmas de nível secundário naquele estabelecimento (ARAÚJO, 1935).

A partir da mudança do colégio para a Fafi, no ano de 1947, as aulas de Educação Física passaram a ser realizadas no estádio Governador Bley, usando como justificativa para isso a semelhança com as aulas desenvolvidas no Pedro II, no Rio de Janeiro, que eram ministradas fora do ambiente escolar. A mudança para o prédio do Grupo Escolar Gomes Cardim em 1947 – conhecido atualmente como Fafi – não possibilitou muitas transformações nos aspectos estruturais do colégio, já que, pelas análises dos relatórios institucionais, a autora identificou um pátio pequeno e acidentado e a necessidade de pintura dos banheiros e vestiários (BOREL, 2012).

Como podemos observar na Figura 2, o estádio Governador Bley se constituiu como um espaço privilegiado tanto para a disseminação das imagens vinculadas ao propósito de modernidade e patriotismo em função dos eventos escolares ali realizados, quanto para a organização de um ambiente favorável à formação física, moral e intelectual da juventude capixaba, por agregar o funcionamento da Escola Superior de Educação Física e também o desenvolvimento das aulas de Educação Física do Colégio Estadual do Espírito Santo. Consideramos que as escolas, o estádio e a própria aula de Educação Física se constituíram como monumentos da modernidade no Espírito Santo, evidenciado em vários momentos na imprensa local.

FIGURA 2 – ESTÁDIO GOVERNADOR BLEY

Fonte: Jornal A Gazeta, abril de 1941.

As entrevistas realizadas no estudo de Borel (2012) também demonstram a presença dos representantes do ginásio em diversas datas comemorativas. No depoimento de uma ex-aluna, que estudou na instituição entre 1931 e 1935, a autora identificou a importância dada a Uages pela sua disposição em falar desses momentos, pois “[...] as memórias sobre essa agremiação esportiva foram tão marcantes para ela que, ao ser perguntada, a respeito do uniforme para as aulas de educação física, ela afirma apenas recordar do uniforme da UAGES [...]” (BOREL, 2012, p. 117). Indica que as representações da Uages, perante a imprensa da época, a consideravam um “centro de cultura física”, responsável por formar nos jovens um espírito enérgico que serviria à Pátria.

Os eventos esportivos e patrióticos funcionavam como um instrumento de publicidade das práticas educativas realizadas no Estado. As reportagens relacionadas com a participação do colégio nesses acontecimentos tinham a função de marcar as ações governamentais em prol de uma modernidade vigente, bem como convencer a sociedade a respeito da necessidade de maior adesão a tais empreendimentos como forma de fortalecer a identidade capixaba.

O estudo desenvolvido por Bracht *et al.* (2005) sobre o colégio optou por não apresentar a discussão sobre o processo de escolarização da Educação Física, por entender que “[...] sua legitimação se alicerçou na presumível contribuição para a manutenção e melhoria da integridade física e biológica do ser humano por meio da exercitação física [...]” (BRACHT *et al.*, 2005, p. 12).

Trabalhando com diários de classe do colégio, esses autores identificaram que a ginástica orientada pelo Método Francês, Natural Austríaco, Sueco e pela Calistenia teve o seu declínio nas atividades da instituição na década de 1970. Evidenciam a ascensão do esporte como principal conteúdo e a ginástica como uma forma de aquecimento. No início, as práticas esportivas eram trabalhadas paralelamente à disciplina, mas, ao ganharem prestígio, tomam o espaço da atividade didática.

Para os autores, o colégio teve o seu reconhecimento pelas práticas esportivas, situação que se modificou na década de 1980, mediante as políticas dos governos realizadas no período da ditadura militar, que incidiram nas greves de professores. A Educação Física teve no currículo do colégio um condicionamento “[...] aos destinos do esporte voltado às competições” (BRACHT *et al.*, 2005, p. 19) e isso poderia significar a substituição de uma disciplina por uma atividade que não incide nas demarcações orientadas pelo currículo como um conteúdo, sistematização do ensino e avaliações do aprendizado.

Mesmo considerando o contexto político, será que as disposições governamentais seriam capazes de estancar as práticas ginásticas no ambiente escolar em função do movimento esportivo? Mas, se realmente os documentos escolares apontam essa mudança, será que eles representam a realidade ou foram produzidos com o intuito de demonstrar uma equivalência às deliberações nacionais?

Taborda (2001) declara que parte da historiografia da Educação Física é composta por pesquisas de cunho crítico que, tendo como referência as décadas de 1960 e 1970, evidenciam práticas determinadas pelo governo autoritário, instalado no Brasil após 1964. Apesar do contexto de determinações sociais e políticas, aquelas pesquisas, segundo o autor, negavam “[...] a história como movimento, privilegiando uma história em que a intervenção ativa dos sujeitos históricos sobre a construção de suas condições de existência seria praticamente nula” (TABORDA, 2001, p. 40).

Concordamos com o autor, quando declara que existem condicionantes ao contexto de ensino brasileiro e também das possibilidades de ações dos indivíduos em meio a essas limitações. Por isso, estamos interessada em conhecer e demonstrar aquilo que, mesmo mediante as imposições, foi produzido pela cultura escolar.

1.3 CONSIDERAÇÕES

Apesar de a revisão bibliográfica no campo da Educação Física ter apresentado uma história geral para sua escolarização, entendemos que, como Le Gof (2003), cada história é alimentada por seu contexto, produzindo uma nova história e, ao ser modificada nos seus espaços e tempos específicos, constitui-se em algo singular. Portanto, é possível falar em uma história da escolarização da Educação Física no Colégio Estadual e no Espírito Santo diferenciada de outros contextos, como outras escolas, outros Estados etc.

O estudo de Bracht *et al.* (2005) caracterizou a Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo como uma disciplina que construiu sua legitimidade em torno de práticas esportivas e que tenta “sobreviver” dentro da instituição escolar por meio da busca de um período “glorioso”, em que o esporte lhe dava visibilidade. No entanto, ao falar desse contexto de forma ampliada, sem apresentar as representações dessa disciplina no colégio, os seus atores e as suas práticas, não cumpre o objetivo proposto pelo estudo de desenvolver uma história da disciplina de Educação Física, mesmo porque o esporte já se colocava como uma prática que dava visibilidade ao colégio desde a década de 1930¹⁶ e ainda não se constituía como “o conteúdo” de ensino para as aulas de Educação Física. Além disso, foram diversos os motivos que respaldaram a sua presença dentro do currículo escolar e, em grande parte, alinhada a estratégias políticas.

Entendemos que investigar o passado pelos indícios encontrados no presente se torna fundamental para o aprendizado dessas ações no presente. Dessa forma, compreendemos que a Educação Física no Espírito Santo possui diversas relações com os acontecimentos ocorridos em outras partes do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. No entanto, possui especificidades que dizem a respeito da sua estruturação política, econômica e social.

A maneira pela qual o esporte que é caracterizado por Bracht *et al.* (2005) se contrapõe às representações nos documentos oficiais da área. A exemplo disso, temos o

¹⁶ Como pode ser observado no estudo de Borel (2012).

Método Francês, instituído nas aulas de Educação Física desde a década de 1930, que indicia, para além do desenvolvimento do método ginástico, as práticas esportivas pedagogizadas e sistematizadas, compostas pelos pequenos e grandes jogos.

Na Figura 3 observamos, que o esporte já se constituía, na década de 1940, como prática de relevância tanto para a comunidade escolar quanto para a sociedade em geral, podendo ser observado nas reportagens dos jornais A Gazeta e A Tribuna, da revista Vida Capixaba nas quais circulavam diversas imagens a respeito das olimpíadas escolares.

FIGURA 3 – OLIMPÍADAS ESCOLARES DE 1946



Fonte: Jornal A Gazeta, outubro de 1946.

Consideramos que a Educação Física se encontra imersa em um contexto social, composto por macroestruturas (políticas, econômicas e sociais) e pelas instituições que as representam, nas quais os discursos permanecem em constante tensionamento entre as práticas que visam a ocupar um determinado espaço de poder. No amálgama dessas relações, também são produzidas ressignificações, mediante as relações entre as estratégias de imposição e as táticas de apropriação. Talvez saibamos onde se iniciam seus “nós”, porém sem a certeza do desenrolar de sua tessitura. Provavelmente o alargamento teórico proposto por Nunes (1992) funcione como uma lupa que, ao aproximarmos do objeto, sempre revelará novos formatos mostrando-nos um contexto a ser conhecido.

Dessa forma, a investigação retrospectiva sobre as relações estabelecidas no colégio podem revelar novas linhas de análise que apontem para a explicação de algumas práticas lá instituídas, principalmente aquelas que se tornaram monumentos emotivos para a memória da escola, como o esporte.

Da mesma maneira que os estudos de Linhales (2009) apresentaram novas faces para a esportivização no Brasil, novos estudos podem revelar outras tantas conexões que caracterizem os sentidos para essas práticas. Portanto, o nosso limite para o presente é delineado pelos indícios deixados nos documentos/monumentos da história da Educação Física Capixaba, no Colégio Estadual do Espírito Santo.

Os estudos de Simões, Salim, Tavares (2006) e Borel (2012) nos demonstram como o Estado se propôs a participar do processo de modernização brasileira, apresentando o seu modelo de ensino secundário e tentando adequá-lo aos projetos nacionais. No entanto, apesar das indicações de similaridade e de possibilidades entre os processos de constituição do ensino no Colégio Pedro II e no Colégio Estadual do Espírito Santo, apresentado pela revisão, indicamos a possibilidade de uma outra descontinuidade desse processo, a da realização da aulas de Educação Física em espaços extraescola. Para além da possibilidade de justificar essa estratégia em comparação com as da instituição carioca, o Colégio Estadual possuía um espaço ainda mais estratégico para as aulas de Educação Física – a Escola de Educação Física – que, dentre as poucas existentes no País naquele momento, era encarregada da formação e organização dessa disciplina no Estado, nos moldes do Método Francês.¹⁷

Os exames de admissão utilizados como pré-requisito de entrada nas instituições públicas secundárias, considerando o baixo quantitativo de escolas existentes, tornava esse ensino seletivo, a considerar a organização política das cidades brasileiras e principalmente a do Espírito Santo naquele momento. Apesar da movimentação em prol da industrialização corrente no Brasil, a economia capixaba ainda se estruturava majoritariamente na agricultura. Mesmo que a preocupação com a educação estivesse direcionada à formação das elites, as representações dos seus modos e costumes serviria como exemplo a ser seguido pelos demais.

Mediante a revisão bibliográfica, pudemos perceber a falta de uma maior produção acadêmica voltada para a história da Educação Física do Espírito Santo. Com isso, podemos dizer que, na história da Educação Física do Espírito Santo, há muito que se fazer, pois existem muitas lacunas a serem preenchidas. Buscamos, por meio de cada indício, tentar tecer uma história que diga não somente a respeito do surgimento de uma disciplina e dos métodos que a constituíram, nem mesmo sobre a que interesses esteve subordinada, porque entendemos que alguns estudos, como Marinho (1980), Castellani Filho (1988), Ghiraldelli Junior (1988), Ferreira Neto (1999) e Soares (2001), já nos deram uma noção desses sentidos, mas ainda há que se falar sobre quais as práticas realizadas, por quais indivíduos, quais os seus significados, em quais lugares/espacos aconteceram e se realmente aconteceram.

Dessa maneira, tornou-se necessária a incursão nos arquivos institucionais, como forma de acesso aos vestígios que revelassem outras possibilidades de análise sobre as

¹⁷ Assumido como método oficial para a Educação Física brasileira.

práticas da Educação Física no Colégio Estadual e sobre as relações estabelecidas entre os seus atores, mesmo reconhecendo os limites dessas fontes que, em parte, se localizaram dentro de um período ditatorial e produziram documentos inspecionados e controlados. No entanto, essas manobras gerenciais podem nos apontar alguns sentidos atribuídos à Educação Física.

CAPÍTULO II

2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO: INDÍCIOS DA ESCOLARIZAÇÃO DE UMA DISCIPLINA ENTRE OS ANOS DE 1943 e 1957

Resumo: Busca analisar as transformações na Educação Física entre as décadas de 1940 e 1950, na região de Vitória, no Espírito Santo, tendo como objeto de estudo a Educação Física no contexto do Colégio Estadual do Espírito Santo que, na época, materializava o ideário de modernidade pedagógica na região. Opera com os conceitos das estratégias e táticas, lutas de representações e do paradigma indiciário. Utiliza, como fonte, o arquivo dessa instituição. Identifica um novo sentido para as práticas educativas no pós-guerra. O esporte introduz outros tempos e formatos na conformação dos saberes para a Educação Física, caracterizada na busca pela eficiência em prol do projeto de modernização do Estado.

Palavras-chave: Educação Física. Colégio Estadual do Espírito Santo. Escolarização.

2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, buscamos compreender as transformações ocorridas na disciplina Educação Física nas décadas de 1940 e 1950, com o olhar voltado para as práticas de representações¹⁸ relacionadas com o Colégio Estadual do Espírito Santo, uma importante instituição criada para ministrar o ensino secundário na região de Vitória e responsável pela formação de uma elite letrada para a administração do Estado. Procuramos, neste momento, aprofundar a compreensão obtida pela revisão bibliográfica, tomando como fonte de investigação os arquivos do colégio e da Escola Superior de Educação Física.

Apesar de essa instituição fazer parte de um projeto de modernização capixaba, o Espírito Santo, nas décadas de 1940 e 1950, ainda contava com uma população predominantemente agrária (79%), já que sua economia girava em torno da produção agrícola (SILVA, M., 1995), situação que veio a se modificar gradualmente com os investimentos na industrialização realizados no Governo Jones dos Santos Neves (1951-1954), em consequência do plano de metas implantado pelo Governo Juscelino Kubitschek (VILASCHI; FELIPE; OLIVEIRA, 2011).

¹⁸ As representações são construções que pessoas e grupos fazem sobre sua prática. Possuem limites quanto à sua integridade, pois não têm a capacidade de perceber a realidade de forma plena. Elas se distanciam da ficção ao buscarem uma verdade que só pode ser acessada na forma das representações, pois os dispositivos textuais não são capazes de traduzir a realidade em sua totalidade, porque, para além deles, existem outras práticas envolvidas em sua produção, que não são materializadas nesses dispositivos (GUARATO, 2010). A prática de representação é a materialidade das informações deixadas em diferentes formatos.

As atividades desenvolvidas no colégio, nas primeiras décadas de sua fundação, ficaram dentro dos limites do que era possível para a gestão estadual, permeadas por estratégias que se configuravam desde a busca frequente por um espaço arquitetônico para o desenvolvimento das aulas até a divulgação de uma campanha patriótica por parte do governo, na imprensa, convocando a população para enviar seus filhos para a formação docente, devido à insuficiência do quadro de professores da região (FALCÃO, 2010).

O próprio ensino secundário no Brasil foi se constituindo de um contexto de possibilidades, tendo sido objeto de muitas reformas que buscavam adaptá-lo às necessidades contemporâneas daquele período. No entanto, o ensino humanista voltado para a formação dos filhos dos mais abastados ainda se configurava como seu objetivo principal, desde a sua introdução no País.

Mesmo com a reforma de Capanema, em 1942, em substituição a de Campos em 1931, o ensino secundário e superior se colocava com uma função diferenciada do ensino primário e profissional, a de “[...] oferecer uma sólida cultura geral, apoiada sobre as humanidades antigas e modernas, com o objetivo de preparar as individualidades condutoras, isto é, os homens que assumiriam maiores responsabilidades dentro da sociedade e da nação, portadores de concepções que seriam infundidas no povo” (NUNES, 2000, p. 14).

A reforma Francisco Campos, realizada em 1931, instituiu uma organicidade ao ensino secundário, com a prescrição de um currículo seriado e a frequência obrigatória, necessária ao ingresso ao ensino superior.

No momento em que a ideologia do desenvolvimento começava a ocupar espaço na vida econômica e política do país, sequer houve qualquer preocupação consistente com o ensino técnico, científico e profissional, oficializando-se o dualismo configurado por um ensino enciclopédico e preparatório para o ensino superior e outro profissional independente e restrito em termos da configuração produtiva e ocupacional (RAMOS, 2005, p. 230).

A Lei Orgânica (Decreto-Lei n.º 4.244) para o ensino secundário de 1942 ratificou essa tendência de ensino propedêutico e aristocrático. Somente com a Constituição de 1946 colocou-se em pauta a discussão de uma educação abrangente que veio a se materializar com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9394/61.

Apesar da diferenciação do ensino ocasionada pelas dificuldades de acesso de grande parte da população à educação secundária, seja pela seletividade nos exames de admissão, seja pela continuidade dos estudos,

A escola que representava a oportunidade de ascensão social era o ginásio secundário, procurado não como uma escolha ‘irrealista’ das classes populares como os estudos clássicos insistiam, mas como alternativa lógica, diante de suas expectativas na estimativa que faziam das vantagens relativas aos diferentes tipos de educação. Elas também queriam ‘o melhor’ para os seus filhos, mas não havia escolas suficientes e o ensino secundário foi forçado a expandir-se com o objetivo de conter as tensões sociais geradas por sua incipiente oferta ao lado de outros problemas como a falta de energia, o alto custo dos transportes e dos gêneros alimentícios (NUNES, 2000, p. 48).

O estudo de Nunes (2000) identifica que uma das estratégias de expansão do ensino secundário em São Paulo se caracterizou pela utilização dos espaços arquitetônicos já existentes e muitas vezes compartilhados entre mais de uma instituição. Podemos dizer que algo semelhante ocorreu no Espírito Santo, considerando a própria história do Colégio Estadual, cheia de mudanças e adaptações.

A criação de um ensino modelar materializado no Colégio Imperial Pedro II, em 1837, bem como a instituição dos exames preparatórios se tornaram uma forma indireta de retomada do controle estatal sobre a educação, em contraposição à limitação ocasionada pelo ato adicional de 1834, que diminuiu a presença do Estado no âmbito público. No período republicano, esse controle passou a ser realizado de forma direta, por meio do sistema de equiparação do “Gymnásio Nacional”.

Ao utilizarmos a compreensão de que o ensino foi um dispositivo de organização do Estado, juntamente com a análise dos arquivos institucionais e da imprensa, que nos permitem entender parte da história do colégio, apoiamo-nos nas prescrições de Chartier (1991) sobre os vestígios que podemos encontrar nesses documentos e, pela identificação das suas representações, procuramos apontar algumas das apropriações realizadas pelos atores que construíram a história da Educação Física Capixaba. Para o autor, é impossível compreender o discurso fora dos suportes que permitem a sua circulação, ao mesmo tempo considerando que os discursos não são neutros; são forjados por intencionalidades que criam protocolos a fim de produzir uma leitura modelar. Para fugir dessa marcação editorial dos discursos, devemos

fazer perguntas aos documentos, buscando reconhecer os limites de tais fontes. Desse modo, é necessário seguir as pistas que nos permitam compreender, na série documental, cruzando informações, os dados marginais deixados nos documentos (GINZBURG, 1990) por uma realidade que ficou no passado, que materializa como vestígios a ação do homem no tempo (BLOCH, 2001).

Assim, trabalhamos com a noção de representação (CHARTIER, 1991), pois ela nos permite converter os vestígios em documentos e em monumentos de um passado que se quer preservar. Nesse sentido, investigar a escola se torna um procedimento profícuo para conhecermos as representações das vivências, dos significados e das relações.

A escola como lugar da memória social é também o efeito de uma sedimentação acumulada no tempo e que produziu monumentos resultantes da fixação de certas funções nela desenvolvidas. Assim, podem ser compreendidos os dossiês dos alunos, os livros de matrículas, a correspondência, as circulares, os livros de ponto e advertência, os diários de classe, as atas de diretoria e congregações, os estatutos, os regimentos, as plantas dos prédios escolares, os álbuns fotográficos, as publicações (NUNES, 2003, p. 9).

Tanto quem produz/produziu, quanto aqueles que fazem/fizeram parte das memórias deixadas pelos documentos estão/estiveram sujeitos aos enfrentamentos das instituições que organizam a sociedade, o que não quer dizer que suas atitudes serão cristalizadas dentro desses padrões. Existem momentos de subterfúgios que os sujeitos utilizam para subverter a lógica imposta. Certeau (2004) chama essas ações de táticas, quando o ator se encontra em uma posição de desvantagem e busca meios para modificar tal situação; e de estratégias, quando ele age em condição privilegiada, apenas com o intuito de manter essa ordem.

Dessa forma, reconhecemos que os documentos investigados podem representar uma forma de controle sobre as informações nele deixadas, que fazem circulações entre condições privilegiadas ou desfavoráveis. Possivelmente o ato de transformar as leituras em documento foi uma tentativa que, mesmo contando uma história privilegiada de um ponto de vista apenas nos permitiu uma leitura extensiva pela ampliação e variação do consumo dos impressos e pela transformação de seus formatos, possibilitando diferentes formas de apropriação do seu conteúdo na localização do texto pela numeração das páginas, pela comparação entre trechos, pelo acesso ao texto em sua totalidade (CHARTIER, 1994). Esse exercício nos capacita a

reconhecer as miudezas e, assim, levantar questionamentos sobre as memórias contidas nesses dispositivos.

Ao tentarmos compreender essas minúcias preservadas pelas fontes, podemos pontuar aspectos que nelas não estão aparentes, já que a “[...] análise dos antecedentes dos quais o discurso não fala, permitirá precisar as leis silenciosas que circunscrevem o espaço da operação histórica” (CERTEAU, 1988, p.18). A história, portanto, é uma prática humana que abrange perspectivas que estão explícitas e implícitas ao indivíduo.

Reconhecemos que não somos pessoas neutras, pois este trabalho está cercado de objetivos que dizem respeito à nossa curiosidade em relação ao objeto investigado e, portanto, demonstrando os seus limites que se relacionam com tais intentos, de modo que, pela busca e organização das fontes, também produzimos algo novo: um banco de dados com perspectivas desenhadas pelos objetivos direcionadores da pesquisa. Essa materialidade

Produz um conhecimento na medida em que sua constituição que se efetiva por meio de um complexo de operações que modificam o objeto do conhecimento – documentos, imagens, entrevistas. Operações que decorrem de recortes, de escolhas, que consistem na reunião de dados e em sua classificação, na ordenação e colocação de documentos em séries, em agrupamentos (WERLE, 2000, p. 60).

Então talvez devêssemos falar de uma história da Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo que é composta por várias histórias, indicando alguns pontos de contato entre as práticas realizadas dentro e fora de seu ambiente, pontuando os seus demais elos, para que possamos conhecer e compreender tal contexto, reconhecendo que

A sociedade e as ‘idéias’ que nela circulam são organizadas por um mesmo movimento, o qual se distribui em regimes de manifestação (econômico, social, científico, etc.) que constituem entre si funções imbricadas, mas diferenciadas, das quais nenhuma é a realidade ou causa das outras (CERTEAU, 1988, p. 21).

Por isso, demarcamos o recorte temporal na história do colégio que pode nos oferecer “pistas” (GINZBURG, 1990) sobre o processo de escolarização da Educação Física na instituição, começando pelo ano em que a escola deixou a categoria de ginásio e elevou-se à categoria de colégio, tendo como responsabilidade a manutenção de um ensino modelar, e o

final, quando obteve sua arquitetura própria e, portanto, com espaço adequado para as aulas de Educação Física, embora ainda utilizasse o espaço da Escola Superior de Educação Física para algumas práticas.

Para conhecermos o processo de escolarização da Educação Física no colégio, devemos nos reportar a diferentes momentos de sua história, relacionando suas práticas com os contextos que as tensionavam (político, econômico, social), como também identificando os dispositivos que possivelmente colaboraram com a sua institucionalização.

Veiga (2002) delimita o processo de escolarização como um dispositivo que tem contido em suas práticas as relações de força, mediadas por saberes que incidem sobre o controle dos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos, como também no processo de racionalização das mentalidades pelo controle das emoções. Segundo a autora, a escolarização foi possível em função das transformações da pedagogização dos costumes entre os séculos XVI e XVIII, com a constituição da escola e da infância, estruturando-se como prática social “[...] produtora e reprodutora de formas sociais, da socialização, expressa na difusão da cultura escrita, do saber científico e na produção dos talentos e da individualização” (VEIGA, 2002, p. 100).

As disciplinas escolares possuem em sua constituição tanto as práticas docentes, como fenômenos de aculturação. A ênfase para se compreender as disciplinas está na diferença do público. Ao tomarmos como exemplo as crianças e os adolescentes, o ensino requer uma preocupação didática com os seus conteúdos, já para os adultos o conteúdo é invariante, não há uma adaptação dos conhecimentos, o professor transmite diretamente o saber (CHERVEL, 1990).

Segundo Chervel (1990, p. 186), as disciplinas são “[...] modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos” e, por conta disso, funcionam como um instrumento regulador das identidades que constituem determinada sociedade. Elas se modificam de acordo com as finalidades (religiosas, políticas, culturais e comportamentais) que lhes são impostas em cada época. Apesar da sistematização de ensinamentos explícitos e programados, a função educativa permeia, para além das atividades pertencentes às disciplinas escolares, funções implícitas à escola, vinculadas de forma complexa à organização do ensino.

Pode-se globalmente supor que a sociedade, a família, a religião experimentaram, em determinada época da história, a necessidade de delegar certas tarefas educacionais a uma instituição especializada, que a escola e o colégio devem sua origem a essa demanda, que as grandes finalidades educacionais que emanam da sociedade global não deixaram de evoluir com as épocas e os séculos, e que os comanditários sociais conduzem permanentemente os principais objetivos da instrução e da educação aos quais ela se encontra submetida (CHERVEL, 1990, p. 187).

Dentro do ambiente escolar, está implícita uma finalidade imposta externamente à escola, mas também uma “liberdade de manobra” da instituição, pois nem a escola e nem o professor são totalmente sujeitos a uma rotina de transmissão de uma didática externa. Portanto, as disciplinas representam o

Fruto de um diálogo secular entre os mestres e os alunos, elas constituem por assim dizer, o código que duas gerações, lentamente, minuciosamente, elaboraram em conjunto para permitir a uma delas transmitir à outra uma cultura determinada. A importância dessa criação cultural é proporcional à aposta feita: não se trata nada menos do que da perenização da sociedade. As disciplinas são o preço que a sociedade deve pagar à cultura para poder transmiti-la no contexto da escola ou do colégio (CHERVEL, 1990, p. 222).

Através do tempo, as disciplinas foram sendo conceituadas de acordo com as necessidades de suas épocas, que emergiram dos contextos sociais. A Primeira Guerra Mundial foi um marco para os seus significados. Antes os termos “disciplina” e “disciplina escolar” estavam alinhados à vigilância dos estabelecimentos e às condutas desejáveis a manutenção da boa ordem, sem uma relação direta com os conteúdos de ensino. No entanto, a partir desse marco,

[...] os conteúdos de ensino são concebidos como entidades *sui generis*, próprios da classe escolar, independentes, numa certa medida, de toda realidade cultural exterior à escola, e desfrutando de uma organização, de uma economia interna e de uma eficácia que elas não parecem dever a nada além delas mesmas, quer dizer à sua própria história. Além do mais, não tendo sido rompido o contato com o verbo *disciplinar*, o valor forte do termo está sempre disponível. Uma ‘disciplina’, é igualmente, para nós, em qualquer campo que se a encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte (CHERVEL, 1990, p. 180).

Porém, a crescente valorização do conhecimento puro colocou o papel da escola e das disciplinas como tradutoras de uma realidade produzida externamente. No entanto, o campo da Pedagogia aponta para uma real compreensão do funcionamento dos ensinos escolares, pois historicamente grande parte dos conteúdos escolares foram criados pela própria escola, não tendo origem na cultura do homem, ou seja, não são uma vulgarização dos conhecimentos legitimados pelas ciências puras, mas são outras formas de compreendê-los.

A concepção de escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela está na origem da ideia, muito amplamente partilhada no mundo das ciências humanas e entre o grande público, segundo a qual ela é, por excelência, o lugar do conservadorismo, da inércia, da rotina. Por mais que ela se esforce, raramente pode-se vê-la seguir, etapa por etapa, nos seus ensinos, o progresso das ciências que se supõe ela deva difundir. Quantos sarcasmos contra a gramática escolar procederam, nos anos de 1960 e 1970, a introdução triunfal da linguística estrutural e transformacional! A vaga modernista devia refluir dez anos mais tarde, confirmando assim uma experiência histórica bem densa: quando a escola recusa, ou expulsa depois de uma rodada, a ciência moderna, não é certamente por incapacidade dos mestres de se adaptar, é simplesmente porque seu verdadeiro papel está em outro lugar, e ao querer servir de reposição para alguns 'saberes eruditos', ela se arriscaria a não cumprir sua missão (CHERVEL, 1990, p. 182).

Para estudar a história das disciplinas escolares, devemos construir uma narrativa que discorde sobre os diversos elementos que a permeiam, como as relações entre a escola e a sociedade local, a necessidade do ensino de determinada disciplina e a produção de sentidos provenientes dessas relações.

Desde que se compreenda em toda a sua amplitude a noção de disciplina, desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina, então a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação mas na história cultural. Se se pode atribuir um papel 'estruturante' à função educativa da escola na história do ensino, é devido a uma propriedade das disciplinas escolares (CHERVEL, 1990, p. 184).

As ações realizadas como produto das disciplinas escolares deixam algumas marcas materializadas em documentos. Investigar esses materiais pode nos oferecer pistas dos sentidos atribuídos a elas.

Para compreender como esses saberes circularam na instituição na conformação de uma disciplina específica, tomamos, como fonte de pesquisa, os documentos do "arquivo histórico da escola" que, neste caso, não podemos chamar de arquivo permanente, já que não se constituem em um conjunto de documentos rigorosamente selecionados pela instituição e por se encontrarem em local improvisado, sem organização aparente, e também pela ausência de documentos importantes, como os diários de classe das aulas de Educação Física, ou de outra disciplina no período do estudo (Figuras 4 e 5). Tal situação evidencia uma tendência das sociedades modernas em naturalizar o ensino: descartam parte de sua memória, pressupondo o conhecimento do contexto escolar como algo conhecido, linear e homogêneo (MORAES; ZAIA; VENDRAMETO, 2005).

FIGURA 4 – ARQUIVO DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO



Fonte: Arquivo Pessoal.

FIGURA 5 – ARQUIVO DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO



Fonte: Arquivo Pessoal.

Desenvolvemos a presente dissertação com a participação de um grupo de nove pessoas – seis alunos do próprio colégio, envolvidos nessa pesquisa por meio de um Projeto de Iniciação Científica Júnior (Pibicjr)¹⁹ e dois alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que tinham a função de nos acompanhar monitorar e orientar os colegiais.

¹⁹ Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa (Fapes).

Realizamos um trabalho de catalogação e digitalização dos documentos (Figura 6) que interessava ao estudo, tanto no arquivo da escola, quanto no arquivo da Escola Superior de Educação Física, localizado no Centro de Educação Física e Desportos (Cefd) da Ufes. Durante esse processo, fizemos alguns encontros para discutirmos a respeito da característica desse tipo de pesquisa e também das possibilidades em torno do trabalho com os documentos. A participação dos alunos do colégio se encerrou no mês de setembro de 2013, em função da data-limite instituída pela Fapes para o término do projeto Pibicjr. Os alunos do colégio fizeram uma apresentação num evento promovido pela instituição promotora do projeto, relatando a participação deles na pesquisa. As alunas da graduação continuaram a pesquisa desenvolvendo projetos individuais de iniciação científica, tendo como foco a Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo, o que possivelmente ampliará nossa compreensão sobre esse contexto, de forma a colaborar com as análises do presente trabalho.

FIGURA 6 – TRABALHO NO ARQUIVO DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO



Fonte: Arquivo Pessoal.

Investigamos também os documentos do arquivo permanente da Escola Superior de Educação Física do Espírito Santo, como forma de constituir uma relação entre as práticas realizadas nesses diferentes espaços, já indicadas pelos estudos de Simões, Salim e Tavares (2006), Salim (2009) e Borel (2012).

Essas fontes, apesar de expressarem uma imagem das representações oficiais referente ao período estudado, podem nos ajudar a compreender o que a elite política da época almejava para a Educação Física do Espírito Santo, como também nos indicar pistas sobre a reconstrução ou ressignificação dessa memória sob uma nova ótica.

2.2 INVESTIGANDO OS DOCUMENTOS DO COLÉGIO

O “Gymnásio Espírito-Santense” obteve o título de colégio a partir de 1943, conferindo-lhe o mérito de promotor de um ensino modelar, equiparado ao Colégio Imperial Pedro II,²⁰ responsável pela formação em Bacharel em Ciências e Letras, sendo a porta de entrada para a matrícula nos cursos de ensino superior do País (SALIM, 2009).

O ginásio era uma instituição completamente entrelaçada à vida cultural, política e econômica do Estado que, naquele momento, passava por profundas transformações. Foi responsável pela formação de toda uma geração de profissionais ligados à área educacional e às atividades culturais, como a imprensa e a literatura, a administração pública e a atividade política. Havia uma intensa relação entre essas diversas áreas e as pessoas envolvidas em cada uma delas tinham em comum o propósito de construir uma nova imagem, tanto para o Estado quanto para si próprias. Nesse contexto, a existência de uma instituição como o ginásio tornava-se imprescindível ao movimento de afirmação local em relação aos Estados vizinhos (SALIM, 2009, p. 204).

Os documentos demonstram que a organização de um ensino modelar participava de um projeto de modernização do País pela formação do Estado Nacional, no qual sua população se reconheceria como participante, pelo sentimento de patriotismo, pelo desenvolvimento de uma língua unificada e pelas demonstrações de reverência e otimismo no engajamento das ocasiões cívicas. O trecho a seguir trata-se de um telegrama enviado ao Colégio Estadual do Espírito Santo pelo então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Podemos perceber que esse documento trabalha com o reforço do ideal de “aprimoramento” do povo brasileiro, pela valorização da formação humanística e patriótica. Parece-nos que essa era uma missão implícita ao recebimento e manutenção do título de Colégio, que as elites federais e estaduais faziam circular nos documentos oficiais.

²⁰ Tradicional instituição de ensino público federal, localizada na Capital do Rio de Janeiro. É o segundo mais antigo dentre os colégios em atividade no País. Fundado na época do período regencial brasileiro, integrava um projeto civilizatório mais amplo do Império do Brasil, propondo-se formar os quadros políticos e intelectuais para os postos da alta administração. Ver em Cunha Júnior (2003).

Rio, 17/3/43. N. 715. Tenho prazer de comunicar Vossencia estabelecimento de ensino secundario mantido por esse Estado foi autorizado a manter corrente ano cursos de classico e científico, sob denominação de Colégio Estadual do Espírito Santo. Congratulo-me com Vossencia por esse fáto, formulo votos pelo constante aprimoramento obra educacional realizada naquela casa de ensino, visando ao duplo objetivo de formar no adolescente a conciencia humanística e acentuar a sua conciencia patriotica. Saudações Cordiais. Gustavo Capanema Ministro Educação Saude (TELEGRAMA ENVIADO AO COLÉGIO ESTADUAL, 1943).

Segundo Simões, Salim e Tavares (2006), as década de 1930 e 1940 foram marcadas por uma organização sistemática do governo, que visava a controlar as práticas desenvolvidas na área da educação por meio do Ministério da Educação e Saúde Pública, implementadas pelas reformas educacionais.

Na década de 1940, as aulas de Educação Física do Ginásio eram ministradas no Estádio Governador Bley, possivelmente por falta de um espaço apropriado no imóvel em que se localizava, uma vez que era compartilhado com a Escola Normal Pedro II,²¹ e a arquitetura era insuficiente para os alunos de ambas as escolas. Em relatório institucional, apresenta-se como justificativa para as aulas fora do seu estabelecimento o fato de que essa situação também ocorria no Colégio Imperial Pedro II, que mantinha suas aulas fora da instituição, na Quinta da Boa Vista (BOREL, 2012). Em 1942, cada turma tinha três aulas de Educação Física (OFÍCIO ENVIADO À INSPETORIA FEDERAL, 1942).

Em 1947, as aulas ocorriam de segunda a sábado, duas vezes por semana para cada turma. Em alguns casos, eram realizadas no pátio do colégio, no contraturno (CRONOGRAMA DE AULAS, 1947). A partir de 1949, as aulas no estádio foram reduzidas em função da necessidade de a Escola de Educação Física ocupar o espaço com outros compromissos. No ano de 1958, o colégio ainda utilizava os espaços do Estádio Governador Bley para as aulas de Educação Física (OFÍCIO ENVIADO AO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1958).

Dentre os professores de Educação Física que atuaram no Colégio, identificamos as Sras. Alda Passos²² e Cecília Conceição Dias Lopes²³ e os Srs. Adão Benezath,²⁴ Léo

²¹ A instituição funcionou primeiramente no Morro da Capitania, onde estava localizada no primeiro endereço da Escola Gomes Cardim; depois foi para o Convento dos Franciscanos; mais tarde para a Escola Normal D. Pedro II. Funcionou, também, no prédio que hoje abriga a Escola de Artes Fafi, na Av. Jerônimo Monteiro que, na época, era o prédio da Escola Gomes Cardim. Ver em Pacheco R. (1996).

²² Formado em 1939 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra a, 1939).

Ribeiro,²⁵ Emy Brandão,²⁶ Berillo Basilio dos Santos²⁷ e Audifax Barreto Duarte²⁸ nas décadas de 1940 (OFÍCIO RECEBIDO, 1942; CORPO DOCENTE, 1945, e ATESTADO DE EXERCÍCIO, 1947). Na década de 1950, o quadro de docentes ainda contava com os Srs. Audifax Barreto Duarte e Emy Brandão acrescido dos Srs. Carlos Pandolpho de Barros,²⁹ Edgard Ferreira dos Santos,³⁰ Ruy Benezath,³¹ Pedro Jericó Zapugno³² e a Sra. Edith Ferraz Figueiredo³³ (CORRESPONDÊNCIAS DA DIRETORIA, 1954, e ATESTADO DE EXERCÍCIO, 1956).

Na análise dos documentos, percebemos que as aulas de Educação Física envolviam decisões interinstitucionais entre o Serviço de Educação Física da Escola Superior de Educação Física, a Secretaria de Educação e Saúde e os interventores federais. Havia uma constante inspeção do então diretor do Serviço de Educação Física, o Sr. Aloyr Queiros de Araújo, bem como do inspetor federal de Educação Física, o Sr. Orlando A. Ferrari, quanto às ocorrências como ausências dos alunos, dos inspetores e dos professores nas aulas de Educação Física, como também do controle dos horários de aula.

Adianto a V. S., que, nesta data, não esteve presente ao Estádio o Inspetor de alunos, cuja ausencia trouxe certas irregularidades e prejuizos ao perfeito andamento dos trabalhos práticos, motivo porque espero de V. S., o máximo empenho para aquele funcionário comparecer a este serviço em todas as aulas desse Colégio (OFÍCIO RECEBIDO, 1947a).

A preocupação quanto à eficácia no andamento do ensino era uma prática regulada por diferentes instâncias governamentais, como a Secretaria de Educação, o Serviço de Educação Física e a própria escola, por meio de ofícios e comunicados em jornais e revistas. Não bastava a orientação disciplinar desenvolvida pelo professor de Educação Física; havia necessidade de um inspetor de ensino para ajudar no controle do andamento das aulas.

²³ Formado em 1947 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra c, 1947).

²⁴ Formado em 1935 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra a, 1935).

²⁵ Formado em 1933 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra l, 1933).

²⁶ Formado em 1939 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra b, 1939).

²⁷ Formado em 1932 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra b, 1932).

²⁸ Formado em 1939 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra a, 1939).

²⁹ Formado em 1947 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra c, 1947).

³⁰ Formado em 1947 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra e, 1947).

³¹ Formado em 1951 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra R, 1951).

³² Formado em 1939 na Escola de Educação Física do Espírito Santo (DOSSIÊ DE ALUNOS, letra p, 1939).

³³ Não encontramos documento relacionado com sua formação.

Podemos perceber que essas eram estratégias desenvolvidas como parte do projeto de modernização por meio da educação.

A cada período letivo, os alunos eram submetidos a exames antropométricos. Isso possivelmente esteve relacionado com a busca por engajar o Estado, bem como o País, no projeto de modernização científica que no contexto pós-Segunda Guerra se fez necessário pela demonstração do poder pelas tecnologias desenvolvidas, ou pelo poder simbólico que essas práticas atribuíam à disciplina, como também uma forma de constituir a identidade nacional.³⁴

As avaliações consistiam numa prova prática realizada na Escola Superior de Educação Física em função da disponibilidade da estrutura. Nelas os alunos eram classificados em “grau elementar e secundário”. A falta de documentos no arquivo do colégio que nos revelassem um pouco mais detalhadamente essas práticas nos levaram a levantar outras questões sobre o objeto, como: em quais outros lugares eram realizados os exames? Com quais características? Procuramos conjecturar a esse respeito nos remetendo à estratégia utilizada por Natalie Davis quando buscou reescrever “O retorno de Martin Guerre”. Segundo Ginzburg (1989), essa historiadora se propôs a trabalhar não com o que considerava que pudesse revelar “a verdade”, mas com o que dissesse das possibilidades em torno daquele contexto. Para ele, a busca por outras documentações que pudessem parecer imprecisas poderia contribuir para preencher algumas lacunas daquela história.

Ao nos apropriarmos dessa lógica investigativa, utilizamos o contexto para compreendermos o que foram os exames antropométricos. Em seu relatório de aula, publicado em 1935, na revista de Educação, Aloyr Queiroz de Araújo trata dos procedimentos realizados por ele nas aulas de Educação Física, durante o ano letivo no Ginásio do Espírito Santo. No início daquele ano, foram feitos os testes como forma de selecionar as turmas de acordo com as capacidades físicas. As turmas eram divididas em grau elementar (4º grau), para alunos do primeiro ano ginásial com idade entre 11 e 13 anos, e secundário, com a devida progressão avaliativa, sendo indicado o 1º grau secundário para alunos com idade entre 13-16 anos e o 2º grau secundário para alunos entre 16-18 anos. O professor trabalhava o método ginástico de acordo com as indicações prescritas para os grupos.

³⁴ Ver em Gomes (2012).

A homogeneização das turmas nas práticas escolares poderia constituir um indicativo de adequação quanto ao exercício para cada tipo físico, caracterizado pelos exames biométricos. Nessa medida, foram construídos parâmetros que apontavam os aptos, inaptos, inapropriados e incapazes.

Neste processo as mulheres, biotipologicamente, deveriam praticar as danças e não os esportes de contato, os sujeitos de baixa estatura não estariam, ainda adequados à prática do basquete, nem de alguns tipos de corrida. Outros tantos estariam, ainda, restritos às práticas leves e moderadas dada a fragilidade de seu tipo constitucional (SILVA, A. 2012, p. 218) .

Os testes eram feitos no início do ano para a formação das turmas, com a homogeneização das classes pela semelhança das características físicas, como altura e peso, e no final para a avaliação dos resultados. Segundo Chaves Júnior (2004), a partir de 1939, o Ministério de Educação e Saúde passou a orientar, pela Portaria n.º 161, que as turmas fossem padronizadas pelo critério “fisiológico” e pelas condições “patológicas”. O primeiro grupo poderia seguir a rotina do método de forma aplicada, para o desenvolvimento de suas capacidades, enquanto ao segundo grupo caberiam exercícios moderados de modo a corrigir seus “problemas”.

Conforme o estudo de Chaves Junior (2004), os exames antropométricos realizados no contexto do Paraná, entre as décadas 1931-1951, consistiam na avaliação da capacidade pulmonar, altura e caixa torácica. Encontramos, na Escola de Educação Física do Espírito Santo os modelos das fichas dos exames, que eram aplicados tanto para os estudantes escolares como para os estudantes acadêmicos.

No Espírito Santo também havia uma preocupação com o desenvolvimento físico realizado em cada fase da vida. As medidas antropométricas se aplicavam na indicação do tipo de exercício para as diferentes faixas etárias, como também para os diferentes tipos físicos. Para Bélache (1938),³⁵ os exercícios de força não eram indicados para as crianças e adolescentes, cabendo-lhes a prática de uma atividade física que, “[...] deve ser natural, própria ao seu desenvolvimento, como produto de regras higiênicas, pelo proveito com exercícios adequados á sua idade” (BÉLACHE, 1938, p.81). Os exercícios mais vigorosos

³⁵ Professor das cadeiras de Antropometria e Noções de Biotipologia e de Estatística do curso de Educação Física da Escola de Educação Física do Espírito Santo.

eram prescritos para os indivíduos que ultrapassarem os 16 anos. Na fase inicial da vida, a estrutura óssea é maleável e devem-se evitar exercícios de força ou que possam enrijecer os músculos em função de eles ainda não possuírem pontos sólidos de inserção (BOIGEY, *apud* BÉLACHE, 1938).

Os documentos demonstram que a seleção das turmas de Educação Física do Colégio Estadual era realizada de acordo com os testes antropométricos desde a década de 1930, como aponta Araújo, em relatório publicado na revista de Educação de 1935. Chaves Júnior (2004), ao analisar as Diretrizes do Ensino da Educação Física de 1947, identificou que essa disciplina passaria a servir de referência no processo de seleção também para o ensino geral. De acordo com aquele documento, as classes de ensino intelectual deveriam ser organizadas em conformidade com o estabelecido para as aulas de Educação Física.³⁶

A proposta de teste para a Educação Física, formulada por Sette Ramalho, que visava à necessidade da análise do perfil biotipológico, inseria nos testes dados que, segundo ele, iriam além da análise do perfil morfofisiológico, caracterizado pelos exames antropométricos. No entanto, para Ramalho, aquele processo, apesar de se constituir, como medidas que poderiam diminuir os índices de erros para as práticas físicas, eram morosos e complexos, o que poderia dificultar a formação das turmas homogêneas. Dessa maneira, “[...] uma vez atendidas as demandas de primeira urgência, Ramalho propõe a confecção da ‘Ficha Biotipológica e Etnológica’ que, apoiada na classificação de Bárbara, descrevia os seguimentos a serem mensurados como o instrumental necessário e a técnica de execução correta” (RAMALHO 1934, *apud* SILVA A., 2012, p. 201).

Nessa direção, Bélache (1938) propõe uma catalogação das medidas antropométricas, possivelmente com o intuito de dinamizar o processo de caracterização do Perfil Biotipológico dos escolares capixabas, pois acreditava que, para o alcance da prosperidade e grandeza do País, seria necessário trabalhar com a criança, cuidando do “aperfeiçoamento racial”, “[...] despertando nela a emulação necessária aos mais sérios e elevados empreendimentos sociais” (BELACHE, 1938, p. 143).

³⁶ Segundo o Método Francês, a Educação Física estaria dividida em: Educação Física Elementar (1º grau 4-6 anos; 2º grau 6-9 anos; 3º grau 9-11 anos; 4º grau 11-13 anos); Educação Física Secundária (1º grau 13-16 anos; 2º grau 16-18 anos); Educação Física Superior (18 -30 ou 35 anos); e Ginástica para conservação da idade madura (35 em diante). E em grupos: 1º Grupo: alunos sem certificado de Educação Física; 2º Grupo: alunos portadores do certificado do ciclo secundário; 3º Grupo: alunos portadores do certificado do ciclo secundário (1º grau); 4º Grupo: alunos portadores do certificado do ciclo secundário (2º grau).

FIGURA 7 – EXAME BIOMÉTRICO

EXAME BIOMÉTRICO		Côr da pele	Tipo do Cabelo	
N. DE MATRICULA	120	Leucoderma	Castaño-liso	
DATA DO EXAME	22/1/47			
Perimetro (Rep.....)	64			
Tórax (Inap.....)	70			
(Esp.....)	63			
Elasticidade Tórax ca.....	7			
Peso.....	48,300			
Estatura.....	1,42			
Capacidade Vital.....	2,800			
Ciclo e grau.....	32º-6			
OBSERVAÇÕES				
Edna Braga				
Professora	1947	Professor	194	Professor
Professor	194			Professor

Fonte: Arquivo da Escola Superior de Educação Física do Espírito Santo, 1947.

O modelo de ficha biométrica/antropométrica utilizado nos colégios para avaliar os alunos era o mesmo usado pela Escola Superior de Educação Física para avaliar os futuros docentes. Ela continha os dados etnológicos e as medidas da capacidade respiratória, peso e altura. Com isso percebemos que a preocupação com o biótipo do povo brasileiro e com o tipo de exercício adequado às diferentes características físicas eram práticas presentes desde a formação dos seus professores, considerando que até mesmo eles passavam por esses testes, como aponta a imagem anterior.

Na década de 1940, a organização da Educação Física no Espírito Santo, como também a regulamentação de suas atividades eram prescritas pelo Serviço de Educação Física da Escola Superior de Educação Física, possivelmente como forma de unificar o ensino dessa disciplina nos preceitos modelares nacionais (Método Francês). A Educação Física deveria abranger sessões de estudos, sessões completas, sessões de jogos ou recreação, desfiles escolares, demonstrações coletivas, festividades escolares, palestras educativas e competições desportivas (PORTARIA RECEBIDA, 1947). Observamos que, apesar de não estarem

prescritos em tal documento, as aulas também contavam com práticas de tiro (CRONOGRAMA DE AULA, 1944).

Os exercícios de tiro ao alvo faziam parte do Método Ginástico, assim como os exercícios de esgrima. Segundo Goellner (1992), eles tinham como intuito a formação de um homem forte e preparado para defender a pátria.

No Colégio Estadual do Paraná, essas aulas ocorriam dentro da escola em função da existência de uma escola de tiro dentro daquele estabelecimento, e os alunos, a partir dos 16 anos, deveriam obrigatoriamente participar (CHAVES JÚNIOR, 2004).

Percebemos que essas práticas eram exercidas no Colégio Estadual do Espírito Santo pelo menos desde a década de 1920, conforme análise de um ofício do ano de 1926, no qual o diretor do colégio solicita ao secretário de Instrução Pública o empréstimo de cinco fuzis para os exercícios de tiro ao alvo e também pela proximidade com os exames reservistas (OFÍCIO ENVIADO, 1926). Outros documentos indicaram que, pelo menos na década de 1920, essas atividades eram organizadas pela Escola de Instrução Militar n.º 38, que funcionava dentro do colégio. (OFÍCIO ENVIADO, 1925).

Apesar da diferença de temporalidade entre os documentos que apontam a existência dessas práticas no colégio e da diferença de formação dos professores responsáveis por elas, visto que, possivelmente, na década de 1920, eram executadas por militares e, a partir da década de 1930, passaram gradualmente a ser exercidas por civis, os exercícios de tiro estavam vinculados à formação dos alunos para a civilidade e defesa da pátria.

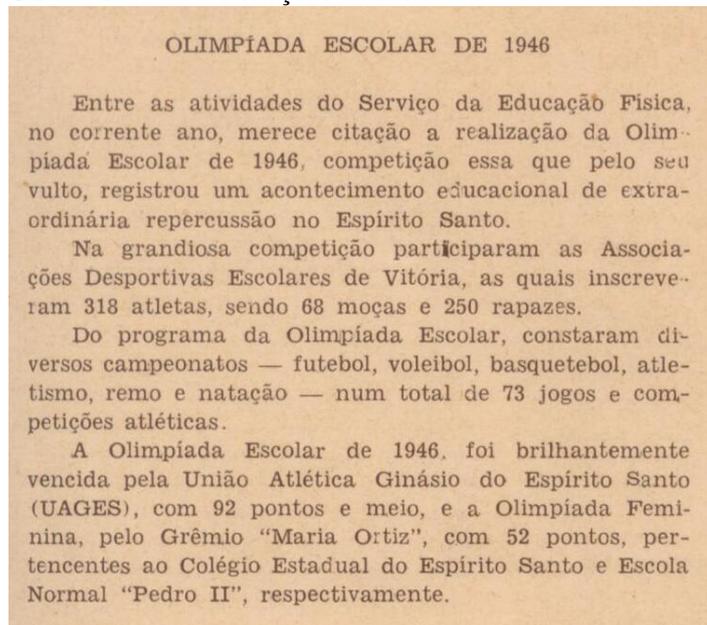
Como parte dessas práticas que visavam ao engajamento dos alunos no movimento que trazia em si novos códigos, os eventos desportivos escolares cumpriam o papel de demonstrar o esforço do Estado em participar do processo de modernização do País, seja pela possibilidade de corroborar a qualificação do novo homem brasileiro, forte, disciplinado e patriota, seja pela demonstração de sua evolução técnica (científica) envolvida na formação daquele que iria representar a pátria como exemplo de eficiência. Os movimentos realizados entre os atores destacados dentro do processo de ensino foram conquistando espaço pelo seu otimismo em relação às práticas que evidenciavam o seu lugar na sociedade capixaba e brasileira, como podemos identificar em ofício enviado pelo diretor do Serviço de Educação

Física ao diretor do Colégio Estadual do Espírito Santo, como podemos perceber no trecho do documento abaixo e na Figura 33:

Temos a satisfação de oferecer a esse conceituado educandário, um exemplar da 'Revista Brasileira de Educação Física', referente ao mês de fevereiro deste ano, em cuja página central se acham publicadas diversas fotografias da 'Olimpíada Escolar de 1946', promovida por este serviço e abrilhantada com a participação dos alunos deste estabelecimento (OFICIO ENVIADO, 1947b).

A Revista Brasileira de Educação Física foi um periódico que circulou no Brasil entre os anos de 1944 e 1952, fundada por João Barbosa Leite. Teve como colaboradores Inezil Pena Marinho, Romeu de Castro Jobim, Leite de Castro, e Alberto Baptista. Trazia em seu conteúdo reportagens que tratavam do desenvolvimento da Educação Física no Brasil

FIGURA 8 – A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESPÍRITO SANTO



Fonte: Revista Brasileira de Educação Física, n. 33, 1946.

e no mundo, associadas às questões que a alavancam para o movimento da modernidade, como a mimetização de algumas práticas norte-americanas, divulgando os esportes, os campeonatos colegiais, os jogos olímpicos, a propaganda de produtos com nomes americanos e os congressos pan-americanos. Segundo Assunção (2012, p. 121),

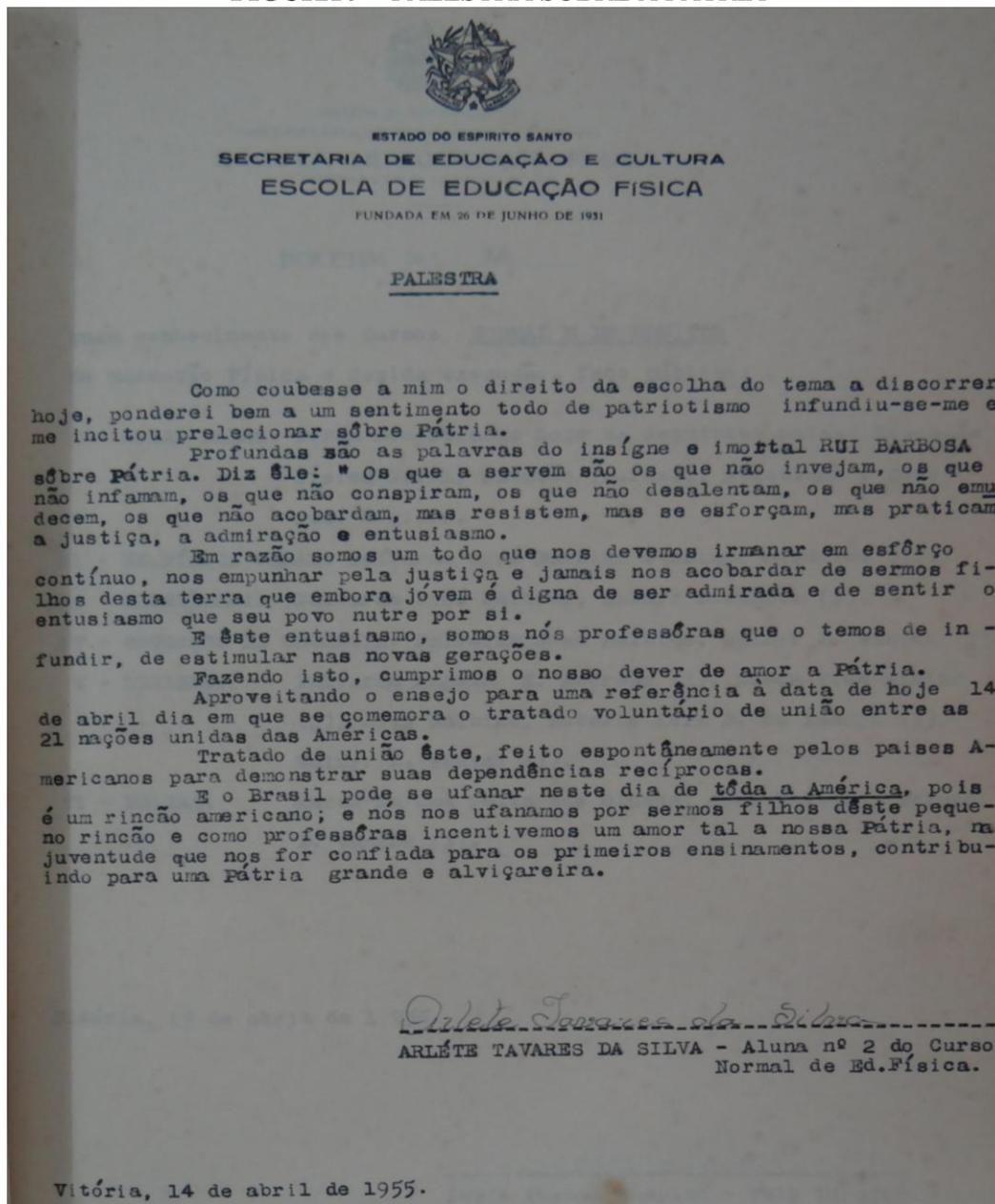
[...] a presença americana aparece na produção da história da Educação Física no Brasil como uma opção *moderna* de modelo a ser seguido, o que nos traria uma série de vantagens em relação aos modelos outrora adotados, permitindo-nos *eleva o país ao nível do século*, como se costumava dizer nessa primeira metade do século XX.

Aliado à busca pelo moderno estava a valorização dos momentos patrióticos. Os ofícios trocados pelos órgãos administrativos eram um meio de contagiar e convencer as

instituições a respeito do poder da educação: “Em nome do Sr. interventor federal, tenho o prazer de elogiar esse estabelecimento, pelo garbo e disciplina com que se conduziram os respectivos alunos, na Parada da Juventude, em comemoração ao dia da Pátria” (OFÍCIO ENVIADO, 1941).

O civismo era um plano projetado possivelmente desde a formação superior até o ensino escolar, como podemos identificar no documento redigido no ano de 1955 por uma aluna da Escola Superior de Educação Física. No entanto, devemos atentar para o fato de que, apesar de ser um documento produzido por um indivíduo participante do contexto de formação da Educação Física e, dessa forma, parecer demonstrar suas perspectivas em relação ao civismo, esse documento possivelmente representa mais das proposições oficiais, por se tratar de um trabalho de curso que provavelmente foi constituído dentro de normas que prescreviam seus formatos e temáticas. Além do mais, dentre as muitas atividades realizadas durante o curso, esse documento ganhou um lugar de destaque numa espécie de dossiê individual da aluna, o que nos indicia para a necessidade de demonstração desse código, por parte da administração da instituição, por meio de uma identificação exercida por seus alunos ao se mostrarem comprometidos com tal ideal.

FIGURA 9 – PALESTRA SOBRE A PÁTRIA



Fonte: Arquivo Escola Superior de Educação Física, 1955.

A autora desse documento (imagem anterior) parece estar convencida do ideal de união das nações americanas. O discurso apresentado era recorrente naquele período em outros documentos, como identificado no estudo de Assunção (2012), quando anuncia que as relações entre o Brasil e os Estados Unidos da América trouxeram um pouco do estilo de vida do americano (american way of life) para a educação brasileira, motivada pela possibilidade de desenvolver o seu próprio projeto de colonização cultural e econômica na contenção do neocolonialismo europeu, iniciado após a primeira metade do século XX, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial. O autor levanta a possibilidade de que pessoas ligadas a

esse movimento fizeram circular, nos periódicos brasileiros, o americanismo como uma proposta moderna. Percebemos alguns indícios desses movimentos circulando na formação dos professores de Educação Física no Espírito Santo, conforme a escrita do documento da imagem anterior e também na disposição dos escolares nos eventos oficiais, de acordo com a Figura 10.

Para além das atividades físicas, como os esportes e os eventos cívicos, as elites intelectuais buscavam convencer a sociedade sobre a importância do desenvolvimento dessas práticas por meio da representação dos momentos que revelavam o engajamento dos alunos nas manifestações de honra ao Colégio e à Pátria, divulgados na grande imprensa e na imprensa de variedade, pois os alunos seriam instrumentos de demonstração para a sociedade daquilo que era valorizado para a construção de uma nação forte, como podemos perceber na imagem a seguir. As olimpíadas escolares colaboravam com o engajamento tanto dos alunos, quanto da sociedade nesses propósitos, produzindo uma organicidade que era capaz de transformar o respeito e a disciplina em uma segunda natureza.

FIGURA 10 - OLIMPÍADAS ESCOLARES



Fonte: Arquivo Colégio Estadual, 1950.

Possivelmente, essa imagem iconográfica esteve alocada num espaço de destaque na instituição, como forma de reverenciar o ideal de nacionalidade, pelo fato de ter sido encontrada no arquivo do colégio, entre algumas medalhas e troféus e se encontrar disposta em uma moldura.³⁷ O uso da imagem, segundo Chartier, pode se materializar

[...] Como um traço das mentalidades coletivas revelando, mediante uma reprodução individualizada, uma maneira comum de representar o mundo natural [...], transmissora de mensagens enunciadas claramente, que visam a seduzir e convencer e tradutora, a despeito de si mesma, de convenções partilhadas que permitem que ela seja compreendida, recebida, decifrável (CHARTIER, 1993, p. 408).

Apesar de os discursos sobre a Educação Física no colégio apresentarem o civismo e os esportes como destaques para as suas práticas na sociedade, não foi possível confirmar exatamente quais eram realizadas nas aulas de Educação Física, devido às ausências de documentos que as caracterizem, porém, quando analisamos os documentos da Escola Superior de Educação Física, presumimos que parte das disciplinas cursadas pelos professores poderia indicar o aprendizado prático daquilo que eles viriam a ensinar para suas futuras turmas. Entre as disciplinas cursadas pelos seus formandos estão, por exemplo, em 1949, a Ginástica Rítmica e Ataque e Defesa; e, em 1958, identificamos a presença dos esportes coletivos, atletismo e desporto aquático (PAUTAS de chamada, 1949 e 1958). Percebemos a possibilidade da mimetização dessas práticas nas aulas da Educação Física Escolar, mesmo porque o vínculo existente entre uma instituição e outra não se limitava aos indivíduos que circularam entre elas, mas se estendia à permanência dessa relação, seja pelas constantes prescrições advindas do Estado, seja pelo próprio espaço e profissionais compartilhados entre elas.

Segundo Linhales (2009), mesmo mediante a valorização dessas vivências pela sociedade e pelo seu crescente desenvolvimento nas aulas de Educação Física, elas nem sempre foram valorizadas para o ensino escolar. Aqueles que levantaram críticas ao crescente movimento esportivo escolar, em algum momento passaram a se convencer de seus benefícios. Fernando de Azevedo que, em suas primeiras publicações, se indispôs a respeito de tais práticas por entendê-las como prejudicial ao contexto de ensino, provocando fadiga e raquitismo, em outro momento, passa a considerar sua importância para a educação dos

³⁷ Ideais presentes também nas aulas de Educação Física, nas quais as ginásticas preparavam os alunos quanto aos gestos, posturas, organização, estética, a fim de que fizessem o seu melhor para a representação do País.

jovens (ginástica secundária) que já possuíam um “equilíbrio fisiológico”, colaborando para o desenvolvimento do “raciocínio” e “acuidade dos sentidos” (LINHALES, 2009).

O esporte na escola se tornou um meio representativo da imagem da instituição. A presença do ginásio em datas comemorativas esteve acompanhada de sua equipe atlética denominada União Atlética do Ginásio do Espírito Santo (Uages). No depoimento de uma ex-aluna, que estudou na instituição entre 1931 e 1935, Borel identificou a importância dada à Uages pela sua disposição em falar desses momentos, pois “[...] as memórias sobre essa agremiação esportiva são tão marcantes para ela que, ao ser perguntada, a respeito do uniforme para as aulas de educação física, ela afirma apenas recordar do uniforme da UAGES” [...] (BOREL, 2012, p. 117).

O contexto de esportivização das práticas educativas fez parte de um projeto que buscava civilizar a sociedade, extrapolando o seu espaço de ação para outras dimensões da vida escolar. A reverência ao próprio colégio também era prática desenvolvida nesse sentido, podendo ser evidenciada nas seções solenes de comemoração dos aniversários da instituição, quando havia a manifestação cultural de professores, alunos e ex-alunos pelas apresentações de músicas instrumentais e canto, declamações de poemas e palestras.

2.3 CONSIDERAÇÕES

A periodização deste capítulo compreende o momento em que os significados das práticas da Educação Física está em transformação, como revela a pesquisa de Schneider (2004), na qual, pela análise da Revista de Educação Physica, pudemos perceber uma mudança na ênfase de um ensino voltado para a formação de um homem integral (físico, moral e intelectual), em que, pela lógica da ortopedia, se produzia um padrão de posturas e comportamentos desejáveis, para um ensino que visava ao *moldamento* do indivíduo mais forte e melhor, com funções diferenciadas dentro do espaço social.

A racionalidade e os novos códigos que o esporte desperta para a ‘educação física’, os saberes que apresenta como científicos, a nova capacidade disciplinadora que oferece, em que a eficiência pode ser medida em décimos de segundo, comparada e generalizada, trazem para o âmbito da educação física formas inéditas de intervenção disciplinar (SCHNEIDER, 2004, p. 47).

A ordem do dia para o ensino no pós-guerra (Segunda Guerra) é a formação do melhor e mais eficaz pela individualização de papéis. Nesse contexto, não basta o aprender em si, como o desenvolvimento da erudição, mas aprender para o resultado, com metas a serem alcançadas, como nos preceitos da Escola Nova. Para isso o desenvolvimento científico se fazia necessário na especialização dos gestos, que já não eram pensados localmente (segmentados), mas de forma integral e com menor gasto de energia.

O método ginástico Francês, introduzido nas escolas como método oficial a partir de 1931, além dos exercícios ginásticos, contava também com os pequenos e grandes jogos. Possuía um grande esquema de didatização para a pedagogização das práticas descritas por todo o Regulamento n.º 7. Compreendemos que por isso se consolidou como referência para o ensino da Educação Física no País, pois atendia à emergente busca pela eficácia, especialização e rendimento, como também à formação da disciplina com relação aos deveres com a Pátria.

Observamos que as práticas esportivas desenvolvidas pela escola nos eventos regionais ganhavam cada vez mais importância tanto na sociedade capixaba quanto no Brasil, considerando que, além dos ofícios trocados entre a instituição e os órgãos estaduais e federais a fim de parabenizar suas conquistas e posturas, essas práticas tiveram reconhecimento em publicações nacionais, como na Revista Brasileira de Educação Física.

Avaliamos que tanto o movimento de padronização do ensino no País, quanto a prescrição de um método para a Educação Física participaram de seu processo de escolarização, considerando que as vivências em diferentes instituições poderiam se aproximar.

No entanto, apesar de o Método Francês se dividir em exercícios ginásticos e jogos, o esporte já se configurava como uma importante prática que ganhou a sociedade pela via dos clubes e agremiações e adentrou o espaço da escola como “[...] conteúdos curriculares ou como experiências lúdicas, prescritas por professores ou trazidas pelos próprios alunos para os momentos de recreio” (LINHALES, 2006, p. 95).

Para Linhales (2006, p. 99), a escolarização do esporte nas aulas de Educação Física significou incluir no ambiente escolar uma variedade de práticas que modificou os “[...] os

formatos nos tempos e espaços escolares, na estruturação dos saberes e dos currículos, na formação docente e ainda na organização institucional do Estado”.

As olimpíadas escolares assumem parte dessa nova dinâmica e passam a se constituir num dispositivo que sistematiza os anseios tanto da escola, na busca pela demonstração da eficácia de seu ensino por meio de suas conquistas esportivas e das posturas de seus alunos em diversos eventos, como da própria sociedade que, para além da intenção em se constituir como um povo ilustrado, também ansiava por revelar a sua força, sua disciplina, o seu vigor e o seu poder para a transformação científica dos gestos, como também na manifestação de um ideal de nação. Isso pode ser percebido no estudo de Chaves Júnior (2004) que identifica, na Portaria n.º 161, de 1939, a prescrição dos grupamentos homogêneos como possibilidade de uma transposição para a forma escolar da Educação Física, pela seleção efetuada nos padrões físicos, provenientes dos testes antropométricos, que poderiam garantir também os padrões de grupamentos intelectuais.

Portanto, a Educação Física, no período estudado, torna-se progressivamente mais esportivizada e menos associada à ginástica. A formação dos professores de Educação Física no Espírito Santo nos indicou um maior espaço em seu currículo voltado para as práticas esportivas. A imagem encontrada na escola, referente à cerimônia das Olimpíadas Escolares, e o ofício enviado por Aloyr Queiroz ao colégio parabenizando a sua participação nesse evento indiciam o crescente desenvolvimento e a valorização daquelas atividades no seu contexto de ensino.

Isso nos permite perceber que uma mudança mais geral em torno da Educação Física estava sendo processada, deixando de se fundamentar menos nas práticas de correção da deformação, voltadas, naquele momento, para os alunos com problemas físicos e mais no discurso da competição por meio das olimpíadas escolares. Possivelmente essas transformações foram atravessadas tanto pelos interesses do Estado em privilegiar uma demanda pedagógica em evidência (Método Francês), como também pelas facilidades no emprego do ensino ofertado por esse modelo, já que ele é organizado de forma sistematizada, apresentando uma progressão didática para essas práticas.

A discussão levantada em nosso estudo possui limites quanto às análises relativas às fontes empregadas, considerando que, ao utilizarmos os arquivos do Colégio Estadual e da Escola Superior de Educação Física, colocamo-nos na condição de investigadora de uma

realidade que está mediada pelas escolhas institucionais, pois esses documentos são fruto de uma seleção daquilo que demanda das práticas administrativas do Estado.

[...] Faz parte da miséria do homem o não poder conhecer mais do que fragmentos daquilo que já passou, mesmo no seu pequeno mundo; e faz parte da sua nobreza e da sua força o poder de conjecturar para além daquilo que pode saber. A história, quando recorre ao verossímil, não faz mais do que favorecer ou estimular essa tendência. Então, por um momento, deixa de narrar, porque a narrativa não é naquele caso um instrumento bom, e adopta, em vez dele, o instrumento da indução: e deste modo, fazendo o que é pedido pela diversa natureza das coisas, acaba por fazer o que convém ao seu novo intento (GINZBURG, 1989, p. 197-198).

Podemos dizer que alguns dos indícios apresentados até aqui nos fazem compreender um pouco do que significou a Educação Física no Colégio Estadual e na Região de Vitória. Os documentos do colégio nos revelaram que estas aulas faziam parte do currículo do colégio, mas eram desenvolvidas em outro espaço – a Escola Superior de Educação Física – mediante o controle do Serviço de Educação Física, órgão responsável pela sua coordenação no Espírito Santo, que estava instalado ali. Ficou caracterizada a participação dessas diferentes instâncias no processo de desenvolvimento da modernidade capixaba, e a Educação Física como o instrumento que poderia desenvolver os preceitos moral, físico e intelectual, tão almejados naquele contexto.

Diante do conhecimento das perspectivas que balizaram algumas das práticas da Educação Física no Colégio Estadual, seguimos em busca de alguns discursos que possam apontar os seus significados perante a sociedade capixaba, já que entendemos que em cada período surgem diferentes especificidades para o mesmo objeto e vemos na imprensa uma forma de compreendermos como circulava a opinião em relação à Educação Física e às práticas esportivas do colégio no meio público.

CAPÍTULO III

3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO: AS PRÁTICAS DE REPRESENTAÇÃO NA IMPRENSA CAPIXABA (1943-1957)

Resumo: Busca compreender o processo de institucionalização da Educação Física como disciplina escolar na região do Espírito Santo, entre as décadas de 1940 e 1950. Tem como objeto de investigação a Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo, objetivando as suas práticas, os seus atores e as suas representações na sociedade capixaba no período investigado. Como referencial teórico-metodológico, utiliza os conceitos das estratégias e táticas, lutas de representações e do paradigma indiciário. As fontes para o estudo são: a revista Vida Capixaba e os jornais A Gazeta e A Tribuna. A imprensa fazia circular os ideais de modernidade, moral e civilidade pela divulgação das práticas relacionadas com a Educação Física e os eventos esportivos associadas à produção de um ideal de eficiência.

Palavras-chave: Educação Física. Colégio Estadual. Imprensa Capixaba.

3.1 INTRODUÇÃO

Com a crescente urbanização brasileira, novos códigos, como a eficácia, a individualização de papéis e o patriotismo, começam a circular na sociedade induzidos pela organização e disciplinarização dessas práticas nos espaços institucionais, como a escola, por exemplo, pela apropriação de um ideal de formação de um novo homem: forte, ilustrado e disciplinado. Esse ideal se irradia dos discursos intelectuais para a escolarização dos esportes (LINHALES, 2009), que já circulavam na sociedade como uma experiência moderna desde a década de 1920 (SEVCENKO, 1992) e traziam em sua composição a manifestação desses novos preceitos. A reunião desses elementos nos grêmios estudantis e a publicidade deles por meio dos eventos funcionaram como estratégia para alcançar a aceitação da população em geral.

Além da escola, a imprensa atuava como mecanismo de difusão desses códigos, ao trabalhar com os editoriais que veiculavam a ideia do “ser jovem” ligada ao movimentar-se, à força e à defesa da pátria. Devemos lembrar que esses discursos eram permeados pelos ideais de uma elite intelectual e política e possivelmente eram uma estratégia de disseminação dos valores aceitáveis para a formação do jovem/homem brasileiro, principalmente em um momento que, em parte deles, predominaram as políticas ditatoriais.³⁸

³⁸ O início de nossa periodização (1943-1957) é caracterizado pelas políticas do Estado Novo (1937-1945).

Buscamos neste momento ampliar as possibilidades de análise sobre as práticas de escolarização da Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo, de modo a compreender, para além das representações institucionais, os discursos presentes na grande imprensa e na imprensa de variedades do Espírito Santo,³⁹ como forma de identificar os discursos que são veiculados a respeito dos significados atribuídos à Educação Física.

Reconhecemos a não imparcialidade dessas fontes que se constituem como mecanismos construtores de memória,⁴⁰ responsáveis por construir e legitimar ideias, por meio de estratégias de publicação, exercendo sobre seus leitores um poder simbólico atribuído por aqueles que se constituem como referência para tal sociedade. Além disso, o texto jornalístico trabalha com técnicas editoriais que mobilizam a divulgação de informações de acordo com a disponibilidade de seus formatos. “Nenhum texto está mais exposto ao corte e à correção do que o texto jornalístico. Até por exigências do tempo e do espaço – e não propriamente de estilo de linguagem – a notícia pode sofrer tantas reduções quantas sejam necessárias ao seu ajuste de edição” (BAHIA, 1990, p. 90).

O uso de jornais e revistas como fonte para pesquisa foi uma iniciativa que ganhou importância a partir da década de 1970, quando, pelas discussões iniciadas na Escola dos *Analles*, na década de 1930, passou-se a reconhecer a possibilidade de uma escrita da História que deixou de considerar a exclusividade de uma História tradicional, em que se presumia a ausência de subjetividade pelo distanciamento do historiador de seu objeto, dentro dos preceitos científicos valorizados nos séculos XIX e XX, para uma escrita que considerasse “[...] os aportes políticos provenientes de outras Ciências Humanas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística e a Semiótica, ao mesmo tempo em que incentivavam a interdisciplinaridade e traziam contribuições metodológicas importantes [...]” (LUCA, 2008, p. 112).

A imprensa, como fonte de pesquisa, pode nos revelar a circulação cultural da sociedade capixaba se constituindo como um instrumento tanto de informação como de transmissão de valores. O texto jornalístico, apesar de sua proposta de diretividade, não se desvincula da subjetividade de quem o produziu. Ele possui uma marca editorial constituída

³⁹ Mídia destinada à exposição e divulgação de um conteúdo diversificado constituído de muitas imagens e representativos de “[...] acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médico, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos charadas e literatura para crianças [...]” (LUCA, 2008, p. 121).

⁴⁰ Ver Le Goff (2003).

dos objetivos que seus autores têm ao redigir tal texto: informar e convencer. "O jornalista é portador de uma autoridade que negocia com interesses comerciais e políticos, que dialoga com a memória coletiva e o senso comum, mas, verdadeiramente, possui uma autoridade cultural nada desprezível" (MURTA, 2005, p. 14).

Apesar dos aspectos subjetivos presentes nesses documentos, podemos, em conjunto com outras fontes, efetuar as análises do contexto político e das perspectivas educacionais considerando as "estratégias" e "táticas" de produção e divulgação das reportagens, compreendendo-as como um dispositivo para o convencimento dos agentes envolvidos na conjuntura educacional, como os professores, os alunos e as famílias.

Ao elegermos os jornais A Gazeta, A Tribuna e a revista Vida Capichaba como fontes para a investigação dos discursos relacionados com as práticas educativas no Colégio Estadual e no Espírito Santo, identificamos que a parte inicial de nossa periodização (1943-1957) marca o final de um contexto político que muitos historiadores denominam "Revolução", no qual houve diversas mudanças estruturais na nação, como política, economia e educação. As publicações estavam imersas no contexto do Estado Novo (1937-1945), em que os mecanismos de comunicação estavam sujeitos à ordem ditatorial,⁴¹ cabendo-lhes assumir uma função de caráter público, para produzir e divulgar os atos e comunicados governamentais, a fim de estreitar a ligação entre as decisões administrativas pública e a população (FRANÇA; ZORZAL; AZEVEDO, 2008).

O jornal A Gazeta,⁴² fundado em 11 de setembro de 1928, pelo empresário Ostilo Ximenes e pelo advogado, professor, jornalista e político Adolpho Luiz Thiers Velloso, também teve as suas ações restringidas pelas estratégias ditatoriais entre 1930 e 1942, muito em função de sua ligação com a Aliança Liberal, movimento contrário ao Governo de Getúlio Vargas. Funcionou como órgão oficial do governo desde a sua fundação em 1929 até 1942, quando retornou a atividades privadas, presidido por Eleosippo Rodrigues Cunha, representante da União Democrática Nacional. Sua situação permaneceu assim até 1948, quando foi adquirido pela família Lindenberg, que tinha como representante o Sr. Carlos Lindenberg, ligado ao Partido Social Democrata (FRANÇA; ZORZAL; AZEVEDO, 2008).

⁴¹ Criação do Decreto n.º 24.776, de 14 de julho de 1934, retirando da mídia os princípios de liberdade de expressão.

⁴² Podemos encontrar o jornal em formato de microfílm na Biblioteca Estadual do Espírito Santo e em formato impresso no Arquivo Público Municipal de Vitória.

A Gazeta serviu de instrumento para a publicidade política dos ideais defendidos por seus representantes. No período do Estado Novo se constituiu como oposição ao Governo de Getúlio e a Punaro Bley. A partir de 1948, quando é comprado pela Família Lindenberg, passa a apoiar os atos políticos do partido ao qual Carlos Lindenberg era coligado – o PSD – , tanto nos mandatos de seu proprietário (1947-1951) e (janeiro a outubro de 1959), como também de Jones dos Santos Neves (1951-1952). Entre a sua criação em 1929 até a década de 1950, fez circular propostas políticas vinculadas às oligarquias cafeicultora e intelectual do Espírito Santo (FRANÇA, ZORZAL e AZEVEDO, 2008).

O jornal A Tribuna,⁴³ fundado em 1938 pelo jornalista Reis Vidal, que defendia as ideais fascistas, sofreu represálias no início da Segunda Guerra Mundial em função da suspeita de recebimento de patrocínio por uma empresa alemã – a “Arens e Langens”. No início da década de 1950, o jornal foi comprado pelo grupo ligado ao partido Social Progressista (PSP) de Ademar de Barros, mantendo oposição ao governo Jones Santos Neves (VIANNA; TETE; NUNES, 2005).

Apesar de serem utilizados como instrumento de divulgação política nas mãos de seus administradores, segundo Silva J. *et al.* (2008), os jornais não tiveram muita representatividade nas decisões políticas entre as décadas de 1940 e 1950, pois possuíam poucos leitores, considerando que 80% da população capixaba era rural. Os consumidores do jornal eram pequenos grupos. No entanto, eram comuns as leituras dos jornais nas praças, como também a divulgação de suas notícias pelas rádios (PACHECO R. M. , 2012). Dessa maneira, as informações circulavam por um número maior de pessoas do que o quantitativo de suas tiragens.

A revista Vida Capichaba,⁴⁴ fundada em 1923 por Manoel Lopes Pimenta e Elpídio Pimentel, tinha suas publicações voltadas para o cotidiano das elites locais. Foi vendida em 1954 para Élcio Alvares, Alvino Gatti e César Bastos (SILVA J. *et al.*, 2008). Tinha em sua marca editorial a publicidade das questões sociais e políticas situacionistas.

A imprensa se coloca como um instrumento de “[...] difusão de um ethos moderno [...]” (PACHECO R. M. , 2012, p. 111), que tem como delineamento a escrita de uma história

⁴³ Podemos encontrar o jornal em formato de microfimes na Biblioteca Estadual do Espírito Santo e no formato impresso no Arquivo Publico Municipal de Vitória.

⁴⁴ Podemos encontrar a revista em formato digital na hemeroteca da Biblioteca Nacional (hemerotecadigital.bn.br), em microfimes e impressa na Biblioteca Estadual do Espírito Santo.

que se dispõe a descrever fatos oficiais. Essas fontes não expressam os fatos em si, mas se aproximam dos vestígios deixados por aqueles que a produziram (BLOCH, 2001). De acordo com Chartier (1991, p. 177), o olhar sobre as práticas de representação pode

[...] decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meada das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.

A investigação realizada em uma diversidade de fontes, pela análise comparativa de uma série documental, pode criar condições capazes de preencher as lacunas deixadas pelas ausências que as fontes individualmente revelam ao serem manipuladas. A imprensa pode ser o fio da meada para a construção escrita da narrativa da Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo, pois, nesses suportes, podemos encontrar diversos vestígios relativos

A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade (automóveis, bondes, eletricidade, cinemas, casas noturnas, fonógrafos, câmaras fotográficas), a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as ‘classes perigosas’, a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas (LUCA, 2008, p. 120).

A retomada dessas memórias pode nos ajudar a compreender qual era a identidade da sociedade capixaba e qual o sentido da Educação Física e dos esportes para ela.

3.2 OS DISCURSOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA IMPRENSA CAPIXABA

Falar da história da Educação Física, utilizando como referência a história de uma importante instituição escolar, como o Colégio Estadual do Espírito Santo, impõe-nos mobilizar conceitos que ajudem a compreender a institucionalização não somente da disciplina em si, mas da própria escola.

Dentre eles, a forma escolar⁴⁵ pode nos ajudar a desconstruir determinadas tradições que envolvem as relações com o conhecimento disciplinar. Desde a modernidade, a dinâmica escolar vem sendo organizada para o aprendizado das civilidades. As crianças aprendem as maneiras de se comportar por meio dos dispositivos escolares, como o tempo escolar, as carteiras, as regras, a leitura e a escrita, de modo que a sociedade hodierna não racionaliza suas práticas fora da lógica da forma escolar. A família procura expandir as atividades extraescolares dos filhos para além da aquisição de conhecimento, pois apreciam a “[...] ‘aprendizagem da disciplina’, ‘o gosto pelo esforço’, etc.” (VICENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 40).

A lógica disciplinar tornou-se uma segunda natureza na sociedade atual. Percebemos isso quando, mesmo fora do ambiente escolar, nos comportamos de forma similar as práticas prescritas e inscritas nessa instituição, por exemplo, no trabalho, na biblioteca, na igreja, numa palestra, em qualquer lugar onde percebemos que a forma comportamental de alguns destoa daquilo que aprendemos ser a boa educação – não gargalhar, não falar alto, não gesticular com excitação, não desrespeitar as hierarquias, prestar atenção ao que fala, sentar de forma adequada etc.

O Colégio Estadual do Espírito Santo e a Educação Física aparecem como instituições que vêm colaborar com o moldamento dessa forma escolar no Espírito Santo. Segundo Carvalho (1998), essas prescrições fazem parte de um projeto de criação da identidade nacional.

Analisando como esses indicativos aparecem nos discursos a respeito do Colégio Estadual, procuramos elencar algumas reportagens da Vida Capixaba e dos jornais A Tribuna e A Gazeta nas décadas 1940 e 1950.

Grande parte das reportagens encontradas dava ênfase ao aspecto esportivo e patriótico do colégio, indicando suas conquistas e a importância delas para a sociedade capixaba. Além disso, a imagem da instituição também esteve associada a festividades oficiais, como as comemorações de 7 de setembro, aniversário da Uages, aniversários do presidente Getúlio Vargas e da cidade de Vitória.

⁴⁵ A forma escolar foi se constituindo de diferentes necessidades que as sociedades identificaram como urgentes para a sua organização. Veiga (2002) propõe discutir o processo de escolarização dos saberes pela noção de civilidade, mobilizada pelo Estado em direção ao monopólio do conhecimento e dos comportamentos.

Na revista *Vida Capichaba*, que possuía como ideal a retratação da sociedade espírito-santense de diferentes modos, trazendo para o seu conteúdo uma variedade de reportagens, como eventos sociais, políticos e educacionais, era recorrente a identificação da imagem do Colégio Estadual do Espírito Santo aliada a eventos esportivos e patrióticos. A revista buscava valorizar os preceitos evidenciados por diferentes elites locais para transparecer o ideal de um Estado moderno. As paradas cívicas traziam em si a demonstração de um modelo de educação aliado aos valores nacionais de civilidade, disciplina e postura.

Percebemos (Figura 11) que a revista congratulava com as estratégias políticas para o Estado, ao divulgar os modelos educacionais que serviriam de exemplo para a formação daquela sociedade. Os seus editores evidenciam também as práticas esportivas como dispositivo de transformação racial, ao eleger as imagens dessa instituição representadas pelo seu grêmio esportivo.

FIGURA 11 – AS FESTIVIDADES



Fonte: revista Vida Capichaba, 1941.

Nessa reportagem, podemos perceber a idealização de juventude que se pretendia para o País, possuidora de uma natureza disciplinada, com posturas e gestos que demonstravam o respeito e a eficiência balizados nas estratégias educacionais. Essa era a imagem que a grande imprensa fazia circular sobre o Colégio Estadual do Espírito Santo, a de referência na formação com eficiência de uma juventude, representada pela dedicação ao ideal de “aperfeiçoamento”.

A estratégia do uso da identidade juvenil como exemplo para a sociedade é proveniente dos tempos da *Belle Époque*⁴⁶ brasileira, que percebia a juventude como sinônimo de modernidade. Ao estudar a sociedade paulistana nos anos 1920, Sevcenko (1992) constrói uma narrativa apoiada no discurso da imprensa que fala de sua formação identitária. Nesse contexto, a expressão “jovem” adquire uma conotação de prestígio por trás de uma série de mudanças nas atividades de tempo livre da população, que trocam seu momento de descanso por práticas como danças, esportes, viagens, passeios, ou seja, para uma rotina do movimentar-se. Isso indicou que a Filosofia era “[...] ser jovem, desportista, vestir-se e saber dançar os ritmos da moda é ser “moderno”, a consagração máxima” (SEVCENKO, 1992, p. 34).

O autor percebeu que a imprensa paulistana, ao trabalhar com editoriais esportivos, disseminava a ideia de esporte para a formação do novo homem brasileiro: forte, disciplinado e consciente de suas obrigações patrióticas, pois a perspectiva dos corpos “orquestrados” no período posterior à Primeira Guerra Mundial tornou-se “[...] um dogma, consagrado pelos exércitos nos campos de luta, confirmado por novas correntes das ciências sociais, assumido pelas gerações mais jovens de líderes políticos e flertado pelas tendências mais agressivas das artes modernas” (SEVCENKO, 1992, p. 45).

Muitos acontecimentos importantes, no cenário nacional e internacional, como a Revolução de 1930 e a Segunda Guerra Mundial, foram responsáveis por mudar os discursos a respeito das práticas físicas e de sua presença no contexto social e educacional. Na década de 1940, ainda se pensava na importância da formação para o civismo. A valorização dos exercícios físicos foi uma tendência que continuou a ser disseminada e reconhecida pelas elites como forma de educar a população brasileira com ênfase nos aspectos de comportamento e de civilidade ou, como expressa a reportagem descrita anteriormente da revista *Vida Capichaba* de 1941, de aperfeiçoamento racial. Porém emergiam outras necessidades para essa sociedade. A valorização da eficiência embalada pelo crescente discurso científico se tornou a ordem do dia em função da busca pela modernização econômica que previa a industrialização como estratégia de crescimento e de desenvolvimento.

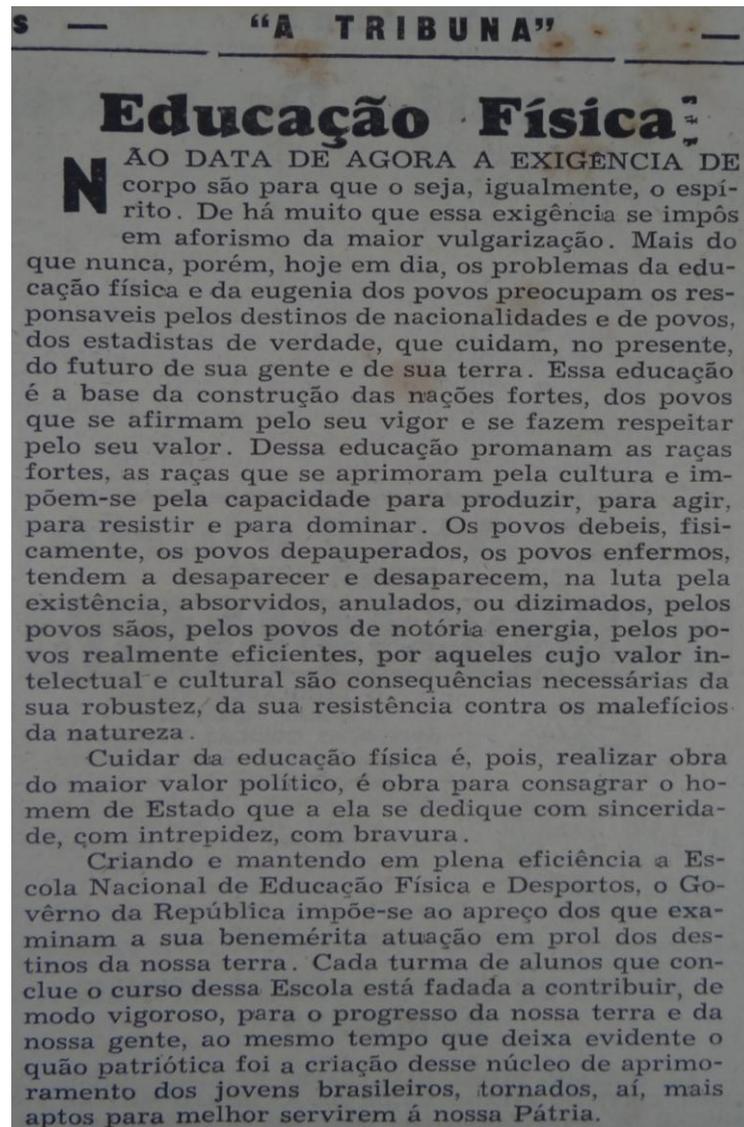
⁴⁶ Valorização do clima cultural disseminado no contexto europeu entre 1871 e 1914, em que se produziram novas formas de pensar e vivenciar o cotidiano.

Surgiram, então, propostas que buscavam engajar os jovens brasileiros a esse contexto de transformação. Esse era o objetivo de Francisco Campos, então ministro da Justiça, ao propor, em 1938, um projeto para a educação da juventude que se configurava na criação de uma Organização Nacional de Jovens. No entanto, a discussão realizada entre o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, e o ministro da Educação, Gustavo Capanema a respeito da criação de tal entidade se prolongou até março de 1940, em função da preocupação com os traços paramilitares da proposta, similares aos das organizações existentes nos países de regime fascista, quando, então, mediante os acordos a respeito dos detalhes do projeto, foi publicado, naquele ano, o Decreto n.º 2.072, que qualificava a Juventude Brasileira como uma corporação formada pela juventude escolar de todo o País com a finalidade de prestar culto à pátria (HORTA, 1994).

Embora tenha o projeto tido um curto período de vida (1938-1945), ele deixou suas marcas na sociedade, como uma ênfase na formação moral integrada ao contexto escolar por meio da Educação Física, fato que, em outras nações, era deixado a cargo das Forças Armadas, no Brasil houve uma centralização da formação da população por parte do Estado (HORTA, 1994).

Percebemos que alguns discursos identificados na imprensa capixaba se alinhavam aos projetos oficiais para a formação da juventude brasileira. No trecho a seguir, de uma reportagem do jornal A Tribuna (Figura 12), identificamos a imagem da Educação Física aliada ainda ao desenvolvimento da robustez pela configuração de uma nação forte, mas também na consagração do povo no serviço à pátria, tendo na formação de professores a missão do aprimoramento da mocidade.

FIGURA 12 - O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA



Fonte: jornal A Tribuna de 1942.

Possivelmente esse tipo de publicidade, caracterizada pela associação da Educação Física à formação de um povo forte e vigoroso, apto à dominação, teve a função de fazer circular tais ideias e também de convencer a respeito da necessidade dessa prática como mecanismo capaz de educar para a saúde, para a coragem e para a civilidade.

Por isso entendemos que a escolarização da Educação Física não ocorre apenas por uma necessidade escolar, mas se encontra envolta na criação de outras invenções, como por exemplo, a invenção da infância⁴⁷ como mobilização da contenção dos impulsos para forjar o

⁴⁷ Cria-se a necessidade de uma formação infantil apropriada aos intentos modernos. As crianças são separadas de seus pais e passam a conviver num ambiente em que serão “polidos” todos os seus comportamentos (ARIES,

controle das condutas pela disciplinarização física, moral e intelectual. Ela é modelada por uma necessidade política e econômica, orientada primeiramente pelas classes médicas na busca de novos *habitus*⁴⁸ pela manutenção da saúde.

A ginástica implantada na escola inicialmente visava a correções ortopédicas e posteriormente à regeneração da raça (Ginástica Sueca). Bonorino, Molina e Medeiros (1931) indicavam que a Ginástica Sueca, apesar de constituir de uma parte pedagógica, outra militar e outra ortopédica, não tinha uma preocupação com a interação entre as questões orgânicas, como o equilíbrio entre as funções vitais. Para eles, o principal problema desse método estava presente no desenvolvimento de exercícios estáticos, que não tinham um fim, nem um caráter educativo, além de serem considerados monótonos.

Com a ascensão do método ginástico Francês nas atividades escolares e militares, a ênfase ao ensino passa para a necessidade de fortalecer a mocidade colaborando no seu crescimento e na defesa da nação (Ginástica Francesa), já com a presença dos jogos esportivos em sua constituição, como pode ser identificado no *Réglement Général d'Education Physique*, introduzido oficialmente no Brasil, em 1931, sobre o título de Regulamento n.º 07 ou Método Francês. Ainda de acordo com Bonorino, Molina e Medeiros (1931), o Método Francês era o mais indicado para a Educação Física, pois se ocupava da “[...] repartição dos esforços por diferentes partes do organismo”, gerando “[...] um máximo de trabalho pelo mínimo de esforço [...]”, pela “[...] aquisição de aptidões uteis tais como o aumento de energia física e moral e a melhor utilização desta energia no meio social [...]” (BONORINO; MOLINA; MEDEIROS, 1931, p. 143, 148). Além disso, o uso de jogos e danças se torna um atrativo para os seus praticantes. Para Demeny “[...] este método não impede que se obtenham todos os movimentos desejáveis; o movimento pôde ser corretivo e também exprimir um pensamento e um sentimento, tornando-o assim expressivo, belo e harmonioso” (DEMENY, *apud* BONORINO; MOLINA; MEDEIROS, 1931, p. 148).

Dessa forma, a progressiva transformação da vida na cidade num espaço eclético introduz na sociedade novos ideais e novas configurações nos relacionamentos, diante dos quais há a existência tanto do controle como do autocontrole. Assim o esporte que

1981). “A infância é inventada como uma nova natureza, forjada pela escolarização, que foi destituída dos instintos e dos impulsos para ser submetida às regras da civilidade, das boas maneiras e dos conhecimentos científicos que são transmitidos pela instituição escolar e suas disciplinas” (SCHNEIDER; LOCATELLI, 2013, p. 50).

⁴⁸ Conceito que se popularizou nos estudos de Pierre Bourdieu que se refere a um sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos concebem por meio de suas experiências (BOURDIEU, 1990).

inicialmente se configura como prática do ócio das elites brasileiras se transforma num “dispositivo” de controle por parte do Estado na conformação da violência e na especialização dos corpos para a lógica do trabalho inserida na competição na individualização de papéis, mas também como um mecanismo de autoafirmação do proletariado. Os clubes se tornam os espaços para o desenvolvimento dessas atividades, mas era dentro das escolas que elas poderiam ganhar o efeito desejado – a possibilidade de organização e disciplinarização da vida social. “O esporte é, nesse esforço de civilização, um componente de ‘ascensão social’, de ‘educação’ e à medida que as camadas populares se apoderam de sua prática, também se verifica um fator de ‘identidade’ na relação entre outsiders e os estabelecidos⁴⁹ [...]” (LUCENA, 2001, p. 43).

A sociedade brasileira é fruto de vários processos imigratórios, constituindo-se da mistura de vários povos. As relações de convivência e de trabalho entre esses imigrantes foram fazendo surgir alguns grupos: as oligarquias agrícolas, os profissionais liberais, o trabalhador rural, o trabalhador urbano, as Forças Armadas. As imigrações colaboraram com esta nova caracterização da sociedade, trazendo novos costumes e hábitos. Com isso as práticas políticas, econômicas e sociais foram se modificando. Por exemplo, os jogos que originalmente foram pensados para a aristocracia foram ressignificados pelas classes mais populares, pois, à “[...] medida que a cidade vai-se transformando, vai crescendo e aumentando seu raio de influência, vão também se diversificando as funções e aumentando as interdependências” (LUCENA, 2001, p. 75).

Com a entrada dos modelos educacionais americanos no País, há uma crescente valorização dos conteúdos esportivos nas aulas direcionadas à Educação Física, expresso no estudo de Assunção (2012) que se aprofundou nos sentidos atribuídos à Educação Física pelas produções dos periódicos, como a Revista de Educação Física.

O Espírito Santo, apesar de suas limitações econômicas expressas em sua economia preponderantemente agrária, buscava projetar seus ideais modernistas por meio da aproximação de modelos vigentes de educação e de civilidade. O esporte estava ligado a essa noção de modernidade, por meio da qual era possível a demonstração de uma eficiência na formação integral da juventude, pelas demonstrações de força, de disciplina e da prestação de homenagens ao Estado representadas pelas conquistas esportivas.

⁴⁹ Lucena chama de *outsiders* a população menos privilegiada pelas políticas educativas e econômicas e de estabelecidos a população composta pelas diversas elites.

A grande imprensa, representada aqui pelos jornais A Gazeta e A Tribuna, e a imprensa de variedades, representada pela revista Vida Capichaba, também eram responsáveis pela transmissão desses valores: traziam imagens dos eventos, os jornais apresentavam somente textos com informações sobre resultados, locais e horários dos eventos (como na Figura 13).

Parece-nos que os discursos presentes nesses materiais possuíam certa similaridade com a lógica prescrita por diferentes documentos⁵⁰ que caracterizavam a Educação Física no País: a visibilidade para as práticas educativas desenvolvidas no âmbito do ensino público, que envolvia o controle dos preceitos a serem desenvolvidos pela centralização no ensino modelar, na formação das elites condutoras capixabas.⁵¹ Identificamos algumas notícias sobre a participação das instituições particulares nos eventos evidenciados pela imprensa, no entanto as instituições públicas, como o Colégio Estadual, eram utilizadas, em grande parte das publicações, como referência da qualidade do ensino que os discursos queriam demonstrar.

Possivelmente, ao alinhar as reportagens dos grêmios estudantis às demais reportagens

esportivas, os impressos procuravam dar ênfase a um movimento crescente para as práticas esportivas – a valorização da formação de atletas dentro das instituições de ensino, sobre os preceitos propostos para a educação do respeito, da moral, do controle das emoções e da civilidade.

FIGURA 13 – OLIMPÍADAS ESCOLARES DE 1946



Fonte: jornal A Gazeta de 1946.

⁵⁰ Na década de 1940, os discursos sobre a Educação Física brasileira estiveram moldados por documentos que prescreviam a lógica de suas práticas, como a adoção, desde a década de 1930, de um método oficial e constituição de reformas que fornecessem amparo à sua presença no ensino secundário, como a Reforma Francisco Campos que, em 1931, instituiu a sua obrigatoriedade no ensino secundário (do 1º ao 5º ano ginásial e do 1º ao 3º ano clássico/científico), no intuito de colaborar com a fase julgada como propícia ao desenvolvimento físico e mental, e a Reforma Gustavo Capanema que, em 1942, instituiu uma frequência mínima de três quartos da totalidade de aulas de Educação Física e a ênfase ao ensino voltado às civilidades.

⁵¹ Consideramos a questão do ensino secundário voltado às elites e o ensino técnico para a população menos abastada, de acordo com os discursos sobre a dualidade do ensino constituídos para aquele momento. Ver Nunes (2000).

Dessa forma, a imagem do “técnico” nos grêmios não se limitava a de um profissional que ensinava as técnicas esportivas (Figura 14), mas a de um educador, que possuía a missão de ensinar os seus alunos/atletas como cuidar de seu corpo (princípio higiênico), como se portar dentro e fora das competições, cobrando-lhes o rigor no trato com a defesa do time e da pátria.

Os esportes eram uma estratégia de conquista e de condução dos jovens brasileiros ao civismo e uma forma de promover o equilíbrio das funções corporais com as do espírito, da coragem, da audácia e do devotamento aos preceitos nacionais, introduzindo a proposta de formação do cidadão brasileiro.

FIGURA 14 - AS CONQUISTAS ESPORTIVAS



Fonte: revista Vida Capichaba de 1947.

Esses valores podem ser identificados nos discursos veiculados nos suportes midiáticos, que enfatizavam os campeonatos escolares como um momento de glória para a sociedade capixaba pela

FIGURA 15 – ABERTURA DO PERÍODO LETIVO



Fonte: jornal A Gazeta, 1950.

demonstração da produção do seu melhor, pela excelência de suas práticas.

O cuidado com a educação dos jovens era uma mobilização realizada desde a matrícula e início das aulas até o controle da presença deles e das reuniões com os pais, divulgados via imprensa.

Ao analisarmos as informações dessas fontes, percebemos algumas mudanças nos seus conteúdos. No início da década de 1940, a grande imprensa trazia um conteúdo voltado para a divulgação de comunicados do contexto organizacional do Colégio Estadual. A partir da segunda metade dessa década, diminuem-se esses relatos e ganham força as notícias sobre as disputas esportivas. Possivelmente tal mudança esteve relacionada com os acontecimentos políticos nacionais. Com o fim do Estado Novo, houve um período de redemocratização do País em que os mecanismos de comunicação puderam retomar a sua liberdade de expressão. Assim os jornais deixaram de ser obrigados a publicar os comunicados oficiais. No entanto, essas práticas tiveram continuidade por outros meios, conforme relatado no capítulo anterior, quando identificamos as trocas de ofícios entre os órgãos que geriam a Educação Física no Espírito Santo.

Além disso, as práticas esportivas eram um mecanismo capaz, ao mesmo tempo, de contagiar os jovens e a sociedade para que aderissem à lógica da forma escolar e também de formar os valores em evidência naquele momento. Por isso a disseminação delas por meio da imprensa se tornou a estratégia viável.

3.3 CONSIDERAÇÕES

As notícias sobre a Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo aparecem em diversas publicações produzidas pelos jornais A Gazeta, A Tribuna e pela revista Vida Capichaba. Nos jornais, elas estão, às vezes, associadas às colunas direcionadas para as mensagens das Secretarias governamentais à comunidade escolar; e às vezes nas colunas esportivas, tratando de eventos esportivos ou cívicos em que o colégio é evidenciado. Na revista Vida Capichaba, as reportagens estavam direcionadas aos eventos dos quais a instituição participou ou a elogios dispensados à postura dos escolares, bem como à valorização do ensino da instituição.

Percebemos que a divulgação dos comunicados poderia se vincular a uma estratégia dos órgãos administrativos estaduais em controlar as ações relacionadas com a comunidade

escolar, como forma de verificação e garantia do bom andamento das práticas educativas. As matérias referentes à sua participação nos eventos esportivos e cívicos podem indicar tanto o propósito de valorização e divulgação dessas práticas como exemplos a serem seguidos, atendendo ao projeto de modernização capixaba por meio da demonstração de valores morais, como também a eficiência associada às conquistas esportivas, indicando que a superioridade do ensino desenvolvido ali pode induzir ao “[...] aperfeiçoamento racial da mocidade, pensando na grandeza do Brasil” (A TRIBUNA, 1941).

Concluimos que, se realmente tais práticas tinham o intento de convencer a sociedade capixaba, elas foram muito bem articuladas, pois, mesmo se considerarmos que as fontes utilizadas para essas suposições são provenientes de uma elite que tinha essa intenção, mesmo assim podemos ter a segurança, pelos indícios deixados por elas, de que boa parte dessas classes se deixaram envolver por esses apelos. Podemos confirmar isso nas imagens retiradas das reportagens que indicam um número considerável de participantes e de expectadores nos eventos cívicos e esportivos.

No entanto, ainda nos falta responder a algumas questões que direcionam o nosso estudo. Até o momento, possuímos alguns indícios de como se constituíram as aulas de Educação Física, revelados pela investigação da produção acadêmica, pelos arquivos institucionais e pela imprensa. Neste capítulo, pudemos perceber os discursos externos a esse contexto e as relações que articularam algumas de suas demandas internas. Carecemos agora de indícios que nos possibilitem compreender as relações mais próximas dessas práticas. Por isso, na ausência de outras possibilidades de investigação, a produção de fontes orais emergiu como necessidade para acessarmos os rastros deixados por aqueles que fizeram parte dessa história.

CAPÍTULO IV

4 COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO IDEAL PARA AS PRÁTICAS FÍSICAS ESCOLARES (1943-1957)

Resumo: Busca compreender o processo de escolarização da Educação Física utilizando como fonte de pesquisa os testemunhos dos ex-alunos do Colégio Estadual do Espírito Santo no período de 1943 a 1957. O roteiro é composto de questionários semiestruturados. O referencial teórico utilizado está amparado nos conceitos de estratégias e táticas, paradigma indiciário e das lutas de representação, tendo na história oral um meio para a construção de narrativas como fonte. Constatou-se que diferentes grupos, apesar da diversificação dos seus interesses, construíam significados para a Educação Física no colégio, referenciados no civismo, na competição, na eficiência e nas responsabilidades individuais.

Palavras-chave: Colégio Estadual. Ex-alunos. Memória.

4.1 INTRODUÇÃO

Nos capítulos sobre a imprensa capixaba e sobre o arquivo escolar deparamo-nos com as ausências de determinados documentos que poderiam nos oferecer mais pistas sobre o que foi a Educação Física no Colégio Estadual. Assim, buscamos uma alternativa que possibilitasse o acesso às informações que necessitamos para o desenvolvimento do estudo, qual seja, a história oral como meio de produzir novas fontes, utilizando a memória dos atores discentes, ex-alunos do colégio que, entre os anos de 1943 e 1957, tinham estudado nessa instituição.

Ao investigarmos o arquivo escolar, selecionamos diversos documentos referentes ao período de interesse de nossa pesquisa, como boletins de frequência, documentos da Uages, exames de admissão, históricos escolares, notas e advertências semestrais, telegramas e convites para participação em campeonatos, fotos de alunos em eventos esportivos, ofícios e documentos para a Escola de Educação Física do Espírito Santo, local de formação dos professores de Educação Física. Utilizamos os Exames de Admissão⁵² realizados nas décadas de 1930 e 1950, encontrados no arquivo escolar, como referência para localizarmos os ex-alunos do colégio. Com essa listagem, iniciamos uma investigação em *sites* de busca na *internet* e em listas telefônicas.

⁵² O Exame de Admissão era um processo avaliativo por meio do qual eram selecionados os alunos que iriam estudar no colégio.

Conseguimos contato com cinco ex-alunos – Jurandy Angelo, Gabriel Leonidas dos Arcos Rodrigues, Lucio Alberto Pinto de Queiroz, Ivan Amaro Colnago e Fernando Antônio Macedo – que estudaram no colégio em 1943, 1947, 1952, 1952 e 1957, respectivamente.⁵³ As entrevistas foram cinegrafadas e constituídas de questões abertas, de cunho pessoal e escolar, e posteriormente transcritas em sua íntegra.

Para compreender o que foi a Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo nesse período, tomamos como referência a história oral,⁵⁴ buscando, nos relatos dos seus ex-alunos, elementos que nos fornecessem novas pistas, na medida em que os documentos analisados, como os jornais *A Gazeta*, *A Tribuna*, a revista *Vida Capichaba*, e os arquivos da própria instituição e da Escola Superior de Educação Física nos indicaram a imagem dos esportes associada a esse contexto, mas não esclareceram qual sua relação com as aulas, considerando que havia a prescrição da ginástica francesa como conteúdo de ensino.

O estudo de Linhales (2009) aponta que o esporte modificou culturalmente a sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX, evidenciando códigos comportamentais⁵⁵ nas relações do indivíduo consigo e com os outros. O poder disciplinador do esporte e a própria lógica inserida em suas práticas, como a eficiência e a individualidade para o alcance de um objetivo comum, foram utilizados como mecanismo para a transformação da pátria por meio da educação.

O ideal de formação da sociedade brasileira, por meio da educação, foi um movimento que ganhou força no País a partir década de 1930, com o manifesto dos “Pioneiros da Educação”.⁵⁶ Eles acreditavam que um ensino influenciado pela participação ativa do indivíduo poderia propiciar uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem para a democracia.

A educação nova, alargando a sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar ‘a hierarquia democrática’ pela ‘hierarquia

⁵³ Utilizamos as datas em que os entrevistados estudaram no Colégio Estadual para nos referirmos a eles durante a escrita do capítulo.

⁵⁴ A história oral é uma possibilidade de aprofundar o estudo de determinados objetos, trabalhando com a memória daqueles que fizeram parte desse contexto. Possui como limite a tradução dessas memórias para o presente, como também a disponibilidade dos entrevistados em atender às expectativas do pesquisador.

⁵⁵ Transformando o que parecia agressivo em autocontrole, competitividade, saúde, higiene, educação, eugenia, estética, disciplina, limpeza, beleza e eficiência.

⁵⁶ Documento redigido em 1932 por 26 educadores brasileiros, dentre eles, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, com o intuito de promover uma renovação da educação no Brasil, por meio da defesa de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita.

das capacidades', recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação (MANIFESTO DOS PIONEIROS, 2006).

Na Educação Física, esse discurso se orientou pelo crescimento progressivo de práticas que tinham em sua constituição o ensino das civilidades, da moral e da eficácia. No entanto, a projeção de diferentes ideais a respeito do ensino desses novos códigos, foi mobilizada entre as décadas de 1920 e 1930, originando diversas propostas para o ensino da Educação Física, como o Anteprojeto Militar para a Educação Física, apresentado em 1929, e o Parecer publicado no mesmo ano pela Associação Brasileira de Educação (ABE), contrário ao anteprojeto. Progressivamente, houve uma cisão entre o ideário defendido pela ABE e pelos militares, o que contribuiu para que o método ginástico oficial para o ensino da Educação Física se tornasse cada vez mais esportivizado (LINHALES, 2009).

O maior divulgador desse ideal, o movimento olímpico, que nasceu com um intuito de celebrar os valores iluministas, “[...] como o culto ao indivíduo como centro da sociedade, a racionalização, o valor da competição, o valor educacional do bom exemplo, a ética do *fair play*, o senso de pertencimento a uma comunidade” (LOVISOLO, *apud* MEDEIROS *et al.*, 2012, p. 220), transforma-se no pós-guerra num espaço de demonstração do desenvolvimento científico das principais potências mundiais, como uma extensão da guerra, a Guerra Fria, que significou um campo de lutas sem sangue, tendo o esporte como recurso para a afirmação de superioridade.

As competições esportivas tornaram-se uma das manifestações públicas de maior divulgação desse conflito. Grandes nações obviamente deveriam produzir grandes atletas que demonstrariam ao mundo o verdadeiro potencial de construção de domínio de uma ordem mundial binária (RUBIO, 2010, p. 62).

Essas competições abrangiam, para além das vitórias sobre os seus limites físicos, a demonstração para o mundo da superioridade dos vitoriosos. As medalhas significavam “[...] o instrumento para mesurar com maior precisão a supremacia de uma nação ou de um bloco sobre o outro” (RUBIO, 2010, p. 67). Junto com os recordes, o quadro de medalhas era o instrumento palpável com o qual os diferentes lados dessa batalha reivindicavam sua supremacia.

No Espírito Santo, percebemos a circulação dessas práticas por meio das olimpíadas escolares organizadas anualmente e das competições escolares em comemoração das datas festivas de Vitória, organizadas pelo Serviço de Educação Física da Escola Superior de Educação Física. Nelas foram identificadas as disputas de atletismo, como salto, corridas, arremesso de peso e práticas esportivas, como vôlei, basquete e futebol.

Nesse período (década de 1940), o Brasil passava por um processo de industrialização alavancado pelo projeto de nacionalização econômica do País e também pela falta de fornecedores estrangeiros em função da Segunda Guerra Mundial. Houve uma aproximação política com os Estados Unidos por meio de empréstimos e concessões, distanciando-se das relações diplomáticas com os países do eixo: Alemanha, Itália e Japão (PINHEIRO, 1995).

Essas relações político-econômicas se refletiam na Educação e na Educação Física que, juntamente com a necessidade de modernização do País, também modificaram suas bases, assumindo algumas estratégias educativas norte-americanas. Possivelmente, houve nesse momento uma valorização ainda maior dos métodos de ensino que utilizavam a busca pela eficácia, com a delimitação de papéis e o incentivo ao nacionalismo pela defesa da pátria. As práticas esportivas que já circularam na sociedade brasileira desde a década de 1920 (LINHALES, 2009 e SEVCENKO, 1992) ascendem à escola no final desse período (1929) por meio dos cursos realizados por representantes da Associação Cristã de Moços e Associação Cristã Feminina,⁵⁷ intermediadas pela ABE (LINHALES, 2009). Além disso, em um período próximo, há uma institucionalização do método ginástico Francês, como método oficial para a Educação Física no Brasil (1931), o que colabora com a ascensão das práticas esportivas para a escola, a considerar que os grandes jogos, indicados para os adolescentes a partir dos 17 anos (Educação Física secundária – 13 aos 18), partilhavam da lógica esportiva e, mesmo nos pequenos jogos, já incutiam nos seus praticantes a lógica da meta, da individualização de papéis e das regras. Indiciamos que essas práticas, inicialmente indicadas para o final da adolescência, foram sendo assumidas também para os mais jovens (Educação Física elementar – 4 aos 13 anos),⁵⁸ e possivelmente já eram vivenciadas por eles nas praças e nas ruas, corroborando os ideais nacionalistas brasileiros.

⁵⁷ Associações recreativas nascidas na Inglaterra em 1844, com o intuito de proporcionar a integração e confraternização, mediante a formação moral e intelectual dos jovens. Em solo americano, ganha ênfase no desenvolvimento dos valores do caráter e do espírito por meio de práticas esportivas (ASSUNÇÃO, 2012).

⁵⁸ No estudo de Lima (2013), foi identificada a circulação das práticas esportivas no Grupo Escolar Bernardino Monteiro, em Cachoeiro de Itapemirim, no final da década de 1920.

Possivelmente a educação e a Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo consolidou-se como monumentos daquilo que o Estado projetava para a sociedade capixaba como plano para integrá-la a uma dimensão maior, à nação brasileira. Esses mecanismos provavelmente serviriam para organizar a sociedade capixaba, produzindo nela significados que seriam compartilhados, entre os seus atores, como sinônimo de pátria, desde a busca pelas posturas, gestos e comportamentos, até a eficiência, pela responsabilidade com os deveres e defesa do País.

4.2 AS OLIMPIADAS ESCOLARES COMO VITRINE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES

As leituras dos documentos e o contato com os depoimentos nos fizeram perceber que o colégio foi uma instituição que marcou a sociedade capixaba no período estudado. Ele foi o responsável pela formação de importantes nomes da sociedade capixaba: escritores, como Ivan Borgo, José Augusto de Carvalho e Renato Pacheco; médicos, como Benjamin de Souza Gomes Filho, Reinaldo Batista Salgado e Paulo Bonates; advogados, como José Cupertino de Almeida; jornalistas, como Marzia Neves Figueira e Ronaldo Nascimento; autoridades políticas, como Vitor Buaiz (ex-governador) e Pely Cipriano (ex-secretário de Estado de Justiça e Cidadania); professores, como Miguel Depes Tallon, Roberto de Souza Lé e Wilson Aragão; e engenheiros, como Lussemborg Machado e Ruy Dias de Souza etc.⁵⁹

Por meio dos testemunhos, percebemos que as Olimpíadas Escolares eram eventos que contagiavam aquele ambiente. Eram momentos festivos, nos quais grande parte da comunidade da escola se mobilizava para participar, mesmo aqueles que faziam parte deles como expectadores, como os professores, os familiares e os gestores públicos. Esses momentos se colocavam como uma das principais opções culturais (de divertimento) para a sociedade capixaba, como lembra um dos entrevistados: “Os torneios feitos no Estádio Governador Bley eram uma festa, porque não tinha muita opção em Vitória. Eles ocorriam aos finais de semana e as famílias lotavam a arquibancada do estádio. Eu não jogava, mas ia lá ver” (FERNANDO, 1957). Diante disso, podemos inferir que, além de se constituir como uma prática prescrita para a formação da população, como podemos perceber na indicação do Método Francês para as aulas de Educação Física, que tinha nos grandes jogos uma forma didatizada para a promoção do esporte na escola, essas atividades promoviam um sentimento

⁵⁹Ver “Colégio Estadual: 90 anos educando”, 1996.

de participação de grande parte de seus expectadores, que viam naqueles acontecimentos a marca de uma busca pela excelência da qual faziam parte.⁶⁰

Nos eventos cívicos, também podemos identificar uma movimentação similar. Parece que a exposição dos colegiais significava uma espécie de “vitrine” das práticas escolares. Para suas famílias, eram momentos que podiam demonstrar a vitória de seus filhos em participar daquele contexto, mediante a seletividade dos processos de distribuição das vagas da instituição, considerando a existência de uma instituição secundária pública na região de Vitória. Para os alunos, além da possibilidade de exposição de sua conquista por aquele espaço, esses acontecimentos significavam o entrosamento em uma cultura considerada moderna e jovem. Para a elite administrativa do Espírito Santo, a oportunidade de publicizar a efetivação de seu projeto de transformação pela educação e sua aceitação pela sociedade capixaba.

FIGURA 16 - DESFILES CÍVICOS



Fonte: Revista Vida Capixaba, n. 645, 1946.

Havia o sentimento de orgulho por parte tanto dos alunos, quanto das famílias em participar/vislumbrar da/a exibição das/nas práticas realizadas pelo colégio nos eventos, o que contava com toda uma preparação, como ensaios e vestimentas. A busca por esse modelo educativo (o ensino secundário) significou o caminho para o acesso a importantes espaços. Dessa forma, havia um grande investimento das famílias no sentido de encaminhar seus filhos à obtenção de uma vaga no colégio por meio dos Exames de Admissão.

Meu pai foi um homem apaixonado pelo esporte, que saiu de policial de trânsito para ser professor de uma universidade, estudando com livros emprestados por um amigo, ilustre advogado. E por este mesmo caminho me disse para levar a sério os estudos para entrar no colégio (JURANDY, 1943).

⁶⁰ Observar a Figura 2.

O sonho de minha mãe era ter um filho advogado. Teve dois filhos advogados, um bancário e uma funcionária do Tribunal Superior Eleitoral (JURANDY, 1943).

A concorrência por esse espaço era grande, considerando que era a única instituição de ensino secundário pública na região de Vitória e, além disso, comparada com uma importante instituição de nível nacional – o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro – o que lhe conferia um *status* ainda maior.

Na época, tinha-se que fazer um curso de admissão. Era quase um vestibular pra entrar no Colégio Estadual. Não desmerecendo os outros colégios que tinham um nível bastante elevado, mas o Colégio Estadual primava por um ensino muito rígido, nos moldes do Colégio Pedro Segundo do Rio de Janeiro, então o exame de admissão era um verdadeiro vestibular. Os aprovados geralmente festejavam a entrada no Colégio Estadual – era motivo de comemoração tanto dos familiares quanto do próprio aluno (LUCIO, 1952).

A criação dos colégios secundários públicos não garantiu o acesso dos filhos de famílias com menos recursos financeiros para dar continuidade aos estudos, porém, como não havia vagas suficientes para a demanda, o Estado instituiu os Exames de Admissão com o intuito de resolver essa questão, no entanto os mais aptos eram provenientes de famílias mais abastadas em função da participação desses em cursos preparatórios particulares (PESSANHA; SILVA A., 2012). Para algumas famílias, o ensino secundário significava uma oportunidade de ascensão social (NUNES, 2000).

Além da valorização do ensino secundário como oportunidade para o desenvolvimento de importantes carreiras, o Colégio Estadual se constituía como referência para a qualificação desse investimento. Os entrevistados consideravam que a seriedade dos professores, aliada a organização institucional, e as disciplinas de diversos matizes preparavam melhor o aluno. Além disso, havia um engajamento da comunidade escolar com as questões de cunho nacional, como comemorações, festividades e civismo.

Na época do Estado Maior, Estado Novo, da época Vargas, nos vestíamos como soldadinhos e não entrávamos para as aulas sem a devida formatura para o desenvolvimento do Hino Nacional em formação militar e saíamos marchando para as salas. Esse espírito de patriotismo, de amor à pátria era inculcado nas crianças (JURANDY, 1943).

Podemos identificar, nesse testemunho, indícios dos modelos educativos evidenciados para a educação brasileira. O culto ao civismo, a disciplina e a moral eram estratégias utilizadas rotineiramente no contexto do colégio. A postura que se pretendia para os alunos, como amor, respeito e defesa à pátria, era similar ao proposto para o Exército. Esse discurso estava presente na postura exigida para os alunos e também em sua forma de se vestir.

As aulas de Educação Física significavam parte das estratégias educativas para a formação do ideal de civilidade e de eficácia. Os alunos passavam por exames antropométricos que indicavam em que turma iriam se adequar, pois elas eram divididas de acordo com as capacidades apontadas pelos exames.

Para Melo e Ferreira Neto (2005), os grupamentos homogêneos⁶¹ faziam parte de um método que tinha como propósito ser higiênico. O exame “[...] deve visar em primeiro lugar ao bom andamento do crescimento e desenvolvimento infantil e em segundo lugar se preocupar com o desenvolvimento das funções orgânicas e com o aperfeiçoamento da coordenação dos movimentos” (MELO; FERREIRA NETO, 2005, p.10). Isso justificava a preocupação com a formação das turmas, pois, segundo os valores identificados pelos autores na Revista de Educação Física, seria um erro submeter alunos com diferentes valores físicos ao mesmo tipo de exercício.

No ensino secundário, os grupamentos de acordo com o Método Francês e os testes antropométricos, poderiam ser de 4º grau elementar (11-13 anos), 1º grau secundário (13-16 anos) e 2º grau secundário (16-18 anos). Podemos concluir com isso que, conforme evidenciado no relatório de Aloyr Queiroz de Araújo, em 1935, para a turma de grau elementar e para as turmas especiais compostas por aqueles que tinham carências físicas e motoras, os exercícios tinham a função higiênica no trato com o desenvolvimento físico e corretivo dos alunos. No caso das outras etapas, havia uma preocupação com o desenvolvimento, já que, nessas fases, haveria processos avaliativos com o intuito de medir a evolução física dos alunos. Nesse contexto, podemos observar a busca por uma certa eficácia nos trabalhos físicos.

Esta prática pode ser identificada na fala de um dos entrevistados, ao explicar por que não participou das Olimpíadas Escolares já que, naquele momento, era aluno da primeira série

⁶¹ Divisões por turma realizada mediante avaliação denominada exame antropométrico, em que eram medidos peso, altura e capacidade respiratória, por faixas etárias.

ginasial, tinha 11 anos. Segundo ele, “[...] os jogos escolares eram para os mais velhos, aqueles com aptidões” (GABRIEL, 1947). Possivelmente, os alunos que representavam o colégio nos eventos esportivos eram aqueles que faziam parte dos grupamentos mais avançados.

As aulas de Educação Física eram orientadas pelo método ginástico Francês e buscavam, em um primeiro momento, a ordem, a disciplina e o desenvolvimento de um corpo forte pela padronização dos movimentos; mas também trabalhavam com um ideal cada vez mais crescente, dos pequenos e dos grandes jogos, trazendo para o seu ensino a lógica da eficácia, das responsabilidades individuais, das metas a serem alcançadas e da competitividade. Podemos identificar esses ideais, assumidos pela sociedade em geral, quando visualizamos as imagens das aulas de Educação Física, das paradas cívicas, das competições, ou mesmo dos depoimentos dos ex-alunos do Colégio Estadual.

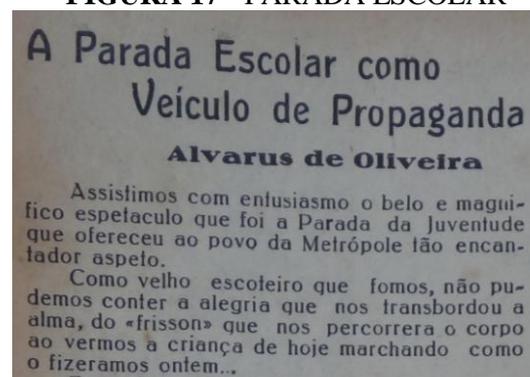
Hoje existe muita liberdade, a educação está se perdendo. Eu não sei por que está acontecendo isso, eu não sei se é em função da evolução do mundo, tudo. Antigamente honestidade era um dever hoje é virtude (GABRIEL, 1947).

Não havia espaço para a bagunça dentro da sala de aula. Eu sou um pouco saudosista, porque infelizmente eu vejo o professor, o diretor, todos perderem o respeito dos alunos. O sentido de liberdade hoje está muito desvirtuado (JURANDY, 1943).

Esses ideais eram incentivados pelo Estado por meio da educação, dos eventos oficiais e extraoficiais e dos veículos de comunicação. Podemos constatar o engajamento da população ao observarmos os desfiles do Dia da Pátria, em que o ícone que representa o Colégio Estadual é o nome de sua associação atlética, a Uages, em função do “peso” das práticas esportivas aliado à disciplina e à organização de inspiração militar presentes nesse culto ao País, que possivelmente eram ensinadas nas aulas de Educação Física.

A parada escolar significava um meio de divulgação dessas práticas pelo desenvolvimento de um ensino voltado para a cidadania engajado na busca pela eficácia. Dessa forma, a imprensa veiculava essas informações como uma

FIGURA 17 - PARADA ESCOLAR



Fonte: Revista Vida Capichaba, n. 543, março de 1942.

espécie de reforço do ideal de organização da sociedade capixaba, projetado pelas elites políticas.

Alinhadas aos mesmos ideais propostos para os acontecimentos cívicos, as práticas esportivas ganhavam o seu espaço no ambiente escolar, em seus grêmios, como um lugar alternativo às aulas de Educação Física, que tinham a ginástica como método de ensino. “Nós treinávamos em outro lugar a parte das aulas de Educação Física. [...] Treinávamos entre nós mesmos, entre aqueles que tinham interesse pelos esportes” (IVAN, 2014).

Esses grêmios estudantis se organizavam em torno daquilo que estava visível na sociedade capixaba – o esporte, considerado um símbolo de modernidade e de juventude (LUCENA, 2001; SEVCENKO, 1992).

Ao relatarem suas lembranças, os ex-alunos discorreram sobre a representação de suas vivências pessoais e estudantis, exercitando suas memórias em relação ao saber e ao convívio com a comunidade escolar. Apresentaram sua visão sobre a relação entre o ensino, os valores e os aspectos sociais vigentes naquele contexto.

Observamos que, nas recordações, há uma busca pela legitimidade do passado, pela valorização do disciplinamento e caracterização dos discentes como bons alunos, pelo exercício do respeito entre si e com os professores e pela qualidade do ensino observada nas exigências dos processos de seleção, nas avaliações e na gama de disciplinas praticadas no currículo escolar, para além dos conhecimentos elementares.

Eles consideravam que a seriedade dos professores, aliada à organização institucional e às disciplinas de diversas matizes, preparava melhor o aluno. Além disso, havia um engajamento da comunidade escolar com as questões de cunho nacional, como comemorações, festividades e civismo.

As aulas de Educação Física, entre a segunda metade da década de 1940 até a primeira metade da década de 1950, eram constituídas de exercícios ginásticos militares realizados num pequeno pátio no prédio da Faculdade de Filosofia (Fafi): “Tínhamos apenas aula de ginástica, talvez militarizada, devido às limitações físicas da escola” (LÚCIO, 1952).

Na segunda metade da década de 1950, as aulas eram constituídas de exercícios atléticos realizados no Estádio Governador Bley, no contraturno.

A gente fazia de uma forma geral a Educação Física, exercícios físicos, corridas, saltos, corridas com troca de bastão, tudo isso, salto a distancia, salto em altura, tudo isso era ministrado nessas aulas pela parte da manhã, porque eu estudava durante a tarde (FERNANDO, 1957).

Os exercícios que fazíamos eram esses exercícios comuns, de braços, de pernas, de flexões, essas coisas! (IVAN, 1952).

Talvez as práticas realizadas no pátio da Escola Normal e no pátio da Fafi, como a ginástica e os pequenos jogos, não tenham em seu significado apenas a relação com os limites físicos para esses espaços, mas estejam relacionadas com os grupamentos, que deveriam ter uma prática mais restrita, e outros com exercícios mais vigorosos e por isso somente os mais “aptos”, aqueles que o método indicava como “capazes”, poderiam participar das práticas atléticas realizadas no Estádio Governador Bley.

4.3 CONSIDERAÇÕES

Compreender uma realidade significa falar também dos movimentos que são menos visíveis, para que, ao analisarmos progressivamente as camadas que constituem a sua história, possamos conhecê-los, mesmo que de forma aproximada, já que não nos é dado o “poder” para apreciarmos a sua “totalidade”. Reconhecemos que boa parte do conhecimento relativo à Educação Física ainda é evidenciado por pesquisas que se constituem como monumentos para a sua história, servindo de referência para representar diferentes contextos, em função do acesso limitado a fontes documentais que pudessem oferecer pistas.

Por isso há uma necessidade de produção de novas pesquisas que tragam novos elementos para as análises propostas por outros estudos, podendo, dessa forma, construir novos significados para os objetos investigados. Acreditamos que as questões físicas e biológicas estiveram presentes na constituição da Educação Física como disciplina no colégio, mas também se faziam urgentes as questões de civilidade, disciplina e competição, que diziam respeito a uma outra demanda política e econômica para o País, não mais evidenciadas somente na formação de uma raça melhor e mais forte, mas de um povo que compreendesse a lógica da competição, do trabalho e das responsabilidades individuais.

Ao trabalharmos com as fontes orais, percebemos que as Olimpíadas Escolares eram responsáveis por reunir diferentes expectativas em seu entorno – o seu uso como estratégias

políticas relacionadas com a exposição pública do sentimento de pertencimento e de gozo pelas vitórias. Os entrevistados relacionaram a importância da Educação Física com os méritos esportivos alcançados pela escola, como também as características almejadas por meio dela como força e saúde.

Talvez a associação feita pelos entrevistados entre a Educação Física e as práticas esportivas seja um amadurecimento de suas concepções, que tratam de maneira diacrônica o conhecimento atual sobre o assunto como se fosse similar às práticas do passado, considerando a associação hodierna do esporte com a Educação Física do contexto estudado. Além disso, a relevância dada ao esporte pelos meios de comunicação naquele contexto poderia torná-la uma prática com bastante visibilidade social.

Percebemos que o desejo de valorizar a formação moral e disciplinar era ideal projetado pelos Estados para a sociedade, principalmente pela sua base de formação estrutural – a escola, como forma de obter maior eficiência na formação e fortalecimento da nação brasileira. Por isso, os trabalhos físicos, bem como as formações militares e ginásticas eram vivências obrigatórias dentro do currículo escolar.

Dessa forma, a Educação Física se tornou um dispositivo obrigatório de transformação das posturas e dos gestos, inculcando, por meio de suas práticas, um ideal de pertencimento, que mais adiante estaria aliado ao trabalho e à saúde, disseminado por meio do campo educacional, nos eventos oficiais (paradas, desfiles, competições, comemorações etc.) e nos meios de comunicação.

A Educação Física no colégio não se resumiu a uma vulgarização daquilo que a constituiu como um espaço acadêmico. As práticas realizadas ali não foram uma simplificação, mas uma significação própria dada pelos seus atores. Podemos dizer que, mesmo tendo sido o esporte a ordem do dia naquela sociedade, tal disciplina possuía a sua própria lógica de funcionamento, composta entre a prática docente e suas perspectivas formativas aliadas à necessidade de formar toda uma geração para o patriotismo, para os cuidados consigo e para a competição; e, entre as práticas discentes, também imersas nesse contexto, pois compreendiam a importância dos valores pregados, mas possuíam os seus próprios interesses, como o sentimento de pertencimento àquela demanda cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalharmos com uma diversidade de fontes, pudemos acessar e compreender algumas questões com relação ao colégio que foram se revelando gradualmente por meio do nosso entendimento sobre as pistas nelas deixadas. Foram necessárias muitas organizações e reorganizações das séries documentais para que pudéssemos nos apropriar das representações dos seus significados, considerando que cada contexto produz práticas de acordo com suas próprias necessidades de atuação, transformando os documentos em monumentos daquilo que consideram importante deixar registrado.

A revisão nos apresentou o Colégio Estadual do Espírito Santo como uma instituição que esteve ligada à construção de uma imagem positiva e moderna do Espírito Santo, pela formação de diferentes elites administrativas e pela demonstração da seriedade/esforço nesse projeto. Apesar das dificuldades enfrentadas pelo Estado na manutenção dessa instituição em funcionamento, como as constantes mudanças de estrutura e também a falta de um espaço interno para as práticas físicas, esses episódios foram utilizados como parte de uma tática das elites capixabas que procuravam justificá-las em função da qualificação do ensino ofertado ali. Ainda assim, era um espaço disputado em consequência de seu renome – instituição equiparada ao Colégio Imperial Pedro II – e do baixo quantitativo de instituições públicas secundárias na região.

Nesse contexto, a Educação Física tinha o papel de civilizar os indivíduos para a organização social e treiná-los para o emergente ideal de individualização de papéis e busca pela eficiência. A sua transformação em disciplina não abandonou o sentido anterior desse termo, que estava alinhado à vigilância das condutas desejáveis à manutenção da boa ordem, sem uma relação direta com os conteúdos de ensino. No entanto, permanece o sentido disciplinador, mas passa-se a dar ênfase também aos métodos e regras para o domínio daquilo que envolve o aprendizado e que traz em si um arcabouço de saberes a ensinar.

O espaço para as aulas naquele momento não poderia ser mais estratégico – a Escola Superior de Educação Física – já que havia um certo controle sobre as práticas físicas e sobre as posturas dos professores e dos alunos, registrado nas trocas de correspondência entre as instituições envolvidas e pelos comunicados publicados na grande imprensa. O teste antropométrico, realizado duas vezes por ano, também poderia ser uma evidência desse “zelo”, pois significava o ponto de partida para a seleção das atividades. Formavam-se

grupamentos homogêneos que apontavam as ações a serem desenvolvidas para os seus membros. Dessa forma, os exercícios vigorosos eram indicados para os alunos mais velhos e mais fortes; os exercícios leves, para os mais jovens; e os exercícios corretivos destinavam-se a todos aqueles que apresentassem uma saúde mais debilitada.

Os esportes, disseminados no ambiente escolar por meio das Olimpíadas Escolares, apesar de terem o seu auge nas décadas de 1960 e 1970, como apresentado na revisão, começam a circular nesse meio já em 1930, como atividade dos grêmios estudantis. Eles funcionavam como um dispositivo de demonstração do projeto de modernização do Estado pelas práticas que traziam em si a capacidade de afirmação de uma possível superioridade, concordando com os preceitos de uma nova forma de “guerra,” que não se define mais no campo das lutas físicas, mas das lutas simbólicas, conferindo-lhes, para além da busca pela formação para a pátria, a delimitação de papéis, a eficácia, as metas e as regras. Esses valores podem ser observados até mesmo no cuidado com as atividades direcionadas aos alunos dos diferentes grupamentos. Pela divulgação de suas práticas, poderia se convencer a sociedade a respeito desses propósitos, para formar uma nação composta por indivíduos com boa postura, gestos e comportamentos, que possuem como bem comum a defesa da pátria e o desenvolvimento da excelência em suas práticas.

Possivelmente essas atividades ocorriam num momento extra-aula, dentro da dinâmica do grêmio escolar, conforme apontado por Araújo (1935), em sua publicação para a Revista de Educação do Espírito Santo,⁶² que trata da criação da Uages como uma forma de atrair os jovens capixabas para um meio onde os exercícios realizados seriam estimulantes, mas sem provocar a “degenerescência”. Nas décadas de 1940 e 1950, as práticas esportivas continuavam a ocorrer paralelamente às aulas de Educação Física, que contavam apenas com exercícios ginásticos e atléticos como conteúdos de ensino (TESTEMUNHOS DOS EX-ALUNOS, 2013, 2014).

Percebemos que, apesar de as práticas formativas escolares contarem com os conteúdos delimitados e direcionados pelo Método Ginástico, os objetivos do ensino escolar se aproximam do modelo proposto pela formação militar. Dessa forma, a defesa da pátria era

⁶² A Revista de Educação foi um periódico voltado para os professores, produzido pelo governo do Estado. A sua materialidade indicava formas de atuação que estavam alinhadas com as demandas políticas estaduais. Por meio dela, é possível perceber um projeto de escolarização para a Educação Física no Espírito Santo (SCHNEIDER *et al.*, 2013).

uma meta constituída em diferentes âmbitos da sociedade, desenvolvida de forma física pelos militares e de forma simbólica pelos cidadãos.

Ao analisarmos os arquivos institucionais e a imprensa, percebemos os usos dessas práticas como uma estratégia dos nossos gestores em conquistar a juventude capixaba, com exercícios que, ao mesmo tempo, excitavam e disciplinavam, ensinando-lhes a lógica da eficácia num ambiente “controlado” e ainda como uma tática em relação contexto nacional, pois, ao se posicionar com projetos modernizadores, o Estado buscava transpor a sua condição econômica marcada pela estrutura agrária. A imprensa confirma essa lógica ao apresentar reportagens que valorizavam as práticas que davam visibilidade ao colégio, como os eventos esportivos e os eventos cívicos, construindo uma imagem da cooperação da sociedade capixaba a esse empreendimento. No entanto, para os alunos e para a população, esses momentos significavam também uma oportunidade de divertimento, de expor o orgulho pelas conquistas, pela oportunidade em fazerem parte de um contexto de ensino tão seletivo.

Percebemos que a escolarização de Educação Física no Espírito Santo se constituiu entre a disseminação dos discursos daqueles que representavam as instituições envolvidas nesse meio – cursos de formação, Secretaria de Educação e escola – e a projeção e aceitação dessas práticas pela sociedade capixaba. Apesar de suas condições econômicas, o Estado pôde contar com o desenvolvimento de um dos primeiros cursos de Educação Física para civis do País, responsável pela formação de importantes figuras do cenário nacional, como Aloyr Queiroz de Araújo, que participou da organização da Educação Física Capixaba e Catarinense, e Luzia Paoliello, que passou a reger uma cadeira na Escola Nacional de Educação Física (BOREL, 2012). Encontramos também, entre os membros da Escola de Educação Física, Carlos M. de Medeiros, um dos autores do livro “Histórico da educação física”, que serviu de referência para os cursos de Educação Física no âmbito nacional.

Com isso, podemos inferir que as práticas realizadas na Educação Física do Espírito Santo e, por consequência, circularam no Colégio Estadual do Espírito Santo, pelas trocas realizadas por diferentes profissionais, espaços e instituições, se tornaram uma importante referência dessa disciplina em relação ao seu desenvolvimento, que superara as expectativas locais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Aloyr Queiroz de. A educação Física no Gymnásio do Esp. Santo. **Revista de Educação**, Vitória, v. 14, p. 28- 40, 1935.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ASSUNÇÃO, Wallace Rocha. **Presença americana na educação física brasileira: padrões culturais na imprensa periódica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BÉLACHE, Heitor Rossi. Educação física científica: antropometria. In: **Concurso científico-literário de autores espiritosantenses: prêmio “Estado do Espírito Santo”**. Vitória: Estado do Espírito Santo, 1938.

BLOCH, M. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONORINO, Laurentino Lopes; MOLINA, Antonio de Mendonça; MEDEIROS, Carlos M. de. **Histórico da educação física**. Vitória: Imprensa Oficial, 1931.

BOREL, Tatiana. **Processos de formação e práticas docentes na constituição histórica da educação física escolar no Espírito Santo, nas décadas de 1930 e 1940**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BRACHT, Valter *et al.* Itinerários da educação física na escola: o caso do Colégio Estadual do Espírito Santo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 4, p. 9-21, jan./abr. 2005.

BRITTO, Jairo de. **Colégio Estadual do Espírito Santo: 90 anos educando**. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 1996.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista: Edusf, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 17- 48.

CERTEAU, Michael de. Fazer com: usos e táticas. In: _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 91-106.

CHARTIER, Roger. Imagens. In: BURGUIERE, André. **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 405-408.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**: Instituto de Estudos Avançados – USP, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991.

CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**: Instituto de Estudos Avançados – USP, São Paulo, V. 8, n. 21, p. 185-199, abr. 1994.

CHAVES JÚNIOR, Sergio Roberto. **A educação física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná**: contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931-1951). 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares. **Teoria & Educação**, Porto Alegre: Panônica, n. 2, p. 177-229, 1990.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira de. O Imperial Collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 69-81, set. 2003.

DUARTE, Tereza. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). **CIES e-Working Paper**, Lisboa, n. 60, p. 1-24, 2009. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2014.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FALCÃO, Elis Beatriz de Lima. **História do ensino da leitura no Espírito Santo (1946-1960)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia do exército na escola**: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz: Facha, 1999.

FRANÇA, Brunella; ZORZAL, Gabriela; AZEVEDO, Simone. Era Vargas: o Espírito Santo nas mãos de um interventor mineiro. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Quase 200**: a imprensa na história capixaba. Vitória: DIO, 2008, p. 121-138.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 3-13.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**: memória e sociedade. Lisboa: Difel, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica e prova.** São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira.** São Paulo: Loyola, 1988.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O Método Francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola.** 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) – Curso de Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Vitória, 1992.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro na década de 1930. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.** (on-line). v. 7, n. 3, p. 705-719, 2012.

GUARATO, Rafael. Por uma compreensão do conceito de representação. **História e-história.** 2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=127>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

HESS, Regina Rodrigues; FRANCO, Sebastião Pimentel. **A República no Espírito Santo.** Vitória: Multiplicidade, 2012.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LINHALES, Meily. Assbú. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais.** São Paulo: Editora Cortez, 2009.

LIMA, Lidiane Picoli. **Práticas de escolarização da educação física no Espírito Santo: o Grupo Escolar Bernardino Monteiro (1908-1925).** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Curso de Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo; Contexto, 2008. p. 111-153.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MANIFESTO DOS PIONEIROS da educação nova. **Revista HISTEDBR** (on-line), Campinas, p. 188-204, ago. 2006. Número especial.

MARINHO, Inezil Pena. **História da educação física e dos desportos no Brasil.** Rio de Janeiro: Ebal, 1980.

MEDEIROS, Ana Gabriela *et al.*. Rituais escolares: notas sobre jogos e olimpíadas escolares como rituais. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 23, n. 2, p. 217-227, 2. trim. 2012.

MEDEIROS, Carlos M. de; RIBEIRO, Claudionor. Parecer da comissão técnica examinadora - seção de educação física. **Prefácio do Concurso científico-literário de autores espiritosantenses**: prêmio “Estado do Espírito Santo”. Vitória: Estado do Espírito Santo, 1938.

MELO, Ediane Maia; FERREIRA NETO, Amarílio. A pedagogia na educação física: indícios de uma teoria em ação. In: **II Seminário do CEMEF-UFMG**, 2005. Disponível em: <<http://proteoria.org/modules/publisher/item.php?itemid=95&keywords=cemef>>. Acesso em: 28 out. 2013.

MONTEIRO, Lorena. Estudo de elites políticas e sociais: as contribuições da sociologia e da história. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2009.

MORAES, Camen Sylvia Vidigal ; ZAIA Iomar Barbosa; VENDRAMETO Maria Cristina. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. **Pró-Posições**, v. 16, n. 1, p.117-133, jan./abr. 2005.

MURTA, Milena Simões. Jornalismo impresso: interesse público ou comércio. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Impressões capixabas**: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. p. 12-24.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria e Educação**, Panorâmica, Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos da Anped**, Belo Horizonte, n. 5, p. 7-64, set. 1993.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Org.). **História e memória da escola nova**. São Paulo: Loyola, 2003.

NUNES, Clarice. O “velho” e o “bom” ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Edição Especial–500 anos da educação escolar, n. 14, p. 35-60, maio, 2000.

PACHECO, Raquel Menezes. Imprensa e modernidade: algumas considerações em torno dos anúncios de jornal. In: GIL, Natália; CRUZ e ZICA, Matheus da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Moderno, modernidade e modernização**: a educação nos projetos de Brasil: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PACHECO, Renato. No colégio Estadual do Espírito Santo. In: BRITTO, Jairo de. (org.) **Colégio Estadual do Espírito Santo**: 90 anos educando. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 1996. p. 121-128.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabianny de Cássia Tavares. História de uma instituição escolar: democratização ou elitização do Ensino Secundário (1939-1971). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2012, Lisboa, PT. **Anais do IX**

Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Lisboa, PT: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012.

PINHEIRO, Letícia. A entrada do Brasil na II Guerra Mundial. **Revista USP**, São Paulo, n. 26, p. 108-119, jun./ago., 1995.

RAMOS, Marise Nogueira. O ensino médio ao longo do século XX: um projeto inacabado. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v. III, p. 229-242.

REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 203-209.

RUBIO, Kátia. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 55-68, jan./mar. 2010.

SALIM, Maria Alayde Alcantara. **Encontros e desencontros entre o mundo do texto e o mundo dos sujeitos nas práticas de leitura desenvolvidas em escolas capixabas na Primeira República.** 2009. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

SCHNEIDER, Omar *et. al.* A Revista de Educação no governo João Punaro Bley e a escolarização da Educação Física no Espírito Santo (1934-1937). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 13, n. 1, p. 43-68, 2013.

SCHNEIDER, Omar. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da educação física nas décadas de 1930 e 1940: um estudo a partir da Revista de Educação Physica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 39-54, jan. 2004.

SCHNEIDER, Omar; LOCATELLI, Andrea, Brandão. **Educação física, educação e escolarização.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, André Luiz dos Santos. **Nos domínios do corpo e da espécie:** eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da educação física. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Curso de Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Dirce Maria Corrêa da. **Escola de educação física do Espírito Santo:** suas histórias, seus caminhos. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1996.

SILVA, Janaina *et. al.* Pós-guerra, pré-golpe: a mídia capixaba de 1945 a 1964. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Quase 200:** a imprensa na história capixaba. Vitória: DIO, 2008. p. 138-153.

SILVA, Marta Zorzal. **Espírito Santo: estado, interesses e poder**. Vitória: FCAA, 1995.

SIMÕES, Regina Helena Silva; SALIM, Maria Alayde Alcantara; TAVARES, Johelder Xavier. O Ginásio do Espírito Santo no contexto das políticas educacionais do Estado brasileiro (1933-1957). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: UFU, 2006. p. 5565-5577.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org.). **Por uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2001.

TABORDA, Marcus Aurélio. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. 2001. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

VEIGA, Cynhtia Greive. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 21, p. 90-113, set./out./nov./dez. 2002.

VIANNA, George; TETE, Gleyson; NUNES, Guido. A Tribuna: memórias de um jornal sem registros. In: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Impressões capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. p. 81-98.

VICENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a forma escolar. 2001. **Educação em Revista**. n. 33, p. 7-47, 2001.

VILASCHI, Arlindo; FELIPE, Edinilson Silva; OLIVEIRA, Ueber José de. Visões compartilhadas e coalizão de possibilidades: a antessala do processo de industrialização. In: VILASCHI, Arlindo (Org.). **Elementos da economia capixaba e trajetórias de seu desenvolvimento**. Vitória, ES: Flor & Cultura, 2011, p. 29-51.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. As novas tecnologias e a pesquisa em história da educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2000. p. 45-62.

FONTES

ABERTURA do período letivo. **Jornal A Gazeta**. Vitória, 1950.

ARQUIVO do Colégio Estadual do Espírito Santo. **Arquivo pessoal**. Vitória 2013.

ATESTADO de exercício. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1947 e 1956.

CONQUISTAS esportivas. **Revista Vida Capichaba**. Vitória, 1947.

CORPO docente em exercício. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1945.

CORRESPONDÊNCIAS da diretoria do Colégio Estadual. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1954.

CRONOGRAMA de aula. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1944.

CRONOGRAMA de aula. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1947.

DESFILES cívicos. **Revista Vida Capichaba**. Vitória, n. 645, 1946.

DOSSIÊS de alunos. **Arquivo da Escola Superior de Educação Física**. Vitória, 1932-1951.

EDUCAÇÃO física. **Jornal A Gazeta**. Vitória, 1942

ESTADIO Governador Bley. **Jornal A Gazeta**. Vitória, abril de 1941.

EXAME biométrico. **Arquivo da Escola Superior de Educação Física**. Vitória, 1947.

GABINETE de antropometria. **Revista de Educação Physica**. Vitória, n. 27, 1939.

OFÍCIO enviado pelo ginásio ao secretário da instrução pública. **Arquivo Público Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1925.

OFÍCIO enviado pelo ginásio ao secretário da instrução pública, **Arquivo Público Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1926.

OFÍCIO enviado pelo secretário de Saúde e Educação de Vitória ao Colégio Estadual. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1941.

OFÍCIO enviado à inspetoria federal. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1942.

OFÍCIO recebido da Secretaria da Educação e Saúde Pública. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**, Vitória, 1942.

OFÍCIO recebido do Serviço de Educação Física. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1947a.

OFÍCIO enviado por Aloyr Queiroz ao Colégio Estadual. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1947b.

OFÍCIO enviado ao Serviço de Educação Física. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1958.

OLIMPÍADA escolar. **Revista Brasileira de Educação Física**. n. 33, 1946.

OLIMPÍADA escolar. **Jornal A Gazeta**. Vitória, 1946.

OLIMPÍADA escolar. **Revista Vida Capichaba**. Vitória, n. 654, 1947.

OLIMPÍADAS escolares. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1950.

PALESTRA sobre a pátria. **Arquivo da Escola Superior de Educação Física do Espírito Santo**. Vitória, 1955.

PARADA Escolar. **Revista Vida Capichaba**. Vitória, 1942.

PAUTAS de chamada. **Arquivo da Escola Superior de Educação Física do Espírito Santo**. Vitória, 1949 e 1958.

PORTARIA recebida do Serviço de Educação Física. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1947.

TELEGRAMA enviado ao Colégio Estadual. **Arquivo Colégio Estadual do Espírito Santo**. Vitória, 1943.

TRABALHO no Colégio Estadual do Espírito Santo. **Arquivo pessoal**. Vitória, 2013.

UNIÃO Atlética Ginásio do Espírito Santo. **Revista Vida Capichaba**. Vitória, n. 525, 1941.

ENTREVISTADOS

Fernando Antônio Macedo, 2 de maio de 2013.

Gabriel Leonidas dos Arcos, 10 de maio de 2013.

Ivan Amaro Colnago, 11 de dezembro de 2013.

Jurandy Angêlo, 24 de junho de 2013.

Lucio Alberto Pinto Queiroz, 25 de abril de 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM EX-ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950

- 1 Nome completo?
- 2 Qual a sua profissão?
- 3 Qual a profissão dos seus pais na época em que estudou no colégio?
- 4 Qual foi o período (ano) em que estudou no colégio? Quais séries você fez lá?
- 5 Passou por alguma avaliação para entrar na escola?
- 6 Onde eram realizadas as aulas de Educação Física? Em qual local?
- 7 Quem era o professor de Educação Física quando estudou no colégio?
- 8 Qual era a postura do professor nas aulas? O que ele cobrava dos alunos? O que ele ensinava?
- 9 Como eram as suas turmas (meninos e meninas juntos, idade similar)?
- 10 Como eram as aulas de Educação Física?
- 11 O que vocês faziam nas aulas de Educação Física? Qual a atividade preferida pelos alunos ou a mais praticada?
- 12 Com que frequência (quantas vezes) tinham aulas de Educação Física? Em quais dias da semana?
- 13 Qual era o significado dessas atividades para você?
- 14 O que foi marcante para você nas aulas de Educação Física?
- 15 Qual era a importância da Educação Física naquela época perante a escola e a sociedade?
- 16 Você participava da Uages?
- 17 Como os alunos eram selecionados para a Uages? O aluno podia se inscrever em mais de uma modalidade?
- 18 Os treinamentos eram realizados em que momento? Por um ou mais professores?
- 19 De quais campeonatos a escola participava?
- 20 Como eram esses campeonatos? Em que horário?
- 21 A instituição conquistou algum campeonato? Você se recorda de algum campeonato? Quais eram as premiações?

APÊNDICE B – MAPEAMENTO SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA REFERENTE AO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO

Quant.	Autor	Grupo de pesquisa	Fonte	Instituição Ano	Tipo de trabalho	Título	Orientação
01	Mania Alayde Alcantara Salim	NUCAPHE - Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação	CAPES	UFES/ 2009	Tese de doutorado	Encontro e desencontros entre o mundo do texto e o mundo dos sujeitos nas práticas de leitura desenvolvida em escolas capixabas na primeira república.	Regina Helena Silva Simões -
02	Tatiana Borel	NUCAPHE - Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação	CAPES	UFES/ 2012	Dissertação de Mestrado	Processos de formação e práticas docentes na constituição histórica da Educação Física escolar no Espírito Santo nas décadas de 1930 e 1940	Regina Helena Silva Simões -
03	Regina Helena Silva Simões; Mania Alayde Alcantara Salim e Johelder Xavier Tavares	NUCAPHE - Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação	Livro "História da Educação no Espírito Santo: vestígios de uma construção"	UFES/ 2009	Capítulo de livro	O gniásio e o Colégio Estadual do Espírito Santo no contexto das políticas públicas educacionais do Estado brasileiro (1933-1957).	Regina Helena Silva Simões -

04	Regina Helena Silva Síntese; Maria Alayde Alcântara Salim e Jobelder Xavier Tavares	NUCAPHÉ - Núcleo Capicaba de Pesquisa em História da Educação	VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação.	UFU/ 2006	Artigo completo	O Ginásio do Espírito Santo no contexto das políticas públicas educacionais do Estado brasileiro.	Regina Helena Silva Síntese -
05	Valter Bracht; Rosely Maria da Silva Pires; Ana Flávia Sofiste; Sabina Poloni Garcia; Felipe Quintão de Almeida; Elisa Barcellos da Cunha e Silva; Evânia Nunes de Angehi; Mauro Sérgio da Silva.	LESEF - Laboratório de Estudos em Educação Física	Revista Movimento	UFRRGS/2005	Artigo Completo	Itinerários da Educação Física na Escola: O caso do Colégio Estadual do Espírito Santo	Valter Bracht
06	Aloyr Queiroz de Araújo		Revista de Educação	1935	Artigo Completo	A educação Física no Gymnásio do Esp. Santo	
07	Governo do Estado do Espírito Santo		Livro "Colégio Estadual do Espírito Santo - 90 anos educando.	1996	Narrativas		

ANEXO

ANEXO – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - UFES -
CAMPUS GOIABEIRA



PROJETO DE PESQUISA

Título: A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO: ATORES PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES (1943-1957)

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 06049512.0.0000.5542

Pesquisador: Grasiela Martins Lopes Poleze

Instituição: Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 113.113

Data da Relatoria: 04/10/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se da pesquisa de mestrado da aluna Grasiela Martins Lopes Poleze, sob orientação do professor Dr. Omar Schneider, sob um enfoque histórico.

Objetivo da Pesquisa:

O estudo busca compreender o processo de institucionalização da Educação Física como disciplina escolar na região de Vitória, entre os anos de 1940 e 1950.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto não apresenta conflitos éticos, sendo proposto de forma adequada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE não apresenta as informações de contato com o comitê de ética.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto é apresentado de forma adequada, mas é necessária a inclusão do e-mail e telefone de contato do CEP Goiabeiras, pois tais informações devem estar acessíveis aos participantes.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.090-000
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3335-2711 **E-mail:** thiago.moraes@ufes.br